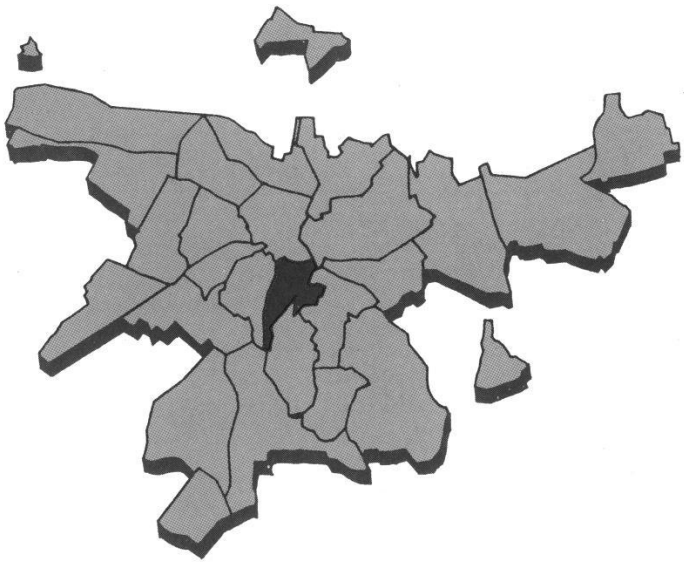
cadernos do igepac sp 2

Liberdade



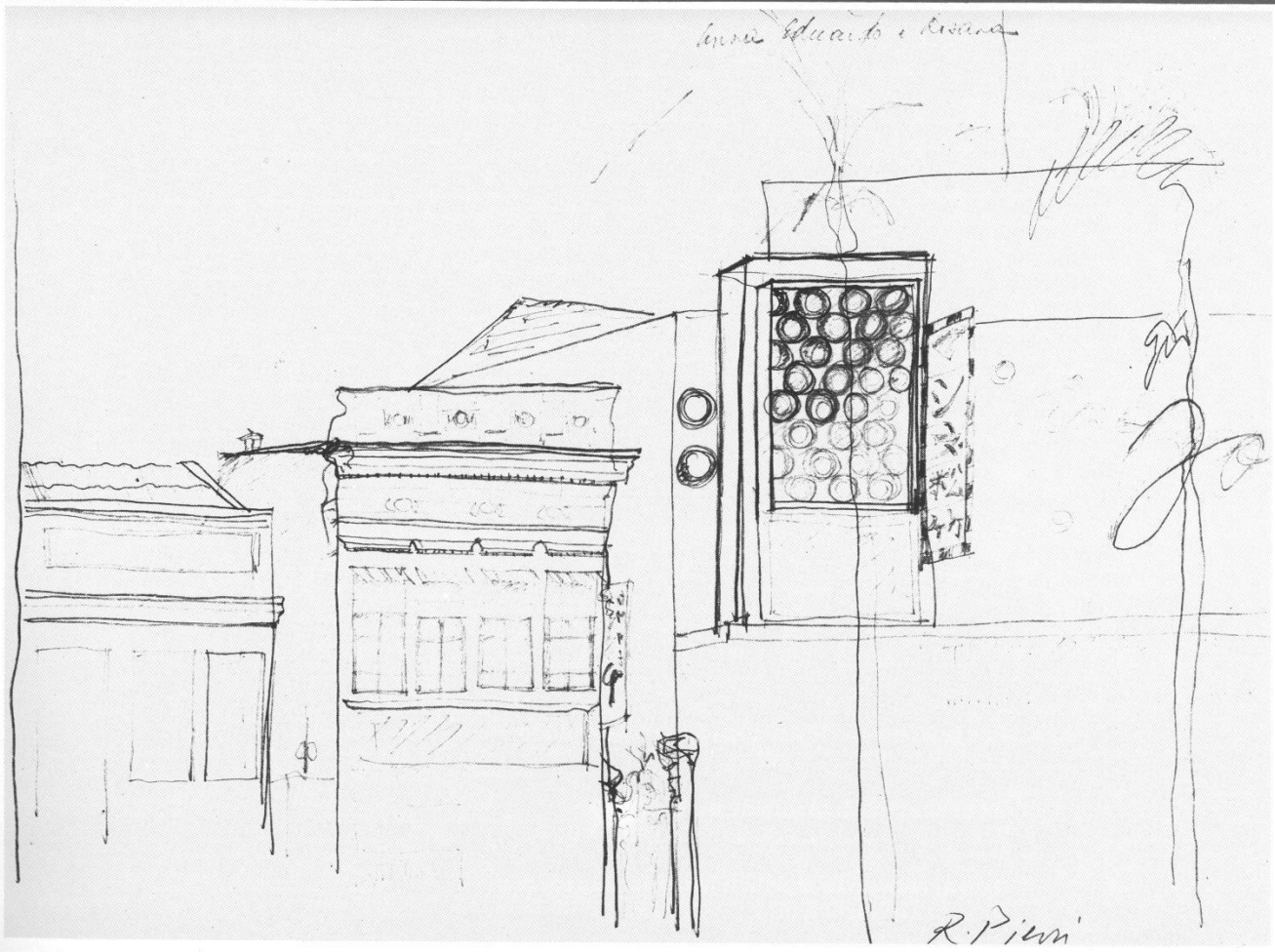
igepac sp

Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo

Liberdade

Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo

CADERNOS DO IGEPAC-SP 2



Prefeitura do Município de São Paulo
Prefeito Jânio Quadros

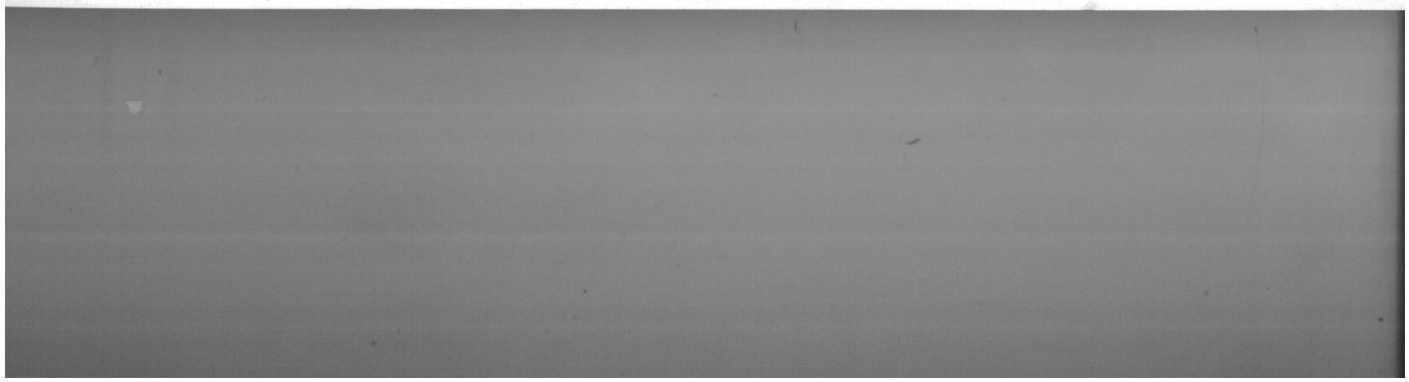
Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Jorge Antonio Miguel Yunes

Departamento do Patrimônio Histórico
Diretor Cesar Arruda Castanho

Liberdade

Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo

CADERNOS DO IGEPAC-SP 2



São Paulo (Cidade). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico.
Inventário geral do patrimônio ambiental e cultural: Liberdade / Leila Regina Diêgoli, coord. ; et al. — São Paulo : Departamento do Patrimônio Histórico 1987.
126p. — il. Cadernos do IGEPAC-SP; 2)

S/241i
v.2

CDU — 719(816.11)

Maria Luiza Dutra
Diretora da Divisão de Preservação

Maria Lúcia Perrone Faro Passos
Chefe da Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisas

Leila Regina Diegoli
Chefe da Seção Técnica de Crítica e Tombamento e Coordenação geral do IGEPAC-SP

Maria Imaculada Forlani
Mirthes Ivani Soares Baffi
Normando José Martinez Santos
Pesquisa Histórica

Margarida Cintra Gordinho
Tania Maria Martinez
Maria Imaculada Forlani
Maria das Graças Fontes de Almeida Silva Baeder
Estagiária Yara Schreiber
Pesquisa Sociológica

Rosana Pierri
Eduardo de Oliveira Elias
Anna Beatriz Ayrosa Galvão
Mirthes Ivani Soares Baffi
Normando José Martinez Santos
Levantamento de Campo, Diagnóstico e Propostas

Lilian Jaha
Estagiária Rita de Cássia S. Gonçalves
Arte Final

Michael Robert Alves de Lima
Wilson Weigi
Levantamento Fotográfico
Bartira Velludo Varela Costa
Colaboração

APRESENTAÇÃO

A Divisão de Preservação do Departamento Histórico está elaborando desde o ano de 1983, O Inventário Geral do Patrimônio Ambiental e Cultural Urbano de São Paulo — IGEPAC-SP.

O IGEPAC-SP caracteriza-se como um trabalho sistemático de reconhecimento, documentação, proteção e divultação do que constitui o Patrimônio Ambiental e Cultural Urbano de São Paulo.

São objeto de inventariação não apenas os bens ambientais e culturais urbanos consagrados como ''monumentais'', mas também modos de organização do espaço urbano e suas várias etapas e formas de evolução.

Preconizamos a inventariação dos elementos que particularizam o patrimônio ambiental e cualtural urbano de São Paulo, quer pelos valores historicos, arquitetônicos e artísticos, quer pela representatividade quanto a pluralidade de ocorrência, formação dos conjuntos, marcos referenciais da paisagem, estruturação de valor ambiental, caracterização de tipos de agenciamentos urbanos cuja valorização está em sua manifestação repetitiva na cidade e outras cujo valor está na qualidade de promover uma auto-referência e uma relação de afetividade.

O objetivo do IGEPAC-SP fundamena-se na questão central da memória e da identidade urbanas, e dentre os objetivos específicos ressaltamos a necessidade urgente do IGEPAC-SP participar nas políticas e planos de desenvolvimento urbano, no que diz respeito às áreas a serem preservadas e outras sujeitas à renovação urbana.

Para elaboração do IGEPAC-SP foi eleito um perímetro de trabalho que abarca grande parte dos bairros mais antigos da cidade de São Paulo.

Participa da elaboração deste trabalho uma equipe multidisciplinar constituída por arquitetos, historiadores, estagiários e um sociólogo, coordenada por um arquiteto e um historiador. Este trabalho corresponde a uma das 28 áreas que fazem parte do perímetro de abrangência do IGEPAC.

Esta publicação é o segundo volume da série Cadernos do IGEPAC-SP, que visa a divulgação junto à população em geral, de um resumo dos produtos obtidos durante os trabalhos no bairro da Liberdade.

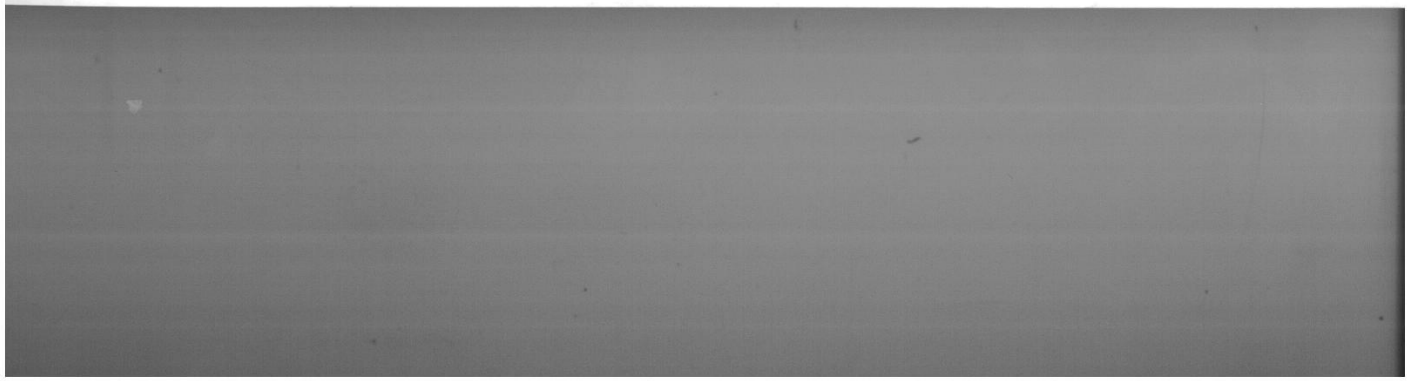
São Paulo, novembro de 1986

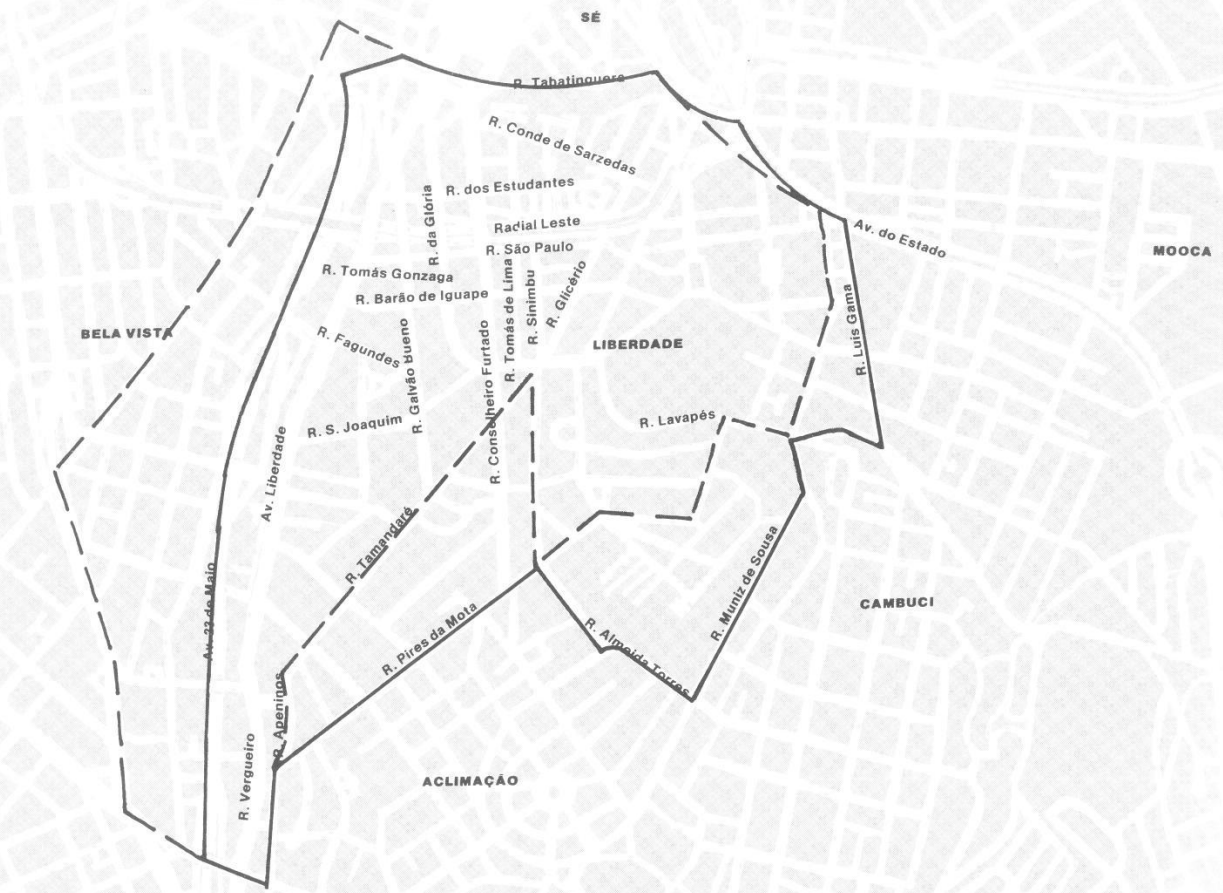
A Equipe

Rua Barão de Iguape, detalhe da fachada

SUMÁRIO

Apresentação
Introdução
Aspectos Históricos
Ocupação Física
Aspectos Sócio-Culturais
Aspectos Urbanísticos
Evolução Urbana 1841-1930
Parcelamento do Solo e Predominância de Uso das Edificações
Traçado Urbano Contemporâneo e Mudanças de Uso
Subáreas e Manchas
Subárea 1
Mancha Centro
Mancha Glória-Lavapés
Mancha Galvão Bueno
Subárea 2
Mancha Sarzedas e Mancha Sinimbu-Barão de Iguape
Subárea 3
Subárea 4
Mancha Taguá-São Joaquim
Mancha Tamandaré
Subárea 5
Mancha 23 de Maio-Vergueiro
Mancha Apeninos
Propostas de Intervenção
Objetivo das propostas
Definição da Área da Proposta e Critérios de Intervenção
Definição da Proposta
Recomendações
Glossário
Bibliografia





Perímetro oficial do bairro da Liberdade
Perímetro de trabalho

A área da Liberdade foi a primeira escolhida para a elaboração do IGEPAC-SP dada a sua importância no contexto da cidade. Podemos destacar: caráter da ocupação relativa ao território e sucessivas fases de urbanização; resultados urbanísticos decorrentes dos tipos de ocupação que se dão em toda a área, ou seja, alargamentos e aberturas de avenidas, mas também permanências de traçados históricos e de edifícios que, segundo cremos, devem ser evidenciados.

O trabalho de campo subsidiado por uma análise histórica iniciou-se mediante uma subdivisão em subáreas para facilitar o percurso e a coleta de dados.

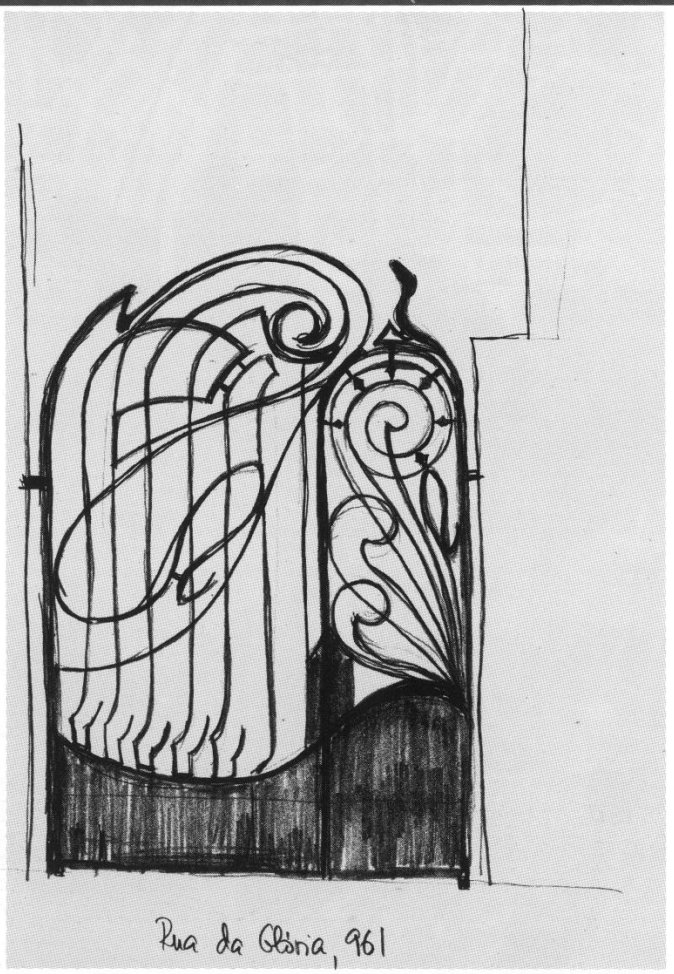
Estes dados em conjunto forneceram elementos que se agruparam sob o conceito de ''manchas'', que são áreas identificadas por seu caráter próprio, cujo inter-relacionamento determina a identidade da área como um todo.

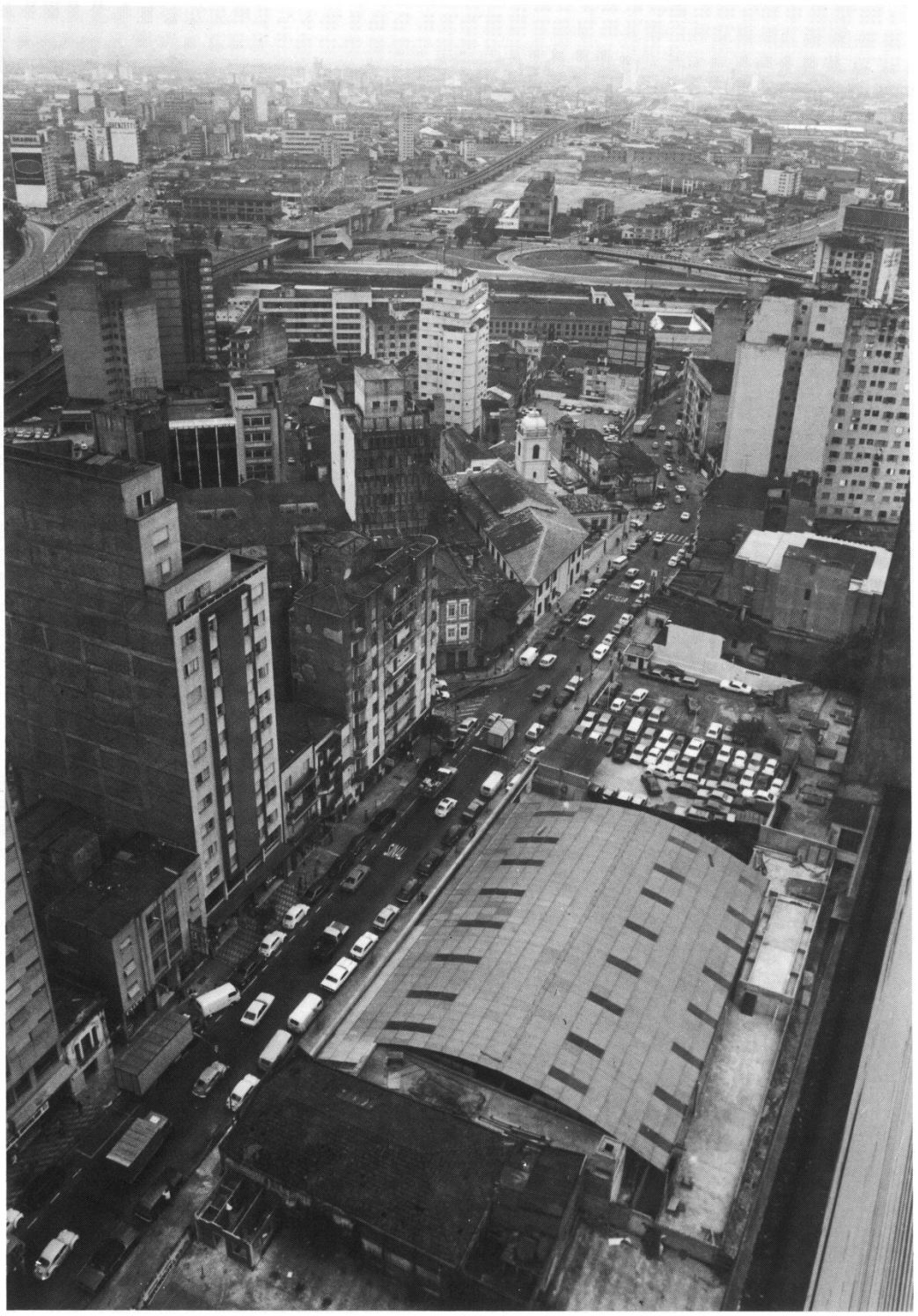
O passo seguinte foi a elaboração de uma proposta de preservação que constituiu o escopo do trabalho, tendo em vista as perspectivas preementes de transformação e verticalização da Liberdade.

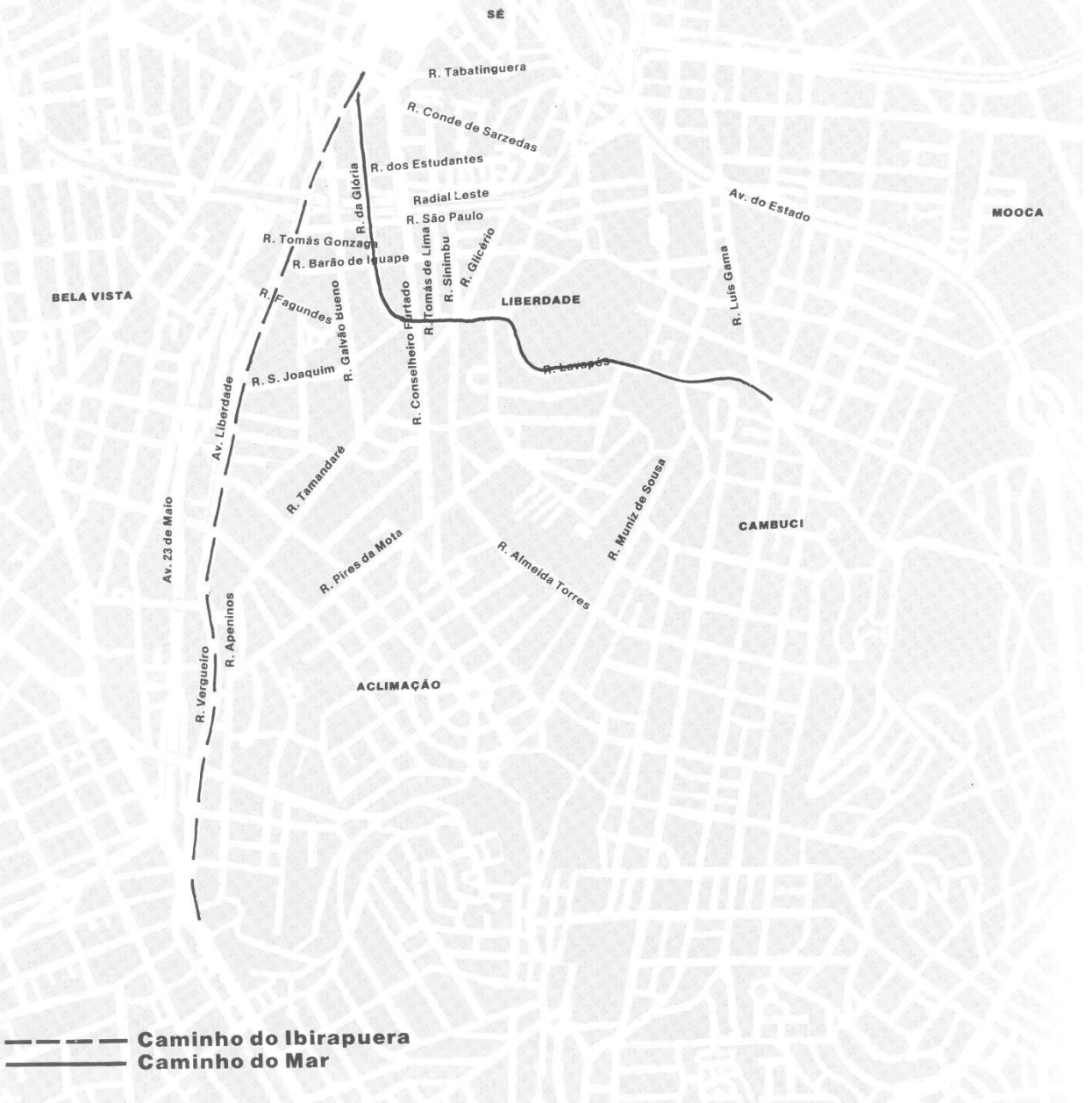
Avenida 23 de Maio, acesso à Radial Leste-Oeste. 1984

A definição do perímetro da área de estudo procurou abranger todo o raio de influência do núcleo original do bairro da Liberdade, estabelecendo como limites vias de tráfego de caráter metropolitano como a Avenida 23 de Maio, ou zonas de transição bairro/centro com a Praça João Mendes, cuja seqüência em direção ao Parque Dom Pedro II é a Rua Tabatinguera; ou ainda zonas de caráter mais específico como a baixada do Glicério.
Este perímetro incluiu partes pertencentes oficialmene ao Cambuci, à Aclimação e ao Paraíso, na tentativa de definir, a partir dos trabalhos de levantamentos de campo, o real perímetro do bairro da Liberdade, o comportamento das áreas de transição e sua interação com os bairros vizinhos.
O perímetro abrange áreas bastante distintas entre si, cortadas por eixos viários de razoável envergadura, porém de alguma forma vinculadas e polarizadas pelos eixos viários formadores da tessitura do que chamamos bairro da Liberade.

Ladeira da Tabatinguera, unindo o Centro à Baixada do Glicério. 1984 *10*



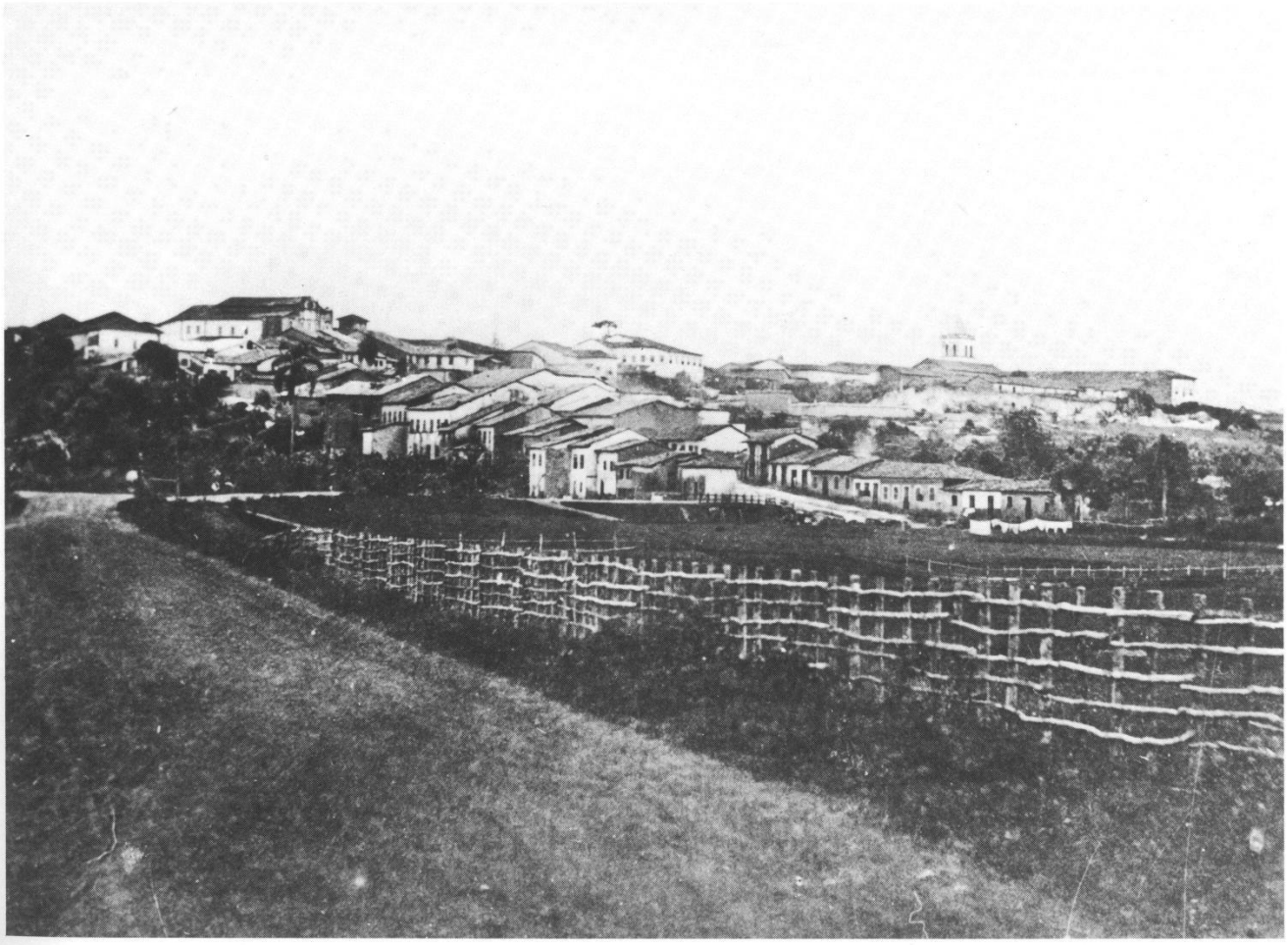



SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
MOOCA
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
BELA VISTA
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. Conselheiro Furtado
R. S. Joaquim
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Caminho do Ibirapuera
Caminho do Mar

O setor Sul da cidade de São Paulo, notadamente a região hoje compreendida pelos bairros da Liberdade e da Bela vista, só foi efetivamente ocupado no final do século passado. Antes disso a área urbana confundia-se com a rural, havendo uma aglomeração maior de construções na área do ''Triângulo Central'', cujos vértices seriam os três edifícios religiosos: dos franciscanos, dos beneditinos e dos carmelitas. Deste núcleo urbano partiam caminhos que conduziam às aldeias indígenas, origem dos mais antigos bairros paulistanos, e a outras vilas que mantinham intercâmbio comercial com o núcleo piratiningano. Dois destes caminhos foram de importância fundamental para o povoamento da região que viria constituir o bairro da Liberdade: Caminho do Mar, e Caminho para o Ibirapuera. Para os lados da Tabatinguera havia também uma trilha que levava à aldeia de Caiubi, tão antigo quanto o Colégio dos Jesuítas que deu origem a São Paulo; o prosseguimento dessa trilha levava à Mooca.

Ao longo desses caminhos erguiam-se ranchos de tropeiros e chácaras. Nas adjacências do núcleo colonizador aparecia um pequeno adensamento de edificações.

Várzea do Carmo, Morro da Tabatinguera. 1860



Nos seus primórdios São Paulo teve como principal atividade econômica o fornecimento de gado para a vila e Santos. Como os campos de pastagem ficavam nos arredores do núcleo urbano — nas terras de servidão pública — nos fornecimento de gado para aquela localidade teve como conseqüência, entre outros fatores, a ampliação dos seus muros do núcleo urbano e uma preocupação maior com os caminhos que ligavam o planalto a outras localidades pois a função de via de acesso com pousos e pastagens ao longo das rotas, tornavam-nos imprescindíveis à consolidação daquela atividade econômica.

A existência do ''Caminho do Carro para Santo Amaro'' e do ''Caminho para o Mar'' foram determinantes para a ocupação do atual bairro da Liberdade. No entanto, durante todo o século XVII a região entre eles compreendida permaneceu semi-despovoada.

Quando aparecem referências os documentos oficiais do edifício da Câmara, construído no local que mais tarde comporia a Praça João Mendes por volta de 1722, sua localização é sempre referida como estando ainda no Rocio. O historiador Ernani da Silva Bruno confirma que nessa época ''quando o paço

Praça João Mendes, Igreja dos Remédios (demolida). Fotografia tomada da esquina do Largo da Sé em direção ao Largo 7 de Setembro. 1860 14

do Senado da Câmara confinava com o quintal dos franciscanos — um século antes que o convento se transformasse em sede da Academia de Direito — toda a vasta zona dali para cima era despovoada''. A localização da Forca e da Casa de Pólvora naquela região também, atestam a situação periférica do atual bairro da Liberdade no séc. XVII e início do XVIII.

A Forca, transferida da Rua Tabantiguera em 1604, teve seu nome associado à praça onde esteve erguia até aproximadamente 1891, época em que o largo passou a ser denominado Praça da Liberdade.

A Casa da Pólvora, construída em 1754 no atual Largo da Pólvora, explica o fato de que até o século XIX o bairro fosse conhecido como ''Bairro da Pólvora''.

O primeiro cemitério público aberto em São Paulo também se localizou na área em estudo. Destinava-se aos mortos pobres, indigentes e supliciados. instalado em 1779 no local compreendido pelas atuais Rua da Glória e Galvão Bueno, na altura da Rua dos Estudantes, recebeu sepultamentos até 1858, quando foi aberto o Cemitério da Consolação, e sua capela ainda se encontra

5 Rua da Liberdade, Casario. 1908

no Beco dos Aflitos e foi construída em 1774. Constitui um dos exemplares remanescentes de nossa arquitetura eclesiástica do período colonial.

A partir da segunda década do século XIX São Paulo passava a experimentar um sensível surto de progresso e um aumento populacional considerável, conseqüência do crescimento da economia local. A planta da cidade de São Paulo elaborada em 1810 já delineava sua expansão para o Sul, formando uma região rural ou semi-rural de campos, pastagens, roças, sítios e chácaras.

Em 1813, o ''Bairro da Pólvora'' ainda considerado afastado do centro urbano e, por essa época acentuou-se a concessão de terras, vendas, revendas e partilhas dos sítios ali existentes. Intensificado o intercâmbio comercial entre o núcleo de São Paulo e o centro abastecedor de Santo Amaro, antigo Ibirapuera, a ''Estrada do Carro'' passou a ser mais intensamente trafegada e suas imediações foram-se povoando a partir da segunda metade do século XIX. Nas proximidades do caminho foram-se formando chácaras, as mais antigas desde o século XVIII e a maioria, no século XIX.

O estudo dessas chácaras leva à compreensão de como se usava o território urbano e suas terras adjacentes, de como se foi formando a cidade moderna.

Praça João Mendes, Igreja dos Remédios (demolida), ao fundo antigo Largo do Pelourinho, atual Largo 7 de Setembro. 1890

As inúmeras chácaras que rodeavam São Paulo facilitavam o abastecimento e contando com nascentes e cursos d'água apresentavam vantagens sobre o casario urbano que se abastecia das poucas fontes existentes.

Para as famílias, as chácaras eram uma opção de moradia: deixavam a casa urbana só para negócios e os festejos; além disso, geravam um excedente de produção que servia para comercialização.

Naturalmente, havia outras chácaras menores, convivendo com aquelas e que produziam pouco mais que o suficiente para alimentar a família proprietária, constituindo sua única fonte de subsistência.

A partir de 1850, o poder principal começou a pressionar os proprietários de terras a fim de que as aproveitassem mais eficazmente, principalmente no marco de meia légua Rocio. Os proprietários vizinhos ao centro do núcleo urbano viram-se forçados a determinar a abertura de ruas, alamedas e largos, fazendo arruamentos e loteamentos sem nenhuma previsão ou planejamento urbanístico.

São do final do século XIX as principais ruas do atual bairro da Liberdade como a Conselheiro Furtado, Comde de Sarzedas e Tamandaré.

Rua da Glória. Fotografia tomada da esquina do Largo 7 de Setembro em direção ao Cambuci. 1860

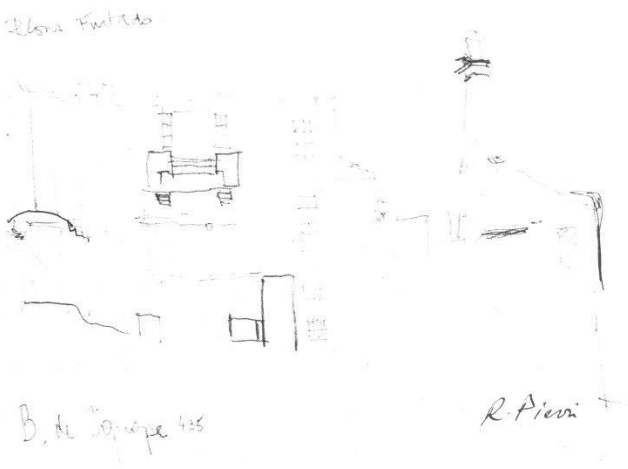
As principais chácaras existentes no século XIX que ocupavam o atual bairro da Liberdade eram as seguintes:

Chácara do Tabatinguera ou de Dona Ana Machado — Pertenceu a Francisco de Assis Lorena. À sua frente ficava a fonte de Santa Luzia, na atual rua de igual nome. Desintegrando-se na década de 1890, foram abertas no seu perímetro as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas e Santa Luzia.

Quinta de Francisco Machado ou Chácaras dos Ingleses — Pertenceu a Francisco Machado e a Rademaker. Situava-se logo no princípio da Rua da Glória e na sua área foi traçada a Rua Sinimbu (antiga Rua da Fábrica) e o Largo São Paulo. Em 1824, parte da propriedade foi adquirida pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo que construiu no local um asilo de mendicidade que ali funcionou de 1824 a 1884 e onde surgiu, mais tarde, o Externato São José.

Chácara Streib — Situava-se entre o Largo da Forca e o Largo da Pólvora, à direita do Caminho de Carro, bem próxima à fonte do Moranguinho. Com a sua desintegração seus terrenos foram adquiridos pelo Barão Nicolino Barra.

Rua da Glória. Fotografia tomada próxima ao Largo 7 de Setembro em direção à Rua do Lavapés. 1972



Chácara de Caetano Ferreira Balthar — Situava-se entre as Ruas Américo de Campos e Barão de Iguape, estendendo-se até a Rua da Glória. Pertenceu aos herdeiros do Dr. Clemente Falcão de Souza Filho. Sua sede ficava na Rua da Glória, n.º 106, em cujo local foi instalado, posteriormente, o Grupo Escolar da Liberdade.

Chácara do Sertório ou de Alexandre de Moraes — Limitada pelas Ruas Brigadeiro Luis Antonio e Liberdade. Sua sede ficava próxima à rua Santo Amaro. Em 1886, com a morte de Dn.ª Alexandrina, a chácara foi herdada por seus três filhos e com a conseqüente divisão, bem no entrocamento dos bairros da Liberdade e Paraíso, o local foi arruado e construído. Abriam-se nessa área as Ruas Pedroso, Maestro Cardim, Alfredo Ellis, Martiniano de Carvalho, Arthur Prado e Paraiso. Efetivou-se a ligação da Rua da Liberdade à Rua Santo Amaro, com a abertura da Rua Jandaia.

Chácara do Barão de Limeira — Estendia-se da Praça João Mendes à Av. Brigadeiro Luis Antonio. Uma das filhas do Barão de Limeira, Dona Paulina de Souza Queiroz, residiu ali por muito tempo e em sua homenagem foi dado seu nome ao viaduto que liga a Av. Brigadeiro Luis Antonio à Praça João

Beco e Capela dos Aflitos. 1984

Mendes. Em maio de 1894 foram inauguradas as ruas Brigadeiro Luis Antonio e suas adjacentes, na chácara do Barão de Limeira.

Chácara do "Quebra Bunda" — Assim denominada por nela ser executado o açoite dos escravos, o que porém não oficializado. Era uma propriedade vasta que confinava com a Chácara do Capão, na Bela Vista, e por outro lado, com a propriedade de Francisco Justino da Silva, que idealizou o Jardim da Aclimação. Em 1910 limitava-se à àrea compreendida entre as Ruas Apeminos, Pires da Mota, Nilo e Paraíso.

A utilização da Chácara do ''Quebra — Bunda'' como centro disciplinador de escravos recebeu oposição acirrada do proprietário da Chácara do Capão, Mariano Antonio Vieira, que acobertava os escravos fugitivos em suas terras. Do mesmo modo procediam Antonio Bento, morador na área do atual bairro da Liberdade, outras chácaras e casas de abolicionistas e algumas igrejas como a dos Remédios, demolida em 1943 e a de São Gonçalo. Talvez essa fato histórico seja indicador da presença até hoje de agremiações sócio-culturais de cidadãos negros que atuam nos bairros da Liberdade e Bela Vista.

Praça Conde de Sarzedas, atual Mário Margarido. 1944 20

No começo desta século a maioria das chácaras deu lugar a loteamentos e arruamentos vizinhos à zona central ou à beira dos caminhos tradicionais. Além do Largo da Pólvora, os terrenos adquiridos ainda aguardavam suas edificações; pastagens e campos conviviam com as novas ruas.

A Rua da Liberdade em 1884 não ia além do Largo da Pólvora e ainda em 1904 a Rua do Paraíso era considerada longínqua e deserta.

Foi somente a partir das duas últimas décadas do século passado que o bairro foi melhor se organizando, acompanhando o processo geral de urbanização por que passava a cidade, em decorrência da riqueza produzida pela cultura cafeeira.

No ano de 1880 incrementaram-se as doações de terras na Estrada do Vergueiro, ensaiando-se a ocupação de Vila Mariana (antigo bairro do Mato Grosso). Foram apresentadas, nessa época, diversas propostas de execução de serviços públicos como a iluminação da Av. Liberdade até Vila Mariana. Desapropriaram-se velhos prédios para dar nova configuração às ruas e praças, como o que sucedeu à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios para ligar o antigo Largo de São Gonçalo ao Largo 7 de Setembro.

Rua da Liberdade. Fotografia tirada próxima ao Largo 7 de Setembro. 1942.

O bairro ainda era ocupado por pequenas casas, quase sempre térreas, já alinhadas, sendo que na última década do século XIX eram raros os estabelecimentos comerciais. A Rua da Liberdade destacava-se por sua arborização.

Lais de Barros Monteiro Guimarães, ao realizar levantamentos dos atos legislativos municipais, relata que o resultado dessa pesquisa permite afirmar que foi na primeira década do século atual que as ruas desse bairro se estruturaram nos seus traços definitivos, só modificados com a implantação da linha Norte/Sul do Metrô e com a abertura das vias perimetrais e de irradiação, bem como o traçado da Avenida 23 de Maio.

Foi com o aterro da várzea do Tamanduateí e a abertura da Avenida do Estado que se começou a ocupar sistematicamente a Várzea do Glicério, quando ali foram construídos os edifícios de apartamentos pelo antigo Instituto de Previdência dos Comerciários.

Rua da Liberdade. Fotografia tomada próxima ao Largo da Pólvora. 1942

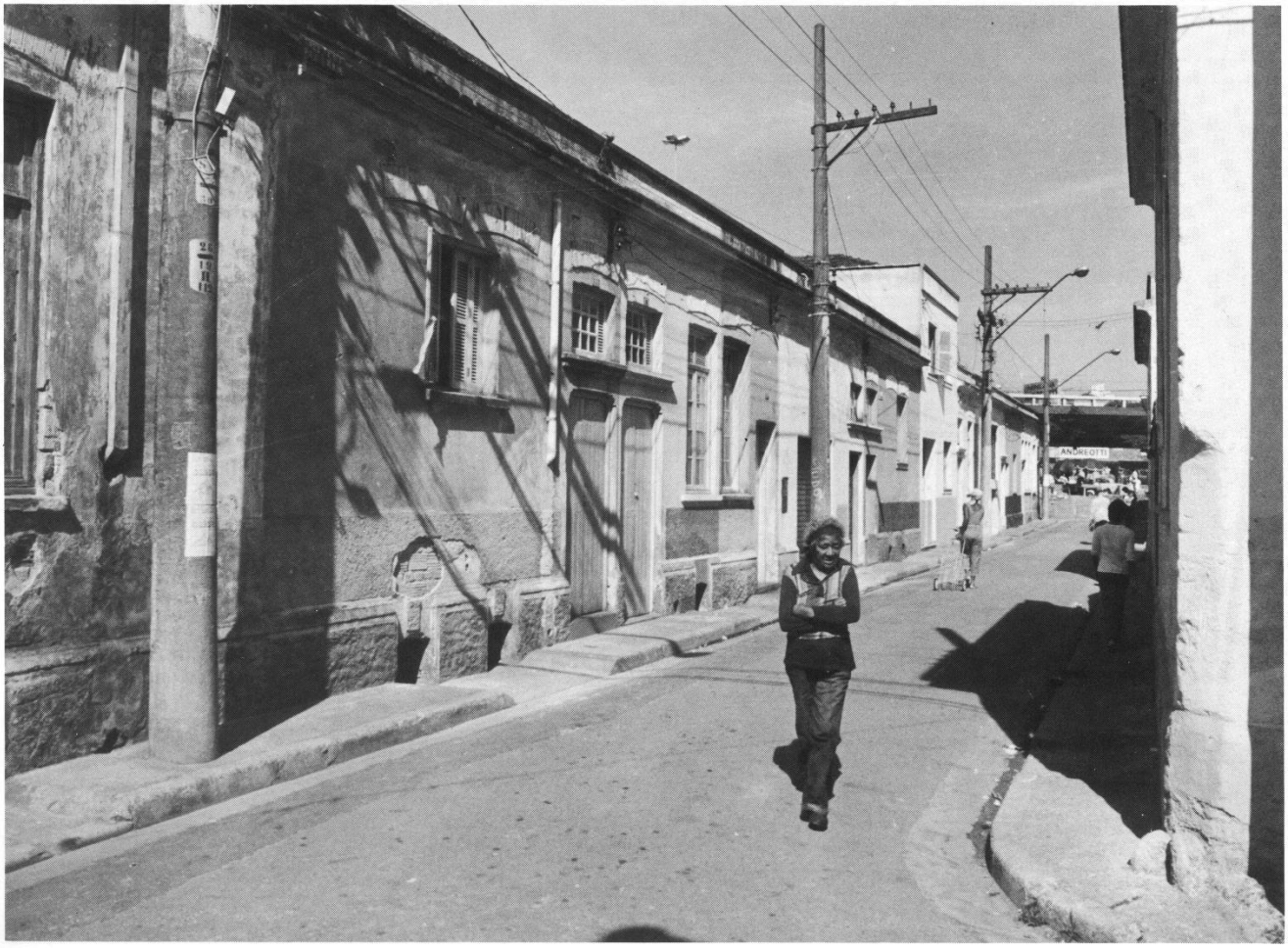
No início do século XX o Bairro da Liberdade era ainda tipicamente residencial, de classe média, sendo que nas principais ruas encontravam-se algumas residências mais abastadas.

Os dados do ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE SÃO PAULO referentes aos nascimentos indicam a procedência dos moradores daquela localidade, evidenciando-se a presença do imigrante italiano na primeira década deste século.

Estes moradores dedicavam-se ao comércio, como proprietários de padarias, empórios, etc., alguns eram carpinteiros, outros empregavam-se nas indústrias. As duas primeiras indústrias de porte — a Sudam, fábrica de cigarros, e a Penteado, indústria têxtil, localizavam-se na antiga várzea do Penteado, mais tarde várzea do Glicério.

Nas proximidades destas duas fábricas, nos terrenos mais baixos e desvalorizados, ergueram-se vilas operárias, como a antiga Vila Suissa depois denominada Vila dos Estudantes.

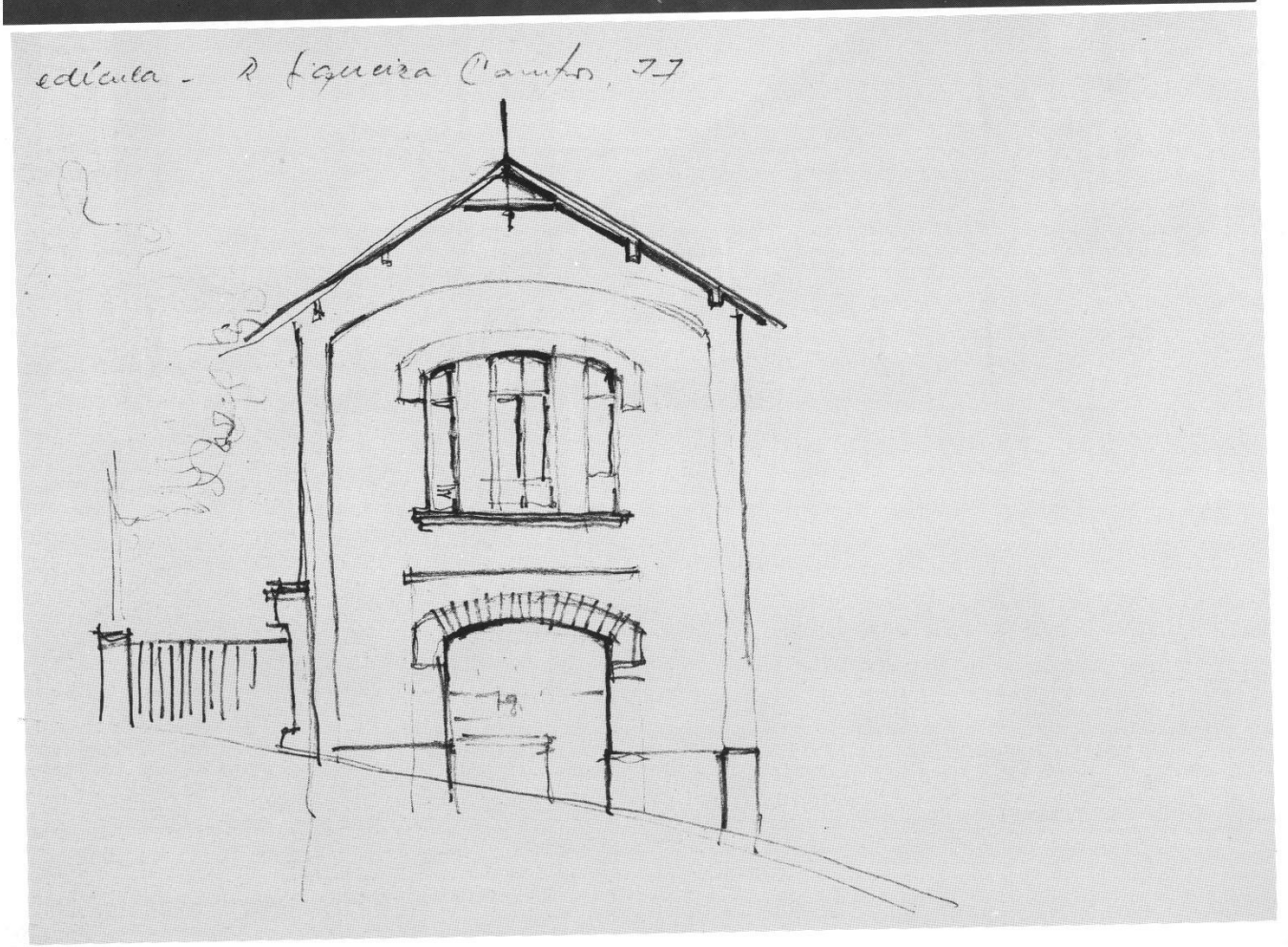
Em 1928 encontramos registro das seguintes indústrias de pequeno e médio porte, funcionando no bairro;



Vila dos Estudantes, 1984.

artefatos de couro
artefatos de ferro, bronze, latão, etc.
balas, bombons, chocolates, etc.
caixas de papelão
calçados
carpintarias
chapéus
cigarros
cordas, cordões, barbantes e fitilhos
espelhos
ferragens
móveis de madeira
produtos químicos e farmacêuticos
tecidos de malha
tijolos, telhas, ladrilhos, etc.
tintas e vernizes
tipografias e litografias

Como já indicamos anteriormente, a presença de negros deixou marcas



naquela região, o que pode ser evidenciado atualmente na permanência de associações como o ''Paulistano da Glória''. (CLUBE RECREATIVO).

Temos referência de que na década de 20, entre outros, localizavam-se na Rua Conselheiro Furtado o ''Clube de Negros Brasil'', e o ''Clube Palmares'' na Rua Lavapés. Este último, além de oferecer atividades recreativas a seus associados, promovia palestras e conferências sobre temas referentes a cultura africana e à situação do negro no Brasil.

Não obtivemos dados que nos permitam afirmar, mas há indicações de que o próprio nome do bairro — decorrência da antiga denominação da antiga Rua da Liberdade — esteja associado à ação abolicionista de moradores do bairro, como a do advogado Antonio Bento de Souza e Castro, editor de duas folhas abolicionistas ''A Redenção'' e ''A Liberdade''.

O nome ''Liberdade'' passou a constar em documentos escritos a partir de 1871. Em 1882 novamente observa-se esta denominação, mas ainda associada à ''Estrada do Vergueiro''.

Esta denominação pode estar também associada, por antonímia, ao Largo da Forca — atualmente Praça da Liberdade, que teve seu nome oficialmente mudado quando foi abolida a pena de morte no Brasil em 1891.

5 Vila Suiça. 1984

A instalação de imigrantes, primeiro italianos, seguidos de portugueses e mais recentemente de orientais, provocou profundas transformações na região. Num prolongamento da área central da cidade, instalaram-se nas principais vias de acesso do bairro um importante comércio varejista, notadamente de artigos domésticos e vestuário, pequenas oficinas, pensões e hotéis, restaurantes, ao mesmo tempo em que proliferaram as habitações coletivas.

Habitado desde seus primórdios por famílias de baixa renda, notou-se pouco a pouco a subutilização dos terrenos do bairro, que sendo profundos — uma média de 60 metros — passaram a receber, além da construção principal ao nível da rua, outras construções menores, alugadas para outras famílias. Este processo de encortiçamento verificou-se a partir da década de 20, o mesmo ocorrendo nos casarões tradicionais quando se tornava impossível sua manutenção pela família proprietária, que os transformavam em pensão e depois em cortiço, na forma que os conhecemos atualmente.

Para algumas construções, originariamente já estava prevista a sublocação, como aconteceu nas proximidades do "Riacho do Quebra-Bunda", hoje Ruas Taguá, Siqueira Campos, Tamandaré em um de seus lados, região em que os

terrenos apresentavam grandes declives, forçando seu aproveitamento em níveis que ficavam no subsolo.

No entanto, já no século passado podia-se constatar a existência de pensões no bairro, posto que a instalação do Curso Jurídico em São Paulo havia feito convergir para a cidade uma nova população de estudantes que se alojavam nas ''repúblicas'' no período letivo. Por volta de 1883 elas proliferavam no bairro da Liberdade nas Ruas Assembléia, Liberdade e dos Estudantes. No início deste século, eram mais freqüentes nas proximidades do Largo da Sé, travessas da Rua da Liberdade e da Glória, e particularmente na Rua Conselheiro Furtado e São Joaquim.

Atualmente há muitas pensões para estudantes, entretanto são inúmeras as casas-pensões que alugam vagas, improvisando instalações que transformaram velhas construções em casas de cômodos rapidamente deterioradas.

Desde a primeira década deste século já se podia notar também a presença de imigrantes japoneses que deram a atual tônica ao ''Bairro Oriental'', como pretende enfatizar a Sociedade de Lojistas da Liberdade.

O número destes moradores acentuou-se nos últimos 50 anos, mas os

Rua Galvão Bueno, Viaduto Cidade de Osaka. 1984

primeiros chegaram ao bairro pouco depois da entrada da primeira grande leva de imigração organizada e patrocinada pelo governo paulistano em 1908, com vistas à colocação nas fazendas de café. Impossibilitados de se adaptarem às condições impostas nestas fazendas, os japoneses fugiram para os centros urbanos, notadamente São Paulo, passando a se dedicar a carpintaria, marcenaria, pintura de edifícios, trabalhos domésticos, outros se empregando como motoristas de praça ou operários.

Por volta de 1912 passaram a aglomerar-se na Rua Conde de Sarzedas, sublocando os porões das casas desta rua. Anteriormente estavam espalhados pelas suas proximidades. Na Rua Rodrigo Silva, onde estava instalada a Sociedade Japonesa de Imigração, na Rua São Paulo, esquina com a Rua Sinimbu, onde funcionários de uma empresa que importava alimentos abriram uma pensão que tinha como cozinheiros um casal de japoneses. Esta pensão, como outras, notabilizou-se como meio de fixação urbana dos imigrantes japoneses.

O carpinteiro-empreiteiro Samegima, imigrante espontâneo que aqui chegou em 1908, residindo à Rua São Paulo, também atraiu seus conterrâneos para o local, oferecendo-lhes trabalho.

Em 1920 havia cerca de 300 japoneses residindo na Rua Conde de Sarzedas e nos finais de semana os alojamentos ''alki'' existentes chegavam a receber até 50 pessoas vindas do interior. Já haviam criado em 1914, uma escola primária, mantida pela colônia. Surgiram fábricas de ''tofu'' e de doces. As hospedarias serviam refeições japonesas e ofereciam mesas de ''snooker'' para atrairem grande número de pessoas. A partir de 1916 começaram a jogar ''baseball'' no campo da fábrica Sudam, no final da ladeira da Conde de Sarzedas.

Depois de 1923 os japoneses construíram uma quadra de tênis entre as Ruas Conde de Sarzedas e dos Estudantes.

Até 1930 os japoneses concentraram-se na Rua Conde de Sarzedas, havendo até então uma outra família nas ruas que lhe são próximas. Nesta data, no local onde hoje se situa o edifício da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, passou a funcionar a Escola Japonesa e sua Associação de Pais e Mestres, o que provocou a procura da Rua Galvão Bueno para fixação de novos imigrantes.

Em 1974, quando foi inaugurado o Metrô e reaberta a Avenida Liberdade, completamente remodelada, atendendo aos pedidos da Associação dos

Rua São Joaquim esquina com Rua Galvão Bueno, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1984

Lojistas, a Secretaria Municipal de Turismo, com o auxílio destes, comprometeu-se a incentivar a implantação de um plano paisagístico, dando ao bairro uma caracterização oriental.

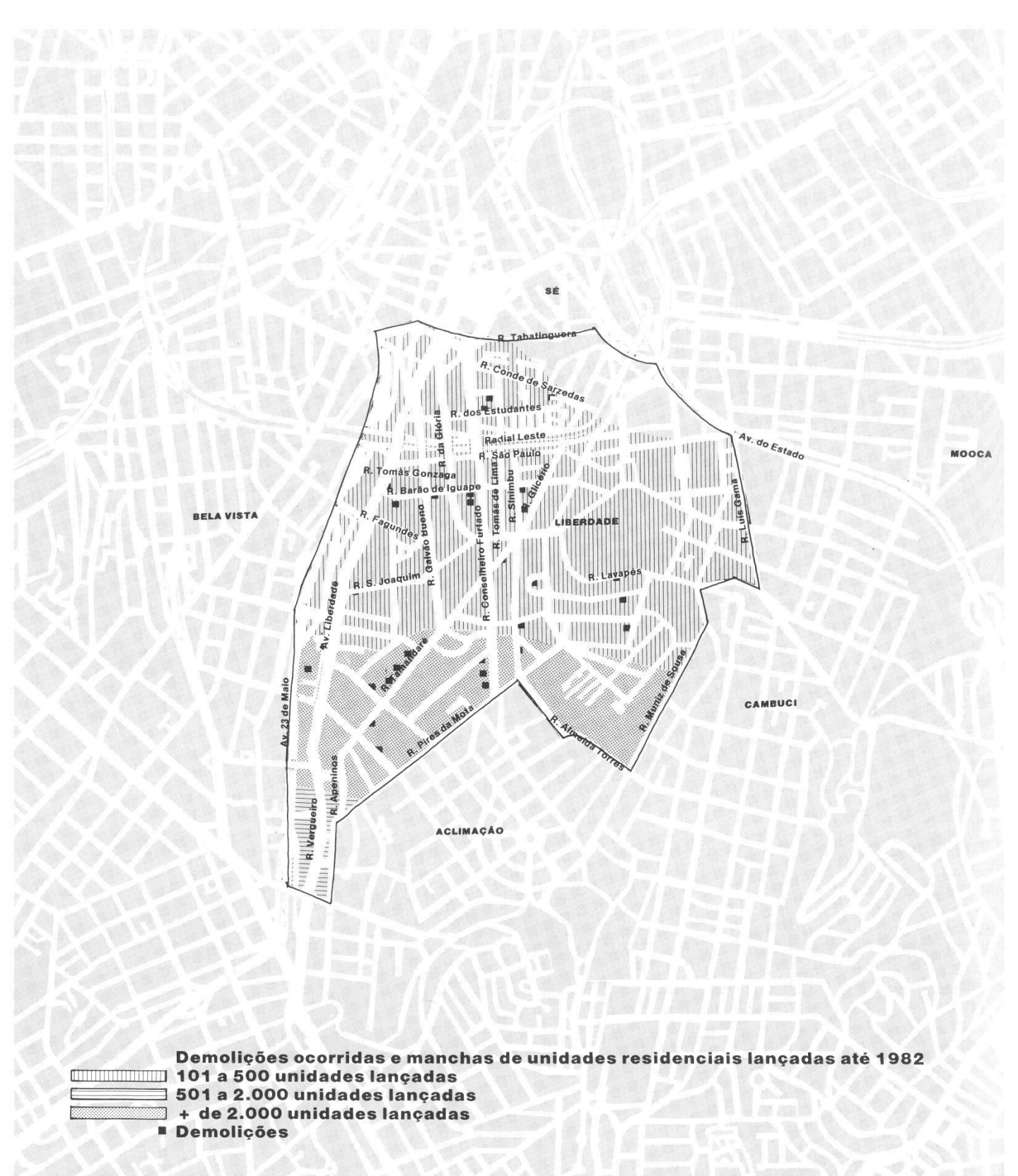
Grande contingente de coreanos também habita a Liberdade. Provenientes da Coréia do Sul, iniciaram o processo imigratório por volta de 1963 e instalaram-se na baixada do Glicério pelas facilidades oferecidas às construções naquela região, e pela proximidade do antigo ''Parque Xangai'', hoje desativado, que pertenceu a um casal de coreanos. Dedicam-se, em sua maioria, ao comércio.

Entre o imigrante oriental estabelecido na Liberdade é destacada ainda a presença de chineses, dedicando-se, principalmente a restaurantes especializados na culinária chinesa.

A Liberdade é um dos bairros de maior população flutuante da cidade, seja pelo seu comércio de artigos orientais, pelos seus bares e restaurantes que atraem moradores de toda a cidade e turistas de outras regiões, seja pelos seus templos e casas de cultos, cujos freqüentadores seguem as mais variadas seitas religiosas.

Vista Geral da confluência das Ruas Taguá e Siqueira Campos. 1984

Rua Siqueira Campos, fundos de casas. 1984



Demolições ocorridas e manchas de unidades residenciais lançadas até 1982

101 a 500 unidades lançadas

501 a 2.000 unidades lançadas

+ de 2.000 unidades lançadas

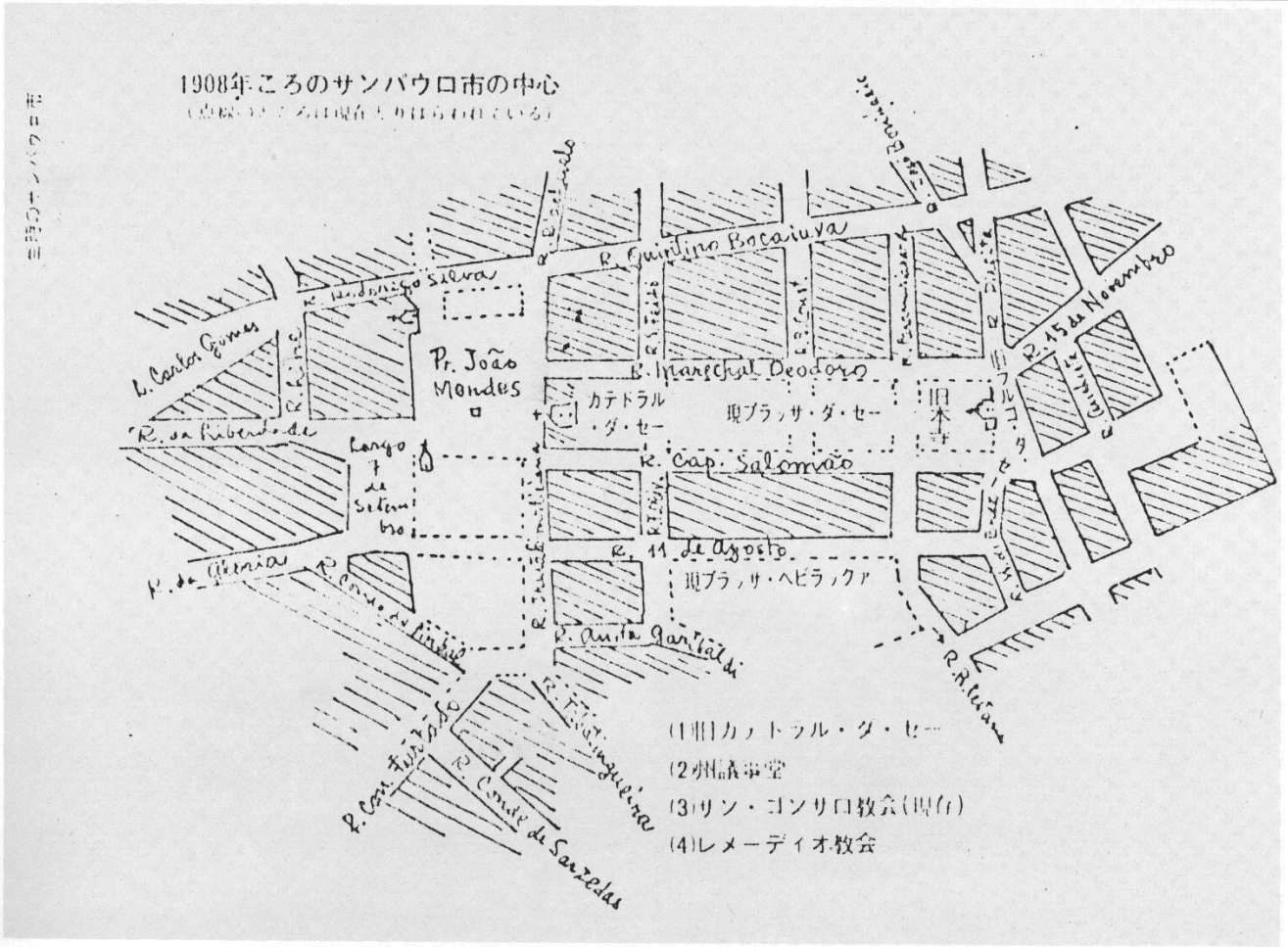
Demolições

Em termos de dinâmica de expansão urbana, o crescimento do bairro foi polarizado, em um primeiro momento, pela expansão de um trecho periférico do núcleo histórico central, junto ao antigo Largo da Cadeia, atual Praça Jõao Mendes e pelo antigo Caminho de Carro para o Ibirapuera. Um segundo núcleo polarizador, Largo São Paulo, atual Praça Almeida Júnior, junto ao antigo Caminho do Mar, surgiu intimamente ligado ao primeiro, embora pouco lhe adicionasse em termos de extensão de área ocupada. Temos então um terceiro momento em que o sistema Glicério-Tamandaré claramente delimita uma área em cujo interior se observa uma trama urbana quase fechada, o que configura pela primeira vez um índice de ocupação de razoável densidade.

O quarto momento, 1897, expande a tendência de ramificação do traçado, começando a ocupar a região da Conde de Sarzedas, antiga chácara de conformação topográfica acidentada e cortada por um meandro do Rio Tamanduateí, e, dando continuidade à Rua Tamandaré e à Rua Conselheiro Furtado, quer por extensão, quer por ramificações, induz à ocupação em direção aos atuais bairros da Aclimação, do Paraíso e do Cambuci.

Já em 1930, através do Mapa "SARA-Brasil", percebe-se que a trama foi

3 **ASPECTOS URBANÍSTICOS** EVOLUÇÃO URBANA — 1841/1930 **Bairro Japonês (1910-1940), desenho de Tomoo Handa**



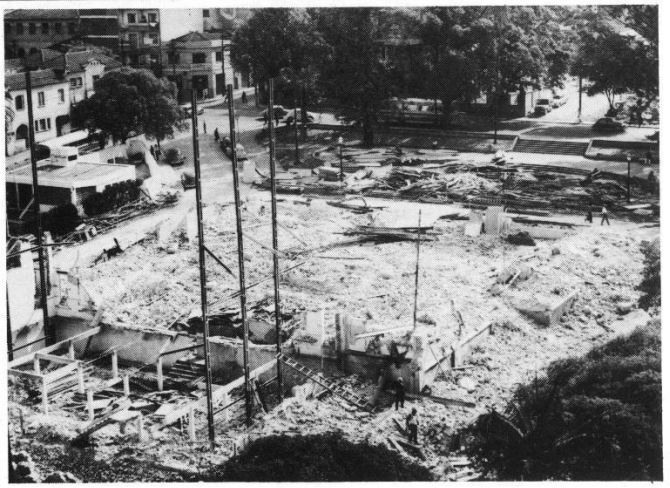
complementada segundo as tendências expressas pelos mapas do final do século XIX. Em termos de adensamento, as áreas de maior índice de ocupação localizam-se ao longo dos eixos advindos dos antigos caminhos, e dentro do perímetro delimitado pela Avenida Liberdade, pelas Praças Carlos Gomes e João Mendes, pela Rua Tabatingüera, descendo pelas Ruas do Glicério, Teixeira Leite e Bueno de Andrade, e subindo em direção às Ruas São Joaquim e Liberdade através da Rua Conselheiro Furtado.

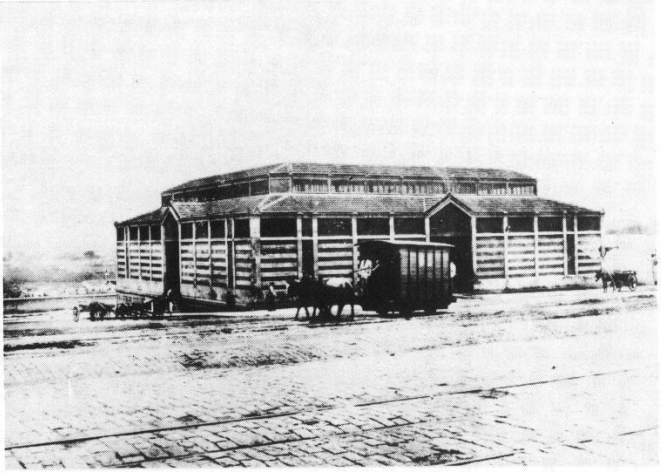
A topografia da área induziu à configuração geral de traçado viário do núcleo original que tenta seguir a tradição urbanística dos colonizadores, qual seja, a de seqüência de largos triangulares e retangulares de onde partem eixos de ligação, aqui correndo ora sobre o espigão da Vergueiro, (ramal da Paulista) ora descendo por ladeira íngreme em direção à varzea do Glicério, ou ainda, como no caso da Ruas da Glória-Lavapés, optando por um traçado em conformidade com as curvas de nível de bom resultado paisagístico.

A tendência menos orgânica e espontânea do traçado em "xadrez" surge de modo claro e em época posterior nas áreas de declividade mais homogênea sem, no entanto, deixar de resultar numa contradição entre a topografia natural e a imposição de um traçado rigidamente retilíneo (arredores da Praça

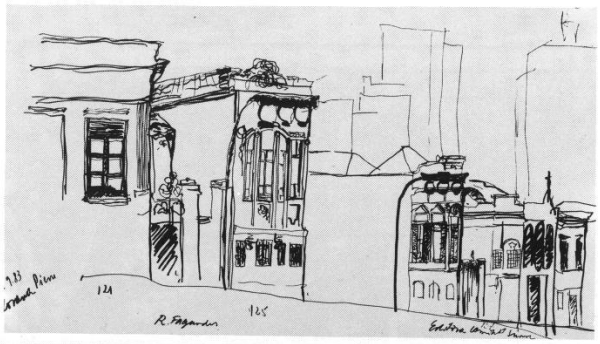
Baixada do Glicério, vista entre a Rua Barão de Iguape e Radial Leste-Oeste. 1984
Praça Almeida Júnior, Teatro São Paulo. 1940

Praça Almeida Júnior, demolição do Teatro São Paulo. 1969
Mercado de Carnes, atual Praca Almeida Júnior. 1889



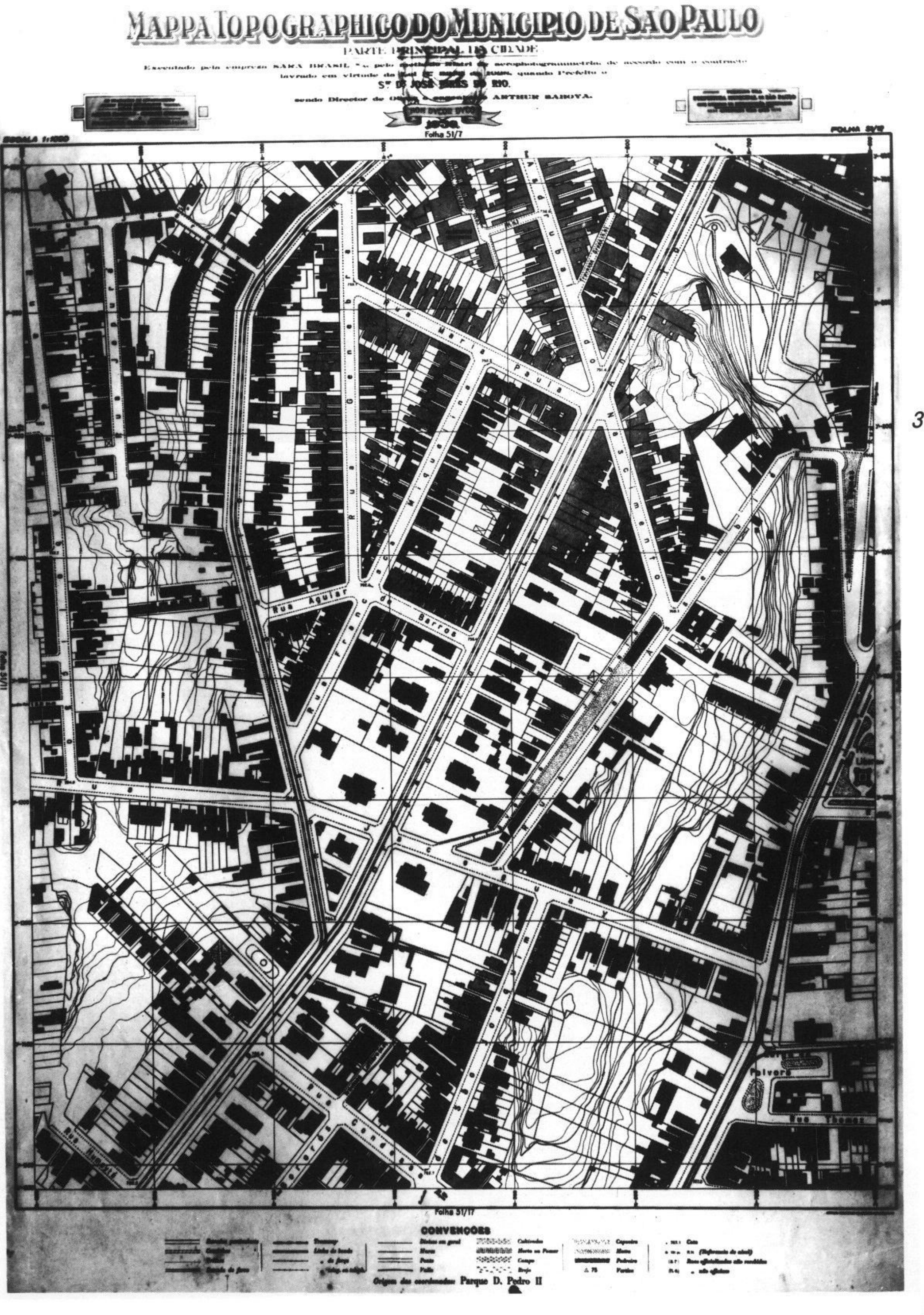


Almeida Júnior) gerando ladeiras pronunciadas. Esta tendência é mais tarde contrariada pela seqüência de pequenos morros e depressões que se localizam paralelamente à Rua Vergueiro na direção do Paraíso e que obrigam o traçado a seguir a forma mais irregular.

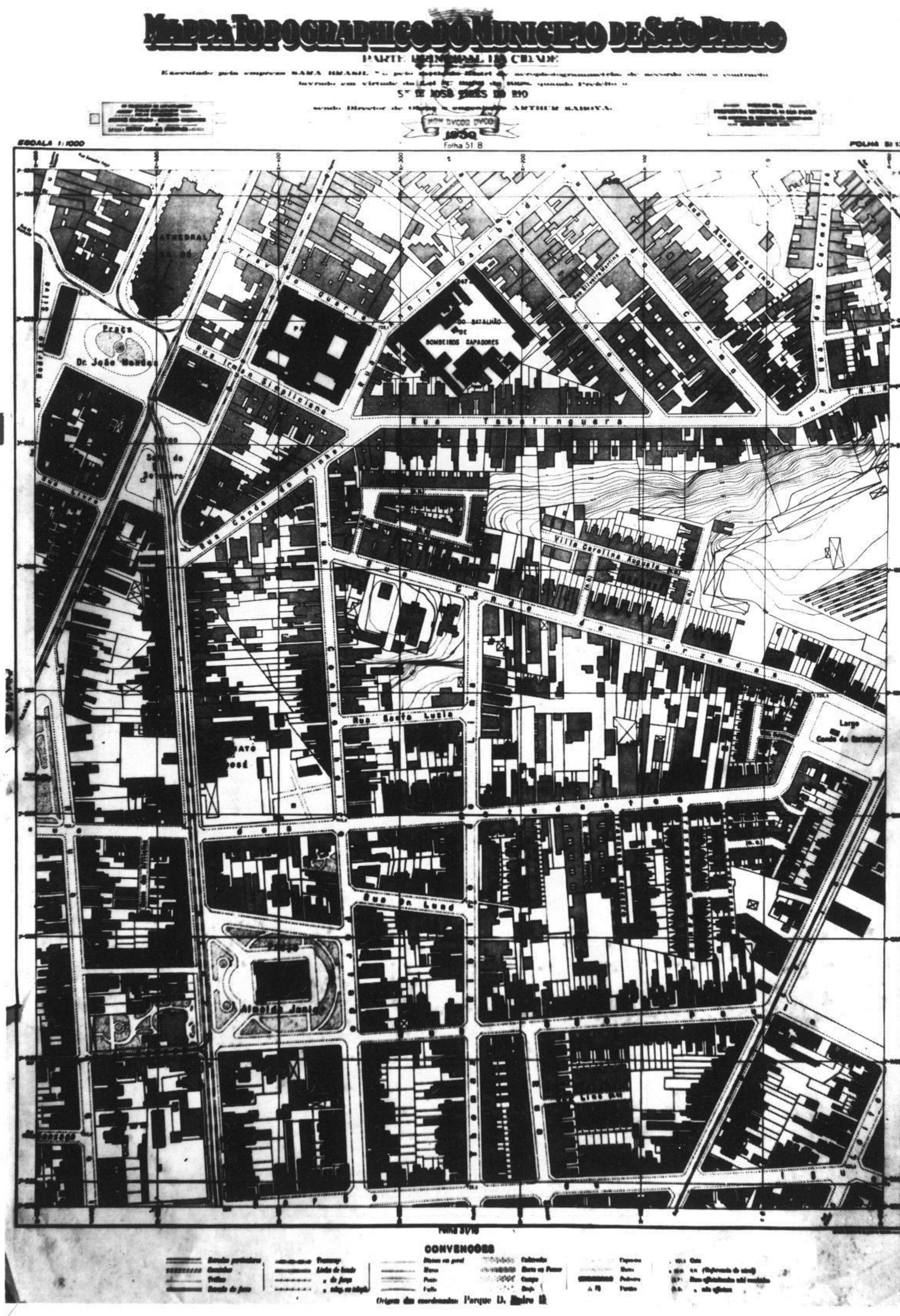


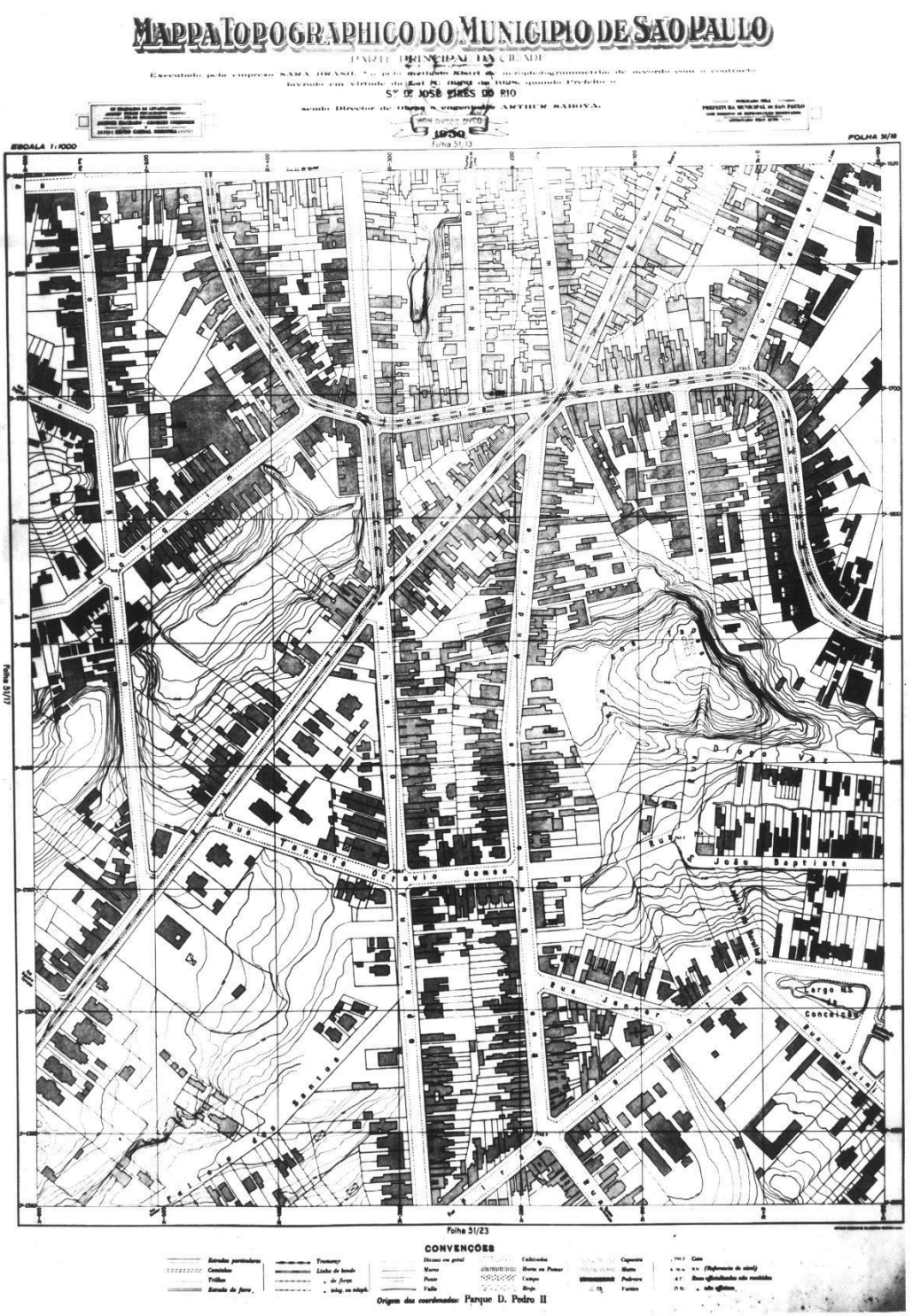
5 Vista Geral da Rua Tamandaré com Rua Conselheiro Furtado. 1984

Mapa "SARA-Brasil" de 1930



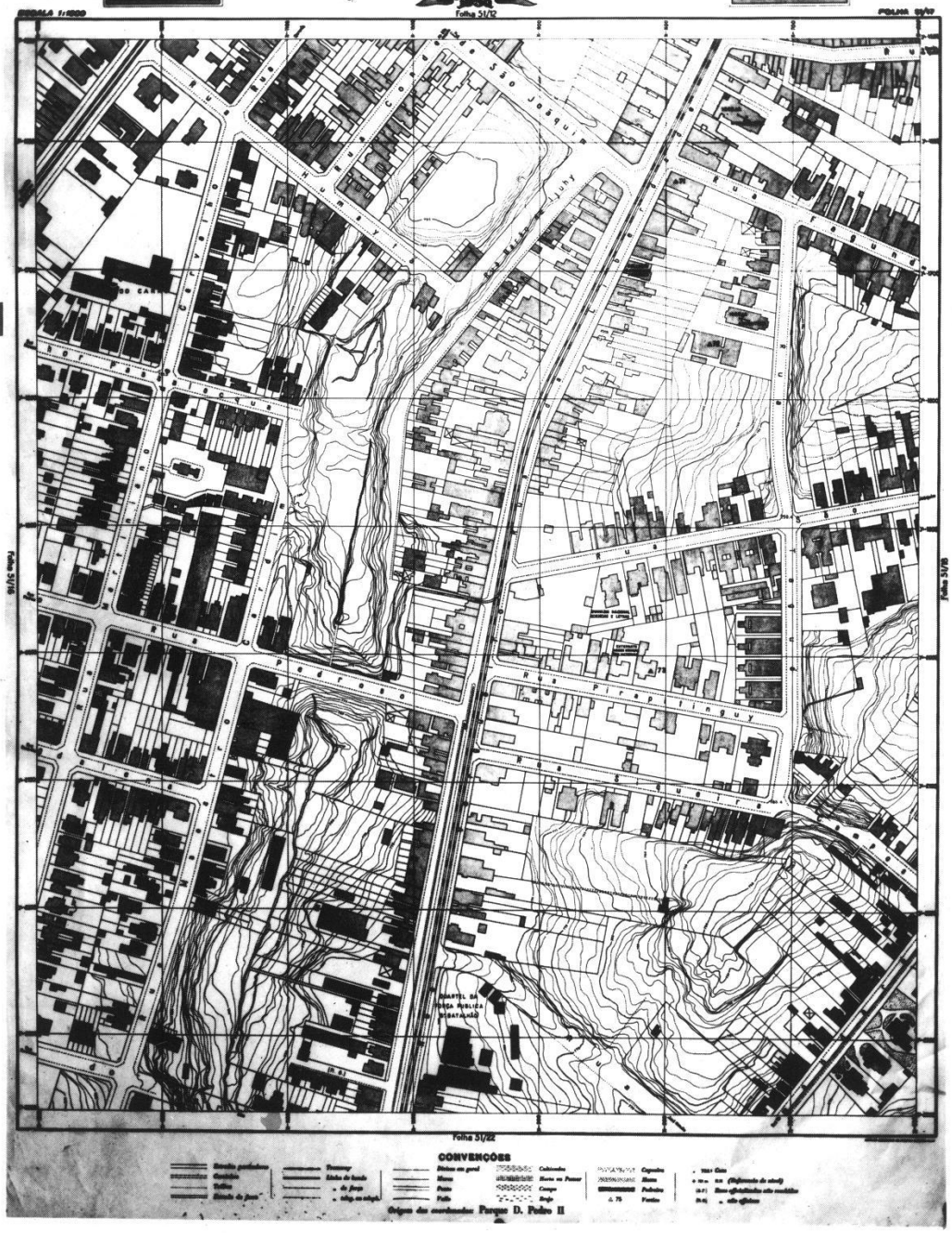
7 Mapa "SARA-Brasil" de 1930





Mapa "SARA-Brasil" de 1930

Mapa "SARA-Brasil" de 1930



A principal característica da ocupação do núcleo inicial, que é a de haver um grande número de espaços abertos (largos e praças) dispostos muito próximos uns dos outros e de forma a processar uma irradiação de caminhos, não se verificou como característica urbanística nas demais zonas.
Poucas e disperdas são as praças ou largos nestas áreas ocupadas por trama retilínea o mais perpendicularmente possível, gerando quadras com construções de caráter residencial em sua maioria.
Em toda área estudada, desde 1881, a ocupação urbana processou-se a partir de loteamentos das chácaras até então existentes, feita porém de forma diferente em cada setor da área.
Ainda analisando o mapa ''SARA-Brasil'', observa-se uma razoável variação de tamanhos e taxas de ocupação dos lotes. Como predominância, no entanto, poderíamos localizar os lotes menores e uma grande concentração de ocupação dos interiores de quadra na área compreendida entre as Ruas Conde de Sarzedas, Glicério, São Paulo e Conselheiro Furtado. Esta área foi primitivamente ocupada por alguns galpões industriais e por uma grande quantidade de vilas e seqüências de casas geminadas, construídas para abrigar mão-de-obra das fábricas então localizadas na baixada do Glicério e

Rua Lavapés, antiga Indústria Ramenzoni. 1984

na Rua Lavapés. Os pequenos e médios proprietários estabelecidos nessas áreas eram imigrantes europeus, principalmente de origem italiana.

Da ocupação residencial de baixa renda muitos são os vestígios encontrados até hoje, embora o morador já não seja o operário e sim o encortiçado, repartindo espaço com o comércio de artigos religiosos. Entende-se por encortiçado o morador de habitação originalmente construída para abrigar uma única família sendo atualmente ocupada de forma plurifamiliar; difere, portanto, dos cortiços concebidos desde o início para serem moradias plurifamiliares, de baixo aluguel.

A presença industrial tornou-se rarefeita e diluída com o serviço e comércio especializados, sendo que, na Rua do Glicério, funilarias e lojas de motocicletas e acessórios impõem-se de forma crescente; já na Rua Lavapés, pequenas oficinas de móveis e instalações de indústrias e comércio de artefatos de ferro e produtos zincados coexistem com os edifícios das indústrias mais antigas e de maior porte como a Ramenzoni, antiga indústria de chapéus, hoje desativada.

De ocupação anterior à da área anteriormente descrita e limitada pelas Ruas São Joaquim, trecho da Conselheiro Furtado, Tamandaré, Castro Alves e

1 Miolo de quadro compreendido entre as Ruas Siqueira Campos, Tamandaré, da Liberdade e Antonio Prudente. 1984

Avenida Liberdade, define-se outra zona que apresenta predominância de lotes bem maiores, em testada e profundidade, e edificações com recuos, indicando ter sido ocupada por residências de classe social de maior poder aquisitivo. Hoje são utilizadas por serviços especializados de saúde e educação, seguindo uma certa vocação ditada pela proximidade de grandes hospitais e antigos colégios. A presença do Metrô, aliada às boas possibilidades de mudança de uso que as dimensões desses imóveis oferecem, favorece esta transformação,

Nestas duas áreas, as predominâncias apontadas não excluem uma constante na ocupação da cidade que é a de haver uma convivência de habitações maiores e melhores, localizada na face plana da rua de cotas mais altas, tendo, próximas e nas baixadas, habitações menores, vilas, ou, como no caso da Tamandaré, cortiços e pensões desenvolvidos verticalmente do nível da rua para baixo, aproveitando o declive do terreno.

O núcleo original e a Praça Almeida Junior com seus arredores até a Rua da Glória e Rua Teixeira Leite formam uma outra zona, onde o tamanho dos lotes apresenta-se como intermediário em relação às áreas acima descritas. Nela também comparecem com incidência reduzida lotes menores, vilas e

Rua Barão de Iguape, Teatro Escola Célia Helena. 1984

Rua Barão de Iguape, esquina com Avenida Liberdade, antigo Cine Niterói. 1984

mesmo um grande galpão. As primeiras edificações do núcleo, construídas no início do século XIX, eram de uso residencial de baixa renda, como registram os textos dos viajantes que descrevem a área. Era também uma área de concentração de pensões para estudantes, as famosas ''repúblicas''.
Esta área sofreu transformação posterior que a tornou residencial de média e alta renda, alterando sua condição de arrabalde.
A área sofreu a sobreposição de dois fatores diferentes que geraram sua feição atual. Por um lado, o estabelecimento de populações de origem oriental que impuseram uma feição particular ao bairro ao recuperá-lo não só como residência, mas principalmente como comércio especializado (lojas, hotéis, bares e restaurantes típicos), uso que se instaurou como predominante, notadamente na Rua Galvão Bueno. Por outro lado esta área, por ser tão próxima ao centro da cidade, passa a abrigar usos de comércio e serviços que de lá foram sendo transferidos e criados em função da demanda do aumento populacional. A resultante destas transformações é uma paisagem caótica, verticalizada e/ou deteriorada e invadida por suportes publicitários, onde as condições de legibilidade dos componentes paisagísticos e do traçado original encontram-se comprometidas. A par do

Rua Galvão Bueno. 1984

DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO
- Biblioteca de Apoio -

comércio de abastecimento interno da área que também tem como uso remarcável o residencial, nela se localizam com razoável incidências: papelarias, livrarias, xerox, gráficas, editoras, sindicatos e associações de categorias profissionais, hospitais e clínicas, e cursos de várias categorias.

Esta configuração, no entanto, não invalida a evidente vitalidade que a área apresenta, expressa e alimentada pela grande diversificação de usos.

Cumpre também ressaltar o caráter ritualístico pulverizado pela área que é imposto, não só pela grande concentração de igrejas das mais variadas seitas religiosas, mas, antes, pelas manifestações de seus rituais que chegam a invadir a própria rua.

É interessante observar ainda a existência de dois cinemas, os antigos Jóia e Niterói, de programação tradicionalmente japonesa; de um teatro, o Célia Helena, e de casas de cultura, como a Casa de Cultura de Portugal, também seu consulado, e o Centro Cultural Brasil-Japão, fazendo das proximidades da Avenida Liberdade a área de maior concentração dos equipamentos culturais do bairro.

Ao longo dos antigos caminhos, a ocupação já em 1930 era bastante adensada, existindo uma gama de variações de tamanho de lote e tipo de

Avenida Liberdade, Casa de Portugal. 1984

ocupação, diretamente vinculada à articulação destes eixos com as áreas que percorrem e polarizam. Exemplificando, a Avenida Liberdade tem uma ocupação voltada e integrada ao núcleo original, com serviços e comércios, que se modifica ao direcionar-se para o bairro Paraíso, não só pelas condições topográficas, mas principalmente por assumir as características de eixo/estrada. A Rua da Glória inicia-se da mesma forma, modificando-se ao atingir a Rua Lavapés, onde incide conjuntamente o uso industrial. Note-se que é sobre estes dois eixos, antigos caminhos, que, na década de 30, correram os trilhos do bonde, cruzando toda a área, juntamente com a linha que corria sobre o eixo Tamandaré-Glicério, tendo seu terminal localizado na Baixada do Glicério.

As mudanças de traçado provocadas pelo alargamento de várias ruas e pela abertura de grandes avenidas tiveram diferentes conseqüências na área estudada. O bairro como um todo sofreu e ainda sofre uma contínua transformação de sua ocupação física, o que vem constituir o traço comum de toda a área.

Os alargamentos da Avenida Liberdade e Ruas Vergueiro e Conselheiro Furtado provocaram mutilações; ao mesmo tempo em que desecandearam uma verticalização acentuada que muito contribuiu na mudança radical da paisagem da área, agora caotizada e agressiva. A nova arquitetura nela implantada torna-se opressiva na medida em que não apresenta um bom desenho e que ocupa os lotes de forma integral, quase sempre sem recuos.

A abertura das grandes vias de circulação e a proximidade ao centro fizeram do bairro um corredor de passagem de tráfego metropolitano, corroborado pela presença do Metrô, além de dotá-lo de um caráter periférico e subordinado ao centro. Este fato também implica na deterioração pronunciada que, expulsando o habitante original, impõe um novo uso do solo bastante desordenado e diversificado que se soma a uma grande variação de gabaritos.

Rua da Liberdade. Fotografia tirada próxima ao Largo 7 de Setembro, 1942.

A implantação da Avenida 23 de Maio aproveitou o vale natural do Anhangabaú, sem promover cicatrizes urbanas ou grandes demolições. No entanto, separou completamente o bairro da Liberdade da região da Rua Martiniano de Carvalho a ele ligada oficialmente. A nível paisagístico o resultado é por vezes satisfatório, quando há tratamento das encostas. Outras vezes é bastante prejudicado como no caso dos fundos de lotes em abandono ou de fachadas posteriores mutiladas ou deterioradas.
Outro fator negativo é a existência de edificações altamente verticalizadas em lotes limítrofes à Avenida, comprometendo as condições de legibilidade da áera e de visualização da topografia e linha-do-céu. Estas ocorrências localizam-se próximas à área central, junto ao núcleo histórico do bairro.
A abertura da Avenida Radial Leste-Oeste teve conseqüências mais perniciosas para o bairro: mutilou uma faixa considerável do tecido urbano, demolindo um grande número de edificações, além da antiga Praça São Paulo e de seu Teatro. Além disso, originou um corte intransponível em toda a extensão do bairro, seccionando de forma estanque duas grandes áreas e quebrando sua continuidade e integração.
Os viadutos construídos na Avenida Liberdade, na Rua Galvão Bueno, na Rua

Demolição de edifícios desapropriados entre as Ruas Galvão Bueno e Glória, para a construção da Radial Leste-Oeste. 1970

Avenida da Liberdade, obras do Viaduto Jaceguai. 1970

da Glória e na Rua Conselheiro Furtado impediram que o corte estancasse completamente a área. Sobretudo na Rua Galvão Bueno e na Rua da Glória, os viadutos propiciaram com sucesso a manutenção do fluxo, da continuidade da paisagem e da vitalidade destas ruas. Não é o que ocorre além da Rua Conselheiro Furtado, onde as zonas limítrofes à Avenida Radial apresentam uma realidade profundamente deteriorada e lúgubre. Como conseqüência do alto grau de deterioração, a antiga função residencial é hoje exercida por habitações tornadas subnormais por terem sofrido o processo de encortiçamento. Nos edifícios mais antigos também se instalam concorrentemente o comércio e o serviço de pequeno e médio porte. Estas edificações encontram-se ameaçadas pelas demolições e pelo remembramento de lotes, exigidos pela verticalização crescente inpulsionada pela especulação imobiliária.

Nestas áreas a especulação imobiliária pretende hoje uma verticalização destinada ao uso habitacional de média renda, em função de sua localização central e próxima à linha do Metrô.

As leis de zoneamento, que regulam os usos e as ocupações dos lotes, que incidem na área em tudo facilitam o remembramento dos lotes, a

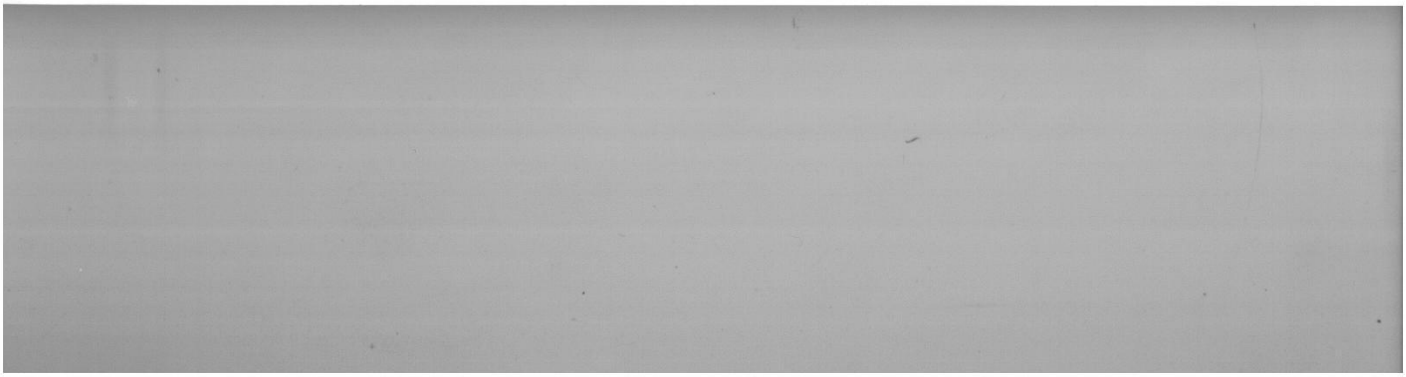
Praça João Mendes, esquina com Largo 7 de Setembro, obras de intervenção. 1943

verticalização e o adensamento, já que é predominantemente ''zona de uso predominantemente residencial, de densidade demográfica média'' — Z3 — e ''zona de uso misto, de densidade demográfica média alta'' — Z4, com parcelas consideráveis sob a ''zona de uso misto, de densidade demográfica alta'' — Z5 — e ''zona de uso predominantemente residencial, de densidade demográfica média'' — Z12, além de possibilitar uma implantação de usos comerciais e de serviços, sem que a infra-estrutura da área comporte um adensamento em alta escala. As ''zonas de usos especiais'' — Z8 — e a ''zona de uso especial para a preservação de imóveis de caráter histórico, artístico, cultural e paisagístico'' — Z8-200 - já existentes, além de serem em número inexpressivo, não propiciam a preservação de caráter ambiental e de conjunto que são o foco de interesse do IGEPAC/SP.

Assim, pode-se prever a futura e muito próxima transformação radical da paisagem da área que se apresenta hoje de difícil apreensão, exatamente por estarmos estudando na sua fase de transição, onde uma completa deterioração física convive de forma contraditória e contrastante com investimentos imobiliários habitacionais em franco processo de expansão, e

9 Rua Conselheiro Furtado, obras da Radial Leste-Oeste. 1972

Radial Leste-Oeste, Viaduto Cidade de Osaka. 1984

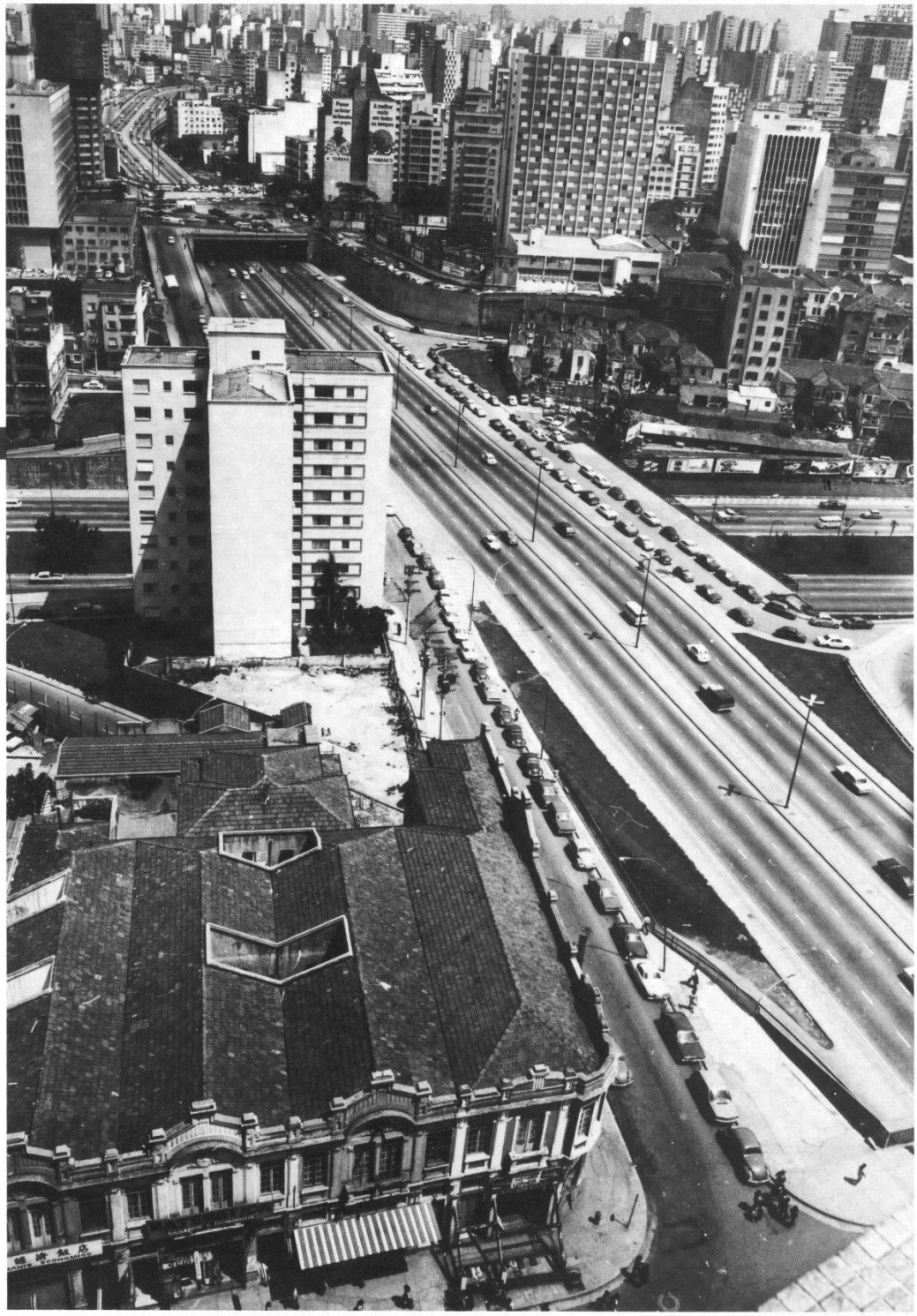


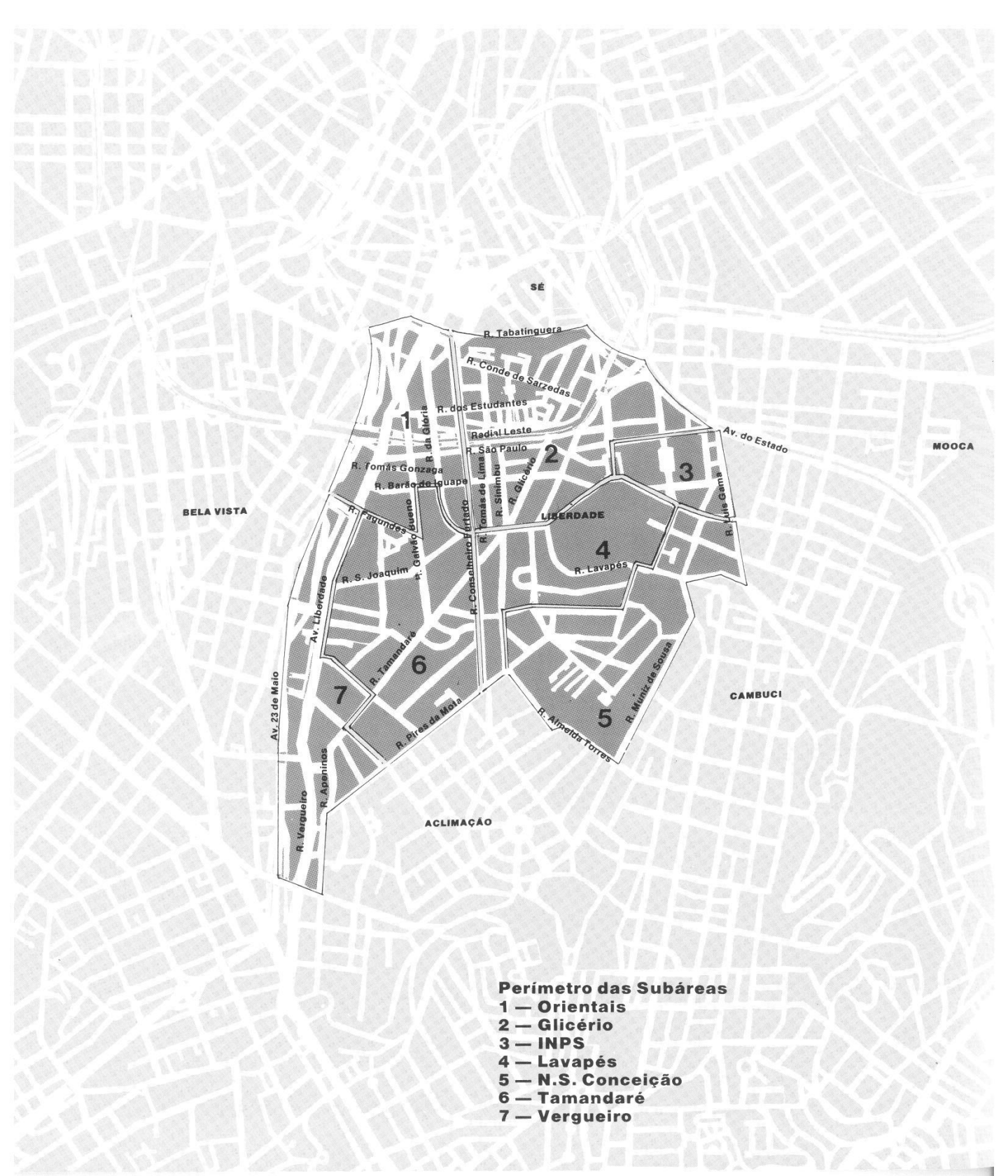
com investimentos de capital oriental voltados para o setor de serviços, efetuados aparentemente de modo um tanto desordenado.

Toda a atuação preservacionista na área não pode se furtar de levar em conta uma paisagem fragmentada, onde tendências contemporâneas de ocupação verticalizante do espaço já se propagaram pulverizadamente, dificultando tratamentos projetuais uniformes e induzindo a intervenções específicas no conjunto da paisagem.

Vista Geral da Baixada do Glicério, confluência das Ruas Barão de Iguape e Glicério. 1984

Avenida Radial Leste-Oeste. Fotografia tomada da Avenida da Liberdade.

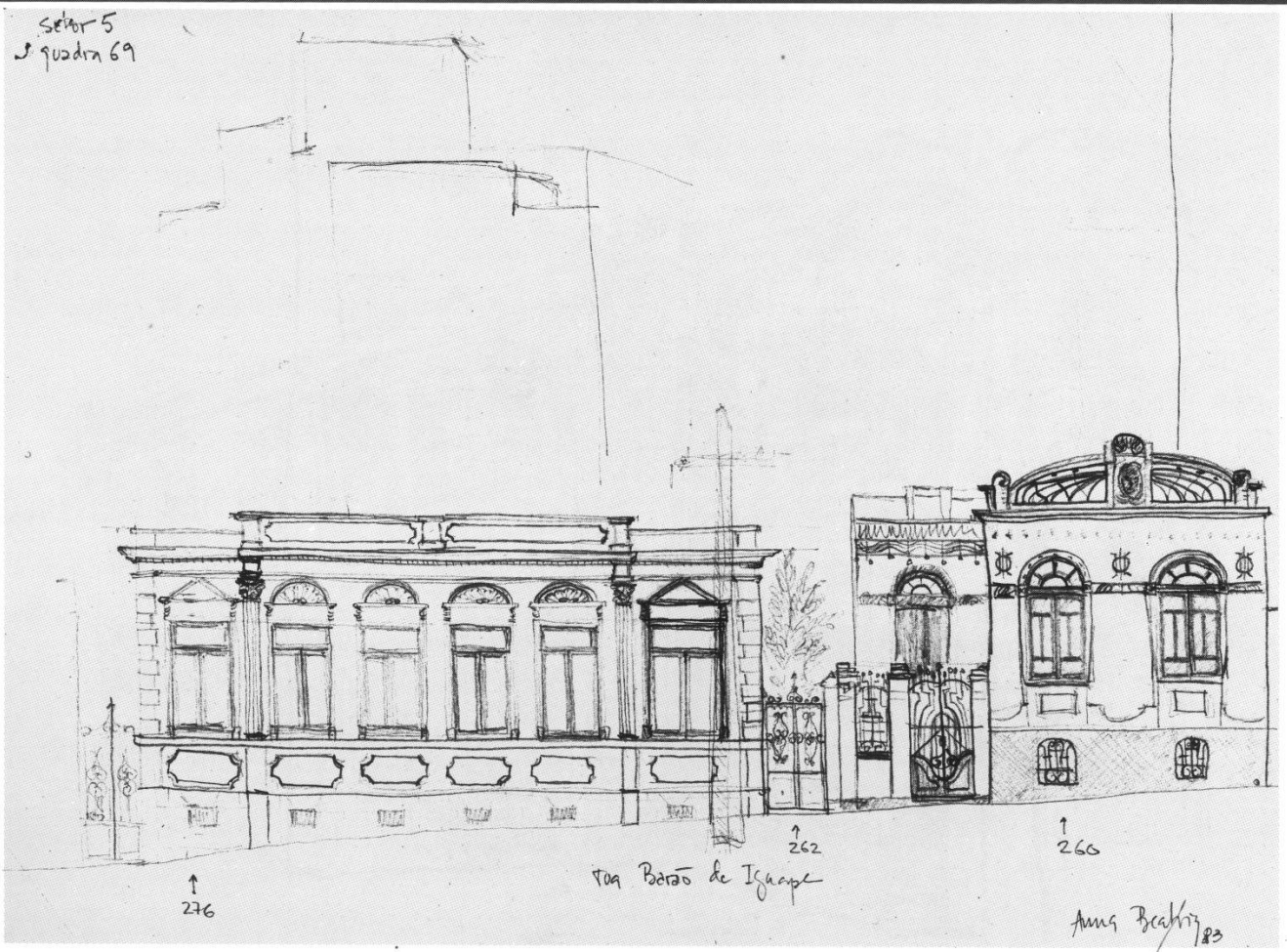


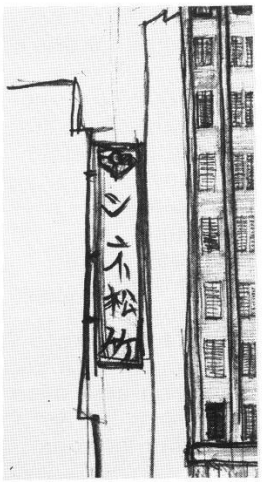


Perímetro das Subáreas
1 — Orientais
2 — Glicério
3 — INPS
4 — Lavapés
5 — N.S. Conceição
6 — Tamandaré
7 — Vergueiro

A característica marcante da Liberdade é a fragmentação gerada por uma paisagem urbana essencialmente descontínua e confusa, impossibilitando uma apreensão imediata e uma leitura globatizante da área.
A Liberdade apresenta significativa descontinuidade na conformação de seu tecido urbano surgida em decorrência de condicionantes topográficos, o que considerado juntamente com a contínua transformação na ocupação física e as mudanças de uso, determinam a dificuldade de leitura da área.
Sua topografia causa ocupações diferenciadas: nas áreas mais planas — lotes menores, grande densidade, e total ocupação; nas áreas mais acidentadas — vazios de centro de quadra e lotes mais profundos.
Poucas são as unidades de espaço em que se pode inferir facilmente uma feição urbana própria ou uma clara afirmação tipológica. Estas poucas unidades na área constituem-se em referenciais importantes para o usuário.
Com o objetivo fundamental de construir a imagem real do bairro em termos de paisagem urbana e funcionalidade inter e extra-bairro, setorizou-se a área estudada em subáreas.
Na análise das subáreas procurou-se explicitar em cada uma delas as suas

Rua Barão de Iguape. 1983





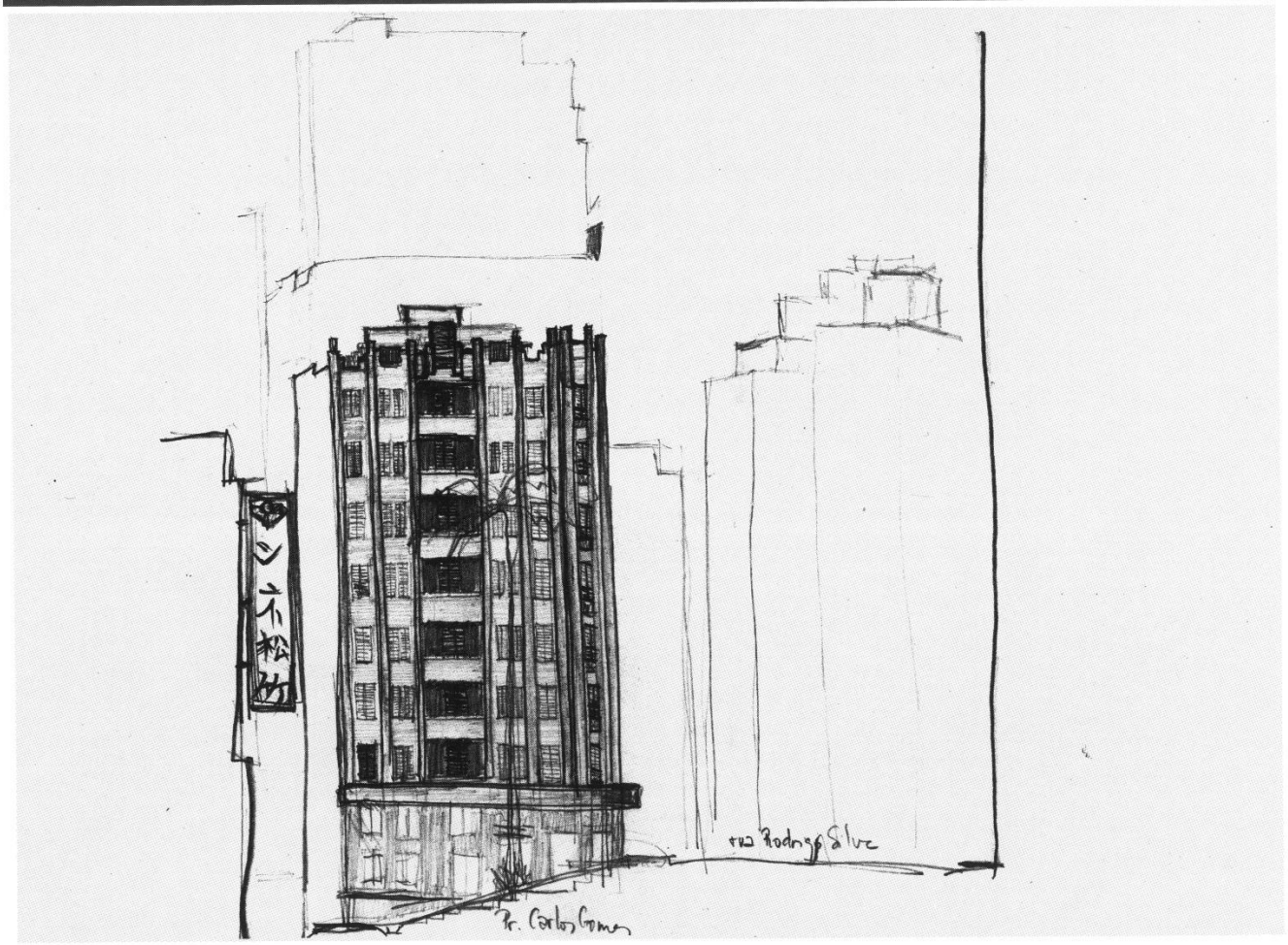
características essenciais e a sua articulação com o todo, através da identificação de manchas.

Cada subárea foi delimitada a partir de uma análise que buscou localizar características comuns geradoras de uma unidade funcional e física: semelhanças tipológicas a nível de feições arquitetônicas, de assentamento e de traçado urbano e, obviamente, também a partir de contrastes detectados com os mesmos critérios.

Manchas são áreas com significativa incidência de caracteres particulares que as identificam e as tornam legíveis dentro de uma unidade maior de estudo. Esta legibilidade algumas vezes tem um caráter não tão explícito; são manchas que surgem em função de uma análise particular (tipologia de habitação, traçado histórico, etc.). A identificação e caracterização das manchas leva ao estabelecimento de possíveis rebatimentos entre as diversas manchas dentro de uma mesma unidade de estudo (subárea, bairro ou cidade) e, portanto, ao conhecimento de formas de articulação dentro da unidade maior que possibilitam a leitura e compreensão do todo.

Esta articulação efetua-se, algumas vezes, através de elementos pontuais

Praça Carlos Gomes. 1983



que contribuem para organizar a leitura da área. São elementos isolados que por sua localização ou características possibilitam uma ligação espacial entre as diferentes manchas.

Um outro caso verifica-se quando as manchas se interpenetram possibilitando uma continuidade de leitura.

A legibilidade é fundamental na estrutura de uma cidade porque ela permite o exercício de uma atividade fundamental ao ser humano, o habitante: o estabelecimento do processo de orientação não só no seu significado imediato, mas também a nível sensível e social, o que se torna mais significativo se verificarmos que numa cidade como São Paulo a ocupação caótica e indiferenciada é uma constante.

Os critérios que nos orientaram na identificação das manchas classificam-se em dois grupos não estanques: valor histórico e valor ambiental.

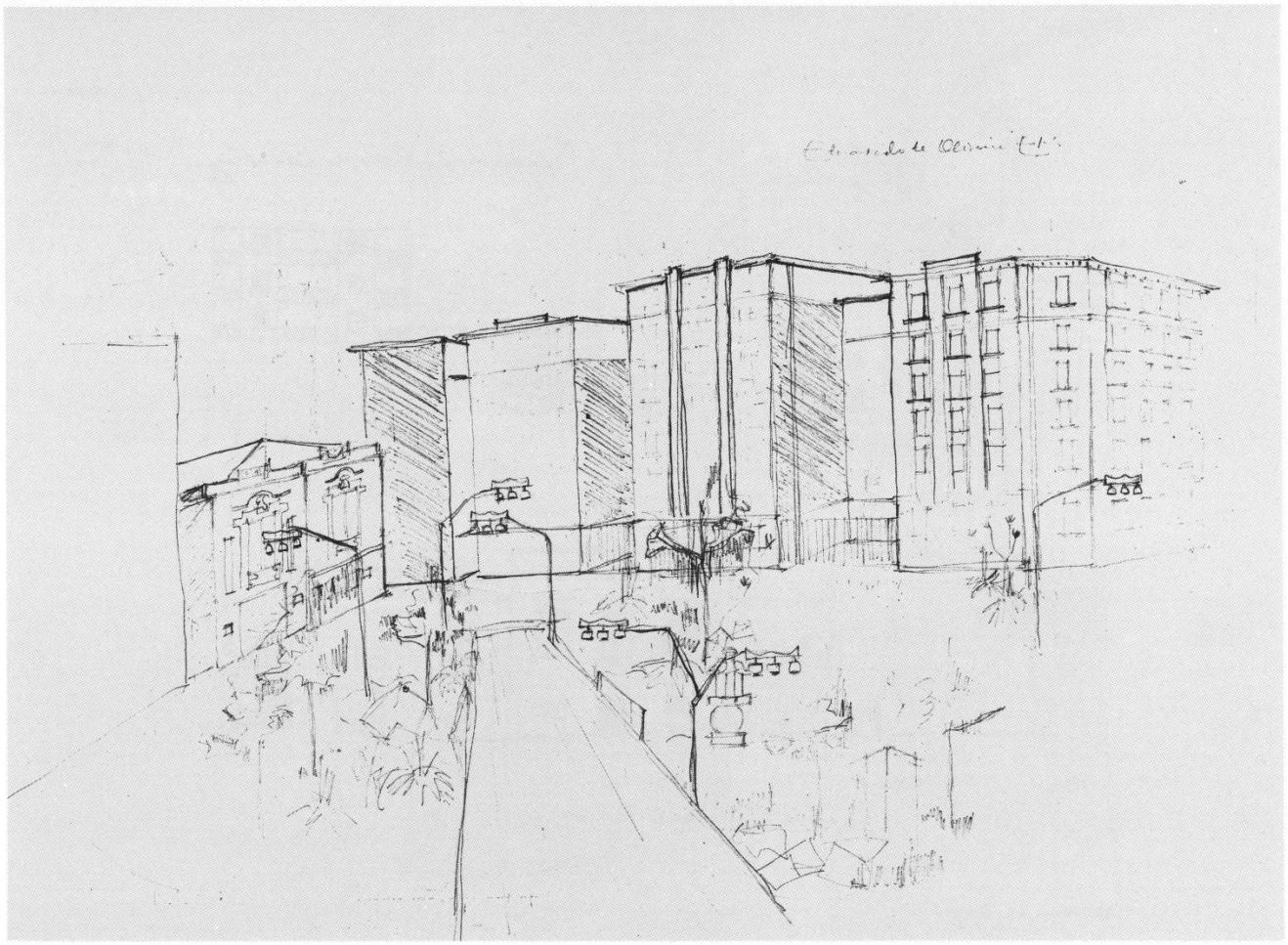
Valor histórico — aferido a partir de: permanências importantes que testemunham a ocupação do bairro em suas diversas fases e que se dão a nível de traçado das vias, configuração das quadras, formas de apropriação do solo (tipos dos lotes), arquitetura representativa de épocas e formas particulares de habitação.

5 Rua Tomas de Lima. 1983

Valor ambiental — são áreas com valor histórico ou não, que apresentam características ambientais particulares, de fácil apreensão, ricas em sugestões e possibilidades de apropriação pela coletividade, entendendo-se apropriação no sentido de uso. É aferido a partir de: traçados harmoniosos ou com elementos de surpresa; conjuntos de edificações homogêneas ou não que, pelas relações que estabelecem entre si, tornam-se importantes referencialmente; áreas livres que, por sua situação e conformação, possibilitam leitura conjunta com o entorno ou potencial de aproveitamento a nível de bairro ou da cidade; espaços abertos de pequena escola, com fechamentos laterais que sugerem outras alternativas de uso, além do original e praças, pela escassez desse tipo de espaço urbano na área.
O valor arquitetônico não foi considerado isoladamente uma vez que a incidência de edifícios com excepcional valor arquitetônico é quase nula.

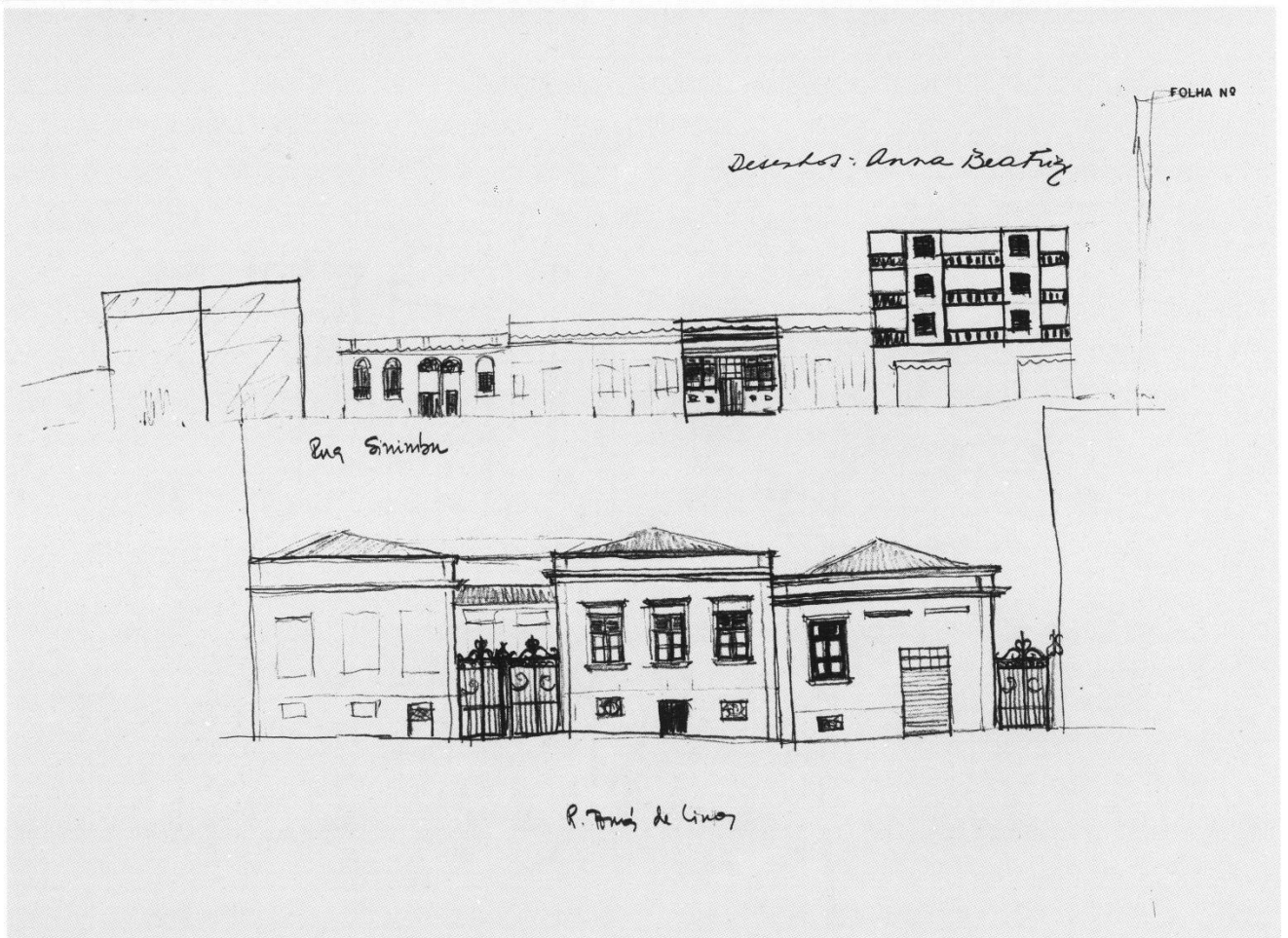
Rua Apeninos. 1983

57 Largo da Pólvora. 1983

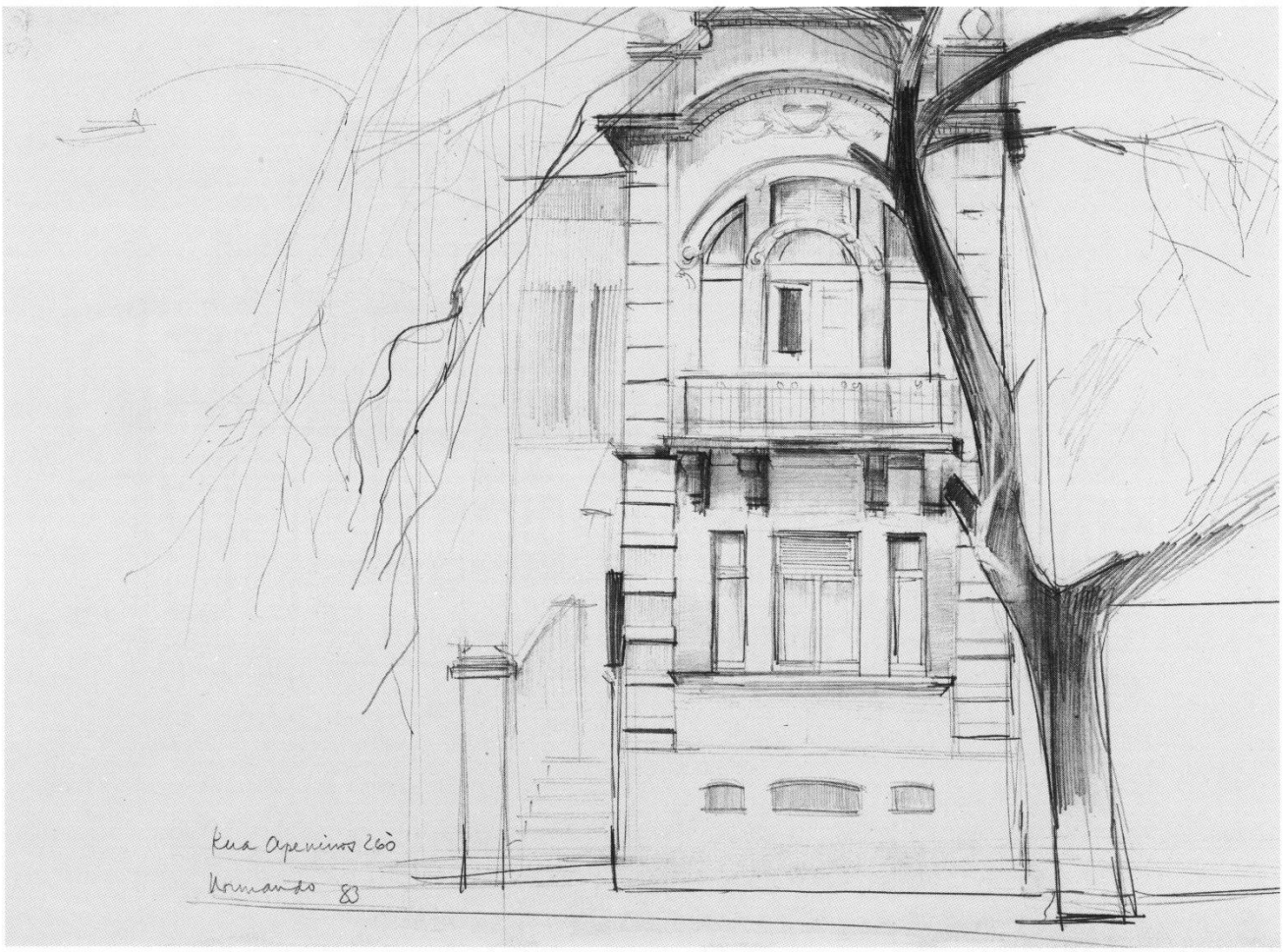


Rua Tomás de Lima e Rua Sinimbu. 1983

Rua Apeninos. 1983 58



59



Rua Barão de Iguape. 1983

R da Glória

19- Conjunto edilício com elementos "art nouveau" de valor arquitetônico e edifício de valor arquit. e ambiental ameaçado, passagem

20. Esquina ocupada por edifício edilício de valor arquit. e amb.

Se quadra na sua face da R da Glória e nas esquinas R do Cons. Portela e R de Janeiro e com Farfado apresenta Conjunto [illegible] em construção verdo.

SÉ
R. Tabatinguera
Z5
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
Z3
Z2
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
MOOCA
R. da Glória
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
BELA VISTA
R. Fagundes
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. Galvão Bueno
Z4
R. Conselheiro Furtado
R. S. Joaquim
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Z 12
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
Av. 23 de Maio
R. Apeninos
R. Vergueiro
ACLIMAÇÃO
Perímetro da subárea 1
Zonas de uso

O zoneamento desta subárea é determinado pela sua proximidade com o centro da cidade e pelo fato de ser cortada por grandes vias metropolitanas.
Nela localizam-se dois edifícios tombados — a Igreja de São Gonçalo e a Capela dos Aflitos — e vários edifícios próprios do poder público.
No entanto o zoneamento existente admite em grande extensão da área o uso misto e o adensamento através da verticalização, coexistindo com o uso residencial. O raio de 300 metros de proteção de edifícios tombados pelo CONDEPHAAT deveria ser fator eficiente na contenção de gabaritos que favorecessem a escala e a qualidade ambiental.
Esta subárea apresenta a maior vitalidade do bairro da Liberdade e um forte caráter oriental, manifesto na grande concentração de lojas e de restaurantes típicos, fator que a identifica.
Desde núcleo original da Liberdade a núcleo que apresenta hoje maior vitalidade, esta subárea sofreu muitas transformações em seu tecido urbano, sempre determinadas pelas necessidades do tráfego metropolitano que resultaram em uma configuração pautada em mutilações e sobreposições de traçado urbano de difícil legibilidade.
Atualmente podemos dizer que três eixos básicos determinam a estrutura da

SUBÁREA 1

Praça João Mendes, Igreja de São Gonçalo. 1984

área: Avenida Liberdade, Rua Galvão Bueno e Rua da Glória, todos derivados do centro da cidade. O eixo da Avenida Liberdade complementado pela Rua Vergueiro constitui um sistema viário extrabairro intensificado pela construção da linha Norte-Sul do Metrô. Com a mesma característica extrabairro, a Rua da Glória e a Rua Lavapés fazem a ligação Centro — Cambuci — Várzea do Tamanduateí. A Rua da Glória tem a percepção de seu interessante traçado prejudicada pelas mutilações causadas pela Radial Leste e pelo alargamento da Rua Conselheiro Furtado na sua intersecção. As mutilações, a disparidade de gabaritos, de recuos e a verticalização intensa das edificações provocam obstáculos no processo de leitura da paisagem da Rua da Glória.

Entre estes dois eixos com características extrabairro, está a Rua Galvão Bueno, eixo interno que constitui núcleo polarizador desta subárea. Primeiramente por sua definição funcional é a rua mais representativa do comércio oriental local. Para isto, muitos dos edifícios, incluindo os das imediações da Rua Galvão Bueno — em especial da Rua Tomás Gonzaga —, receberam detalhes de adaptação e intervenções às vezes interessantes, principalmente nas caixilharias, pinturas de fachadas e painéis, utilizando

Avenida da Liberdade. 1984

sinais e escritos orientais. Toda esta área passou por um plano paisagístico que implantou luminárias de tipologia oriental estilizada e criou os jardins orientais no Largo da Pólvora e na lateral da Radial Leste, junto à Rua Galvão Bueno, criando um cenário.

De certo modo, pode-se dizer que estes elementos, cuja intenção é criar uma ambiência particular, têm um resultado satisfatório como estratégia de diferenciação, tendo em vista os objetivos de promoção do comércio e turismo. Embora camuflado por este aspecto de consumo, também é possível que se encontrem evidências de uma população que ainda cultiva suas tradições culturais, em especial a japonesa. A uma observação mais atenta, contudo, torna-se claro que esses elementos de intervenções de caráter oriental nem sempre se harmonizam com os edifícios. O resultado final é uma imagem que deixa à mostra o descompasso entre construção e cenografia.

A Rua Galvão Bueno adquiriu uma função polarizadora para onde converge todo o fluxo desta subárea. Esta convergência é processada ao nível da articulação funcional também expressa no movimentado fluxo viário e de

Rua da Liberdade, próximo ao Largo da Pólvora. 1942

pedestre. Nela ainda se pode perceber um forte dinamismo nas constantes opções de uso.

Os três principais eixos do bairro foram rasgados pela abertura da Radial Leste, que, além de destruir alguns quarteirões, provocou uma fenda no espigão da Vergueiro. Com este corte, foram construídos viadutos que mantêm a continuidade destas ruas.

Dentre os quarteirões destruídos é preciso dar destaque à Praça Almeida Júnior: uma ausência marcante não só considerando a carência de áreas verdes da região, como também pelo fato de esta praça ter sido importante núcleo do século passado.

Com a mesma característica de via expressa, encontramos a Avenida 23 de Maio que foi construída num fundo de vale (Rio Anhangabaú), sem alterar a topografia local. Ainda encontramos construções remanescentes de antigos quarteirões na Rua Rodrigo Silva, Praça Carlos Gomes, Praça da Liberdade e Avenida da Liberdade. Todos dão fundos para a Avenida 23 de Maio, fazendo parte de sua paisagem.

Também em termos de traçado urbano, merece atenção especial a Praça Carlos Gomes, localizada entre a Praça João Mendes e a da Liberdade,

Largo da Pólvora. 1984
Praça Carlos Gomes, monumento à Humpei Hirano. 1984

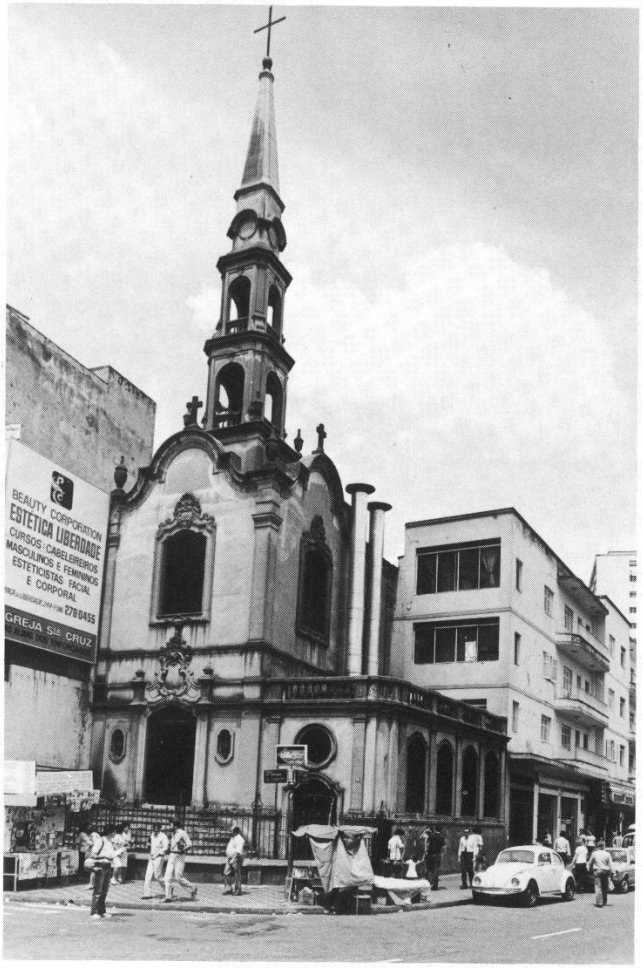
Largo da Pólvora. 1984
Praça Carlos Gomes. 1984

configurada como área de transição entre o centro e o bairro e onde se erguia um quarteirão no século passado. Este traçado corresponde à primeira ocupação do bairro permanecendo até hoje. Chegando-se a esta praça tanto pela Praça da Liberdade como pela João Mendes, um interessante aspecto visual é oferecido através da abertura do espaço que o torna um dos mais agradáveis de toda a área.

Mesmo a configuração de lotes ainda se mantém nestes quarteirões mais antigos, no entanto encontramos raros exemplares de ocupação inicial do bairro (Capela dos Aflitos, Colégio São José e Igreja dos Enforcados) dispersos dentro da subárea. Igualmente dispersos, porém com uma maior incidência, são os exemplares de uma arquitetura do final do século XIX e início do XX. Tais permanências arquitetônicas convivem caoticamente com construções mais recentes e com a verticalização. Contudo ainda existem alguns casos onde a paisagem não é tão desordenada e que poderiam servir de forte componente ambiental, tanto do ponto de vista do referencial histórico quanto paisagístico, como, por exemplo, a Rua Fagundes.

Podemos dizer que um fator que contribui para a permanência destes conjuntos é o uso destinado aos imóveis. Em geral, tratam-se dos imóveis

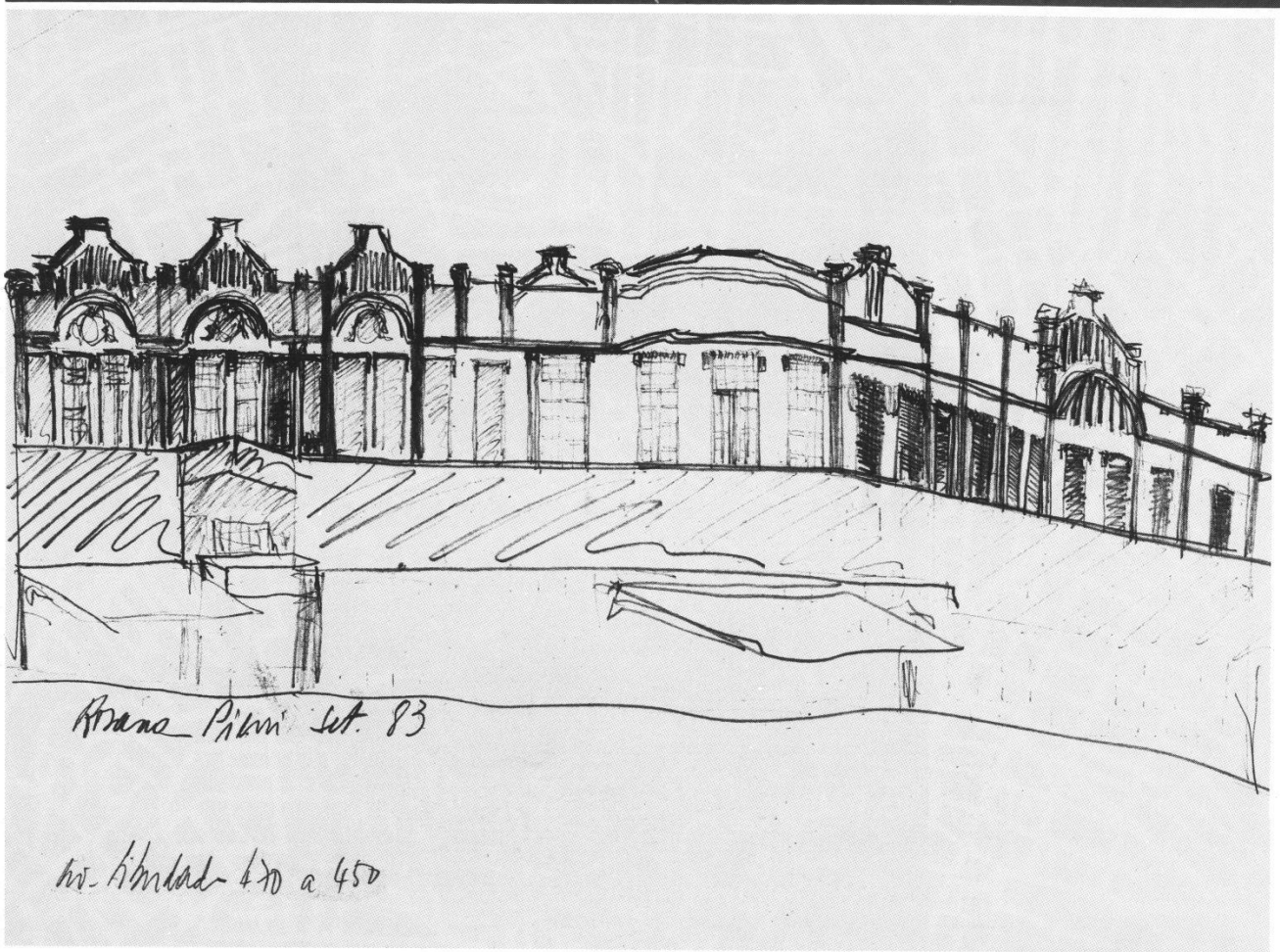
Praça da Liberdade, Igreja dos Enforcados. 1984

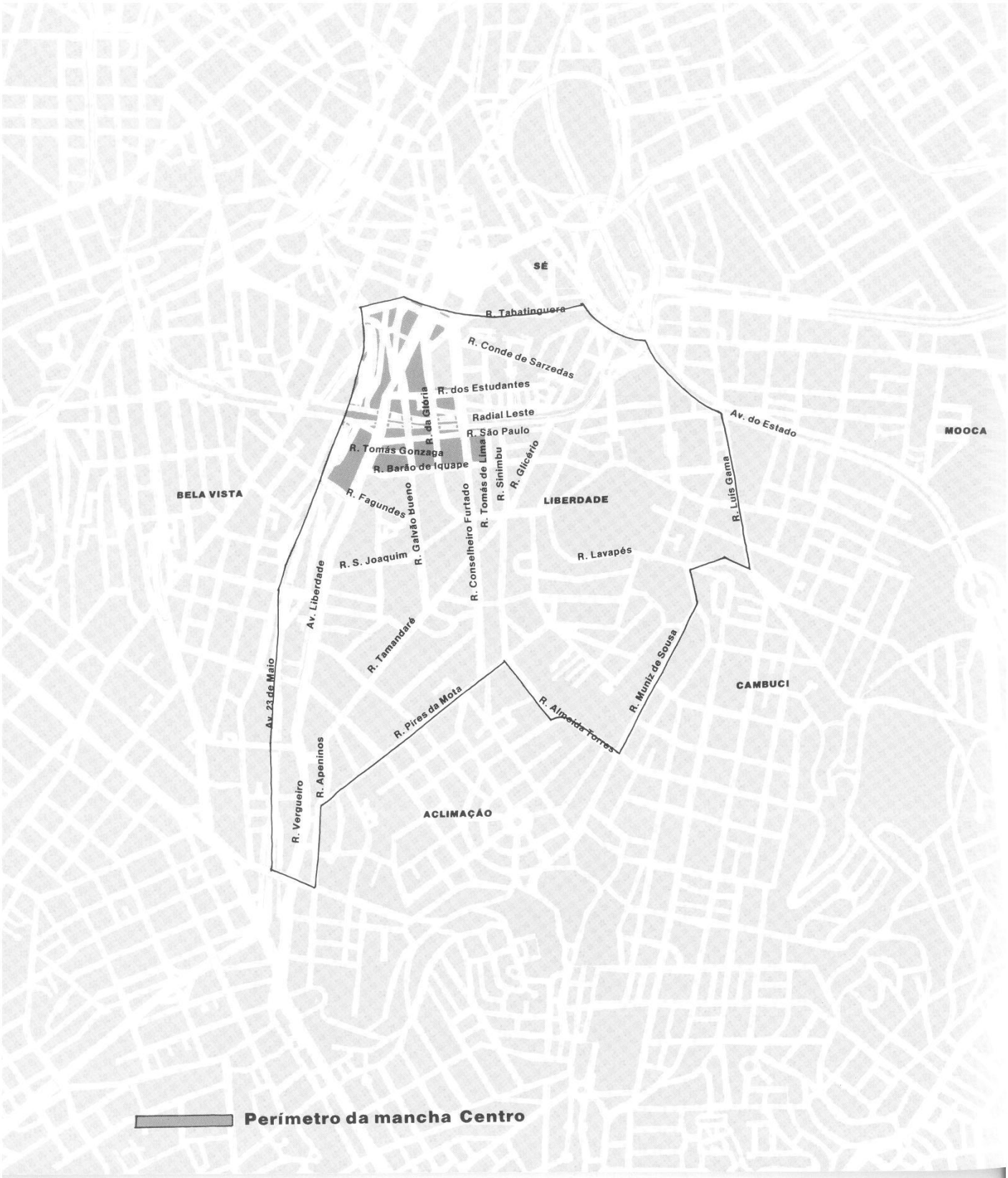


''encortiçados'' sobre os quais não se costuma intervir através de reformas e sim executando adaptações internas que nem sempre chegam a alterá-los exteriormente. É evidente que coincidem com um péssimo estado de conservação e com a falta de saneamento básico. Outro fator de permanência é o emprego de painéis comerciais ou ''máscaras'', que escondem as fachadas dos imóveis, e não as destroem.

Portanto, concluímos que esta subárea caracteriza-se por um intenso uso comercial e de serviços. Este aspecto vai se diluindo a partir da Rua Fagundes onde começam a aparecer várias instituições de ensino (''cursinhos'' e faculdades) mescladas com residências de classe média e mais alguns ''encortiçados''. E nas proximidades da Praça João Mendes a ''orientalização'' vai aos poucos dando lugar a escritórios e outros serviços voltados para o centro da cidade.

Avenida da Liberdade e Praça da Liberdade. 1976


Roseana Pisani set. 83
Av. Liberdade 440 a 450


SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
Radial Leste
R. São Paulo
R. da Glória
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iquape
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
Av. do Estado
MOOCA
BELA VISTA
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
R. Conselheiro Furtado
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. S. Joaquim
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da mancha Centro

Esta mancha abrange o primeiro e o segundo núcleo de urbanização do bairro.

O primeiro núcleo, que aparece já no mapeamento de 1810, compreende as quadras entre a Avenida 23 de Maio, Praça João Mendes, a Rua Conde de Pinhal, Rua da Glória até a Rua Galvão Bueno de onde segue até a Rua Tomás Gonzaga e pela Avenida Liberdade até a Rua Condessa de São Joaquim. É notável pela permanência de traçados originais, configuração de quadras de largos e praças e ainda por serem encontrados edifícios contemporâneos à primeira ocupação.

Apesar das alterações que ocorreram, principalmente por ocasião da implantação do Metrô, permancem inalterados os traçados de: Avenida Liberdade (antigo ''Caminho para Santos''), Rua Rodrigo Silva (antiga ''Rua da Cadeia''), Rua Álvares Machado (antiga ''Travessa Assembléia''), Rua Conde de Pinhal (antiga ''Travessa da Glória''), Rua dos Estudantes (antiga ''Travessa dos Estudantes''), Rua Américo de Campos, Rua Tomás Gonzaga, no trecho entre a Rua da Liberdade e Rua Galvão Bueno.

Das quadras resultantes deste traçado algumas sofreram pequenas alterações por alargamento das vias como as quadras localizadas entre a

Rua da Liberdade, 1942.

Rua da Liberdade e vista em direção à Várzea do Anhangabaú, ao fundo Igreja do Carmo, sem data.

Avenida Liberdade, a Rua dos Estudantes e a Rua da Glória, e também a quadra do Fórum João Mendes Junior. As quadras entre a Rua dos Estudantes e Américo de Campos foram mutiladas pela passagem da Radial-Leste. A quadra hoje ocupada pela Praça Carlos Gomes era primitivamente construída, ladeada pelas Ruas da Cadeia (Rodrigo Silva), Rua Santa Cruz e Rua Assembléia, anteriormente também chamada de Santa Cruz.

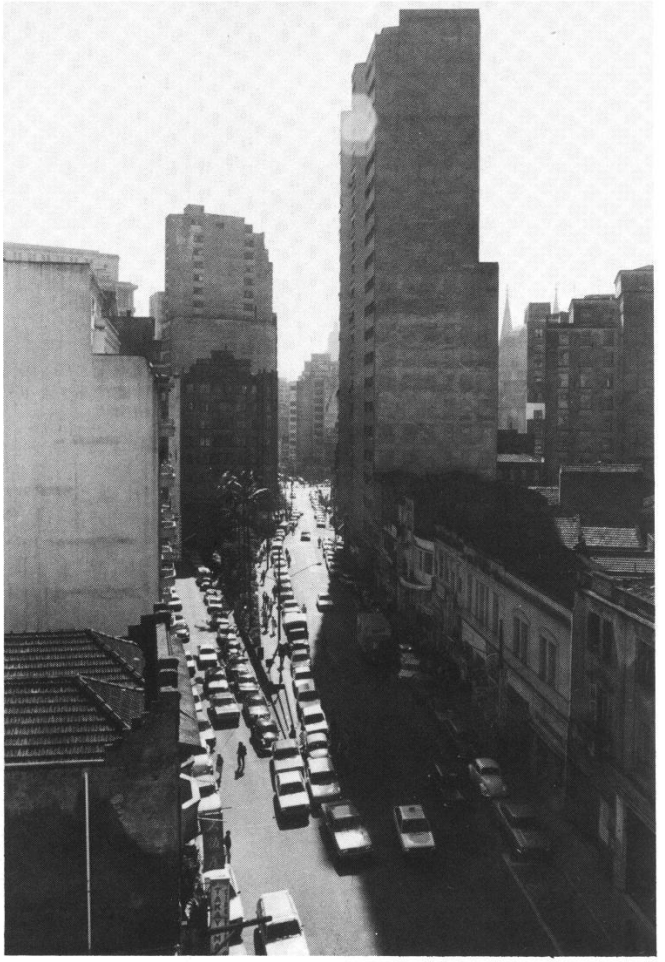
Com a construção da praça, desapareceu o trecho da Rua Assembléia que limitava a quadra. Outro pequeno trecho desta rua ainda permanece, entre a Praça Carlos Gomes e as encostas da Avenida 23 de Maio, testemunhando o traçado de um dos caminhos que transpunham o Vale do Anhangabaú, ligando os dois lados da cidade.

O Largo da Pólvora e a Praça da Liberdade (antigo Largo da Forca) sofreram alterações regulares em sua configuração e o Largo Sete de Setembro foi o mais descaracterizado pela perda do fechamento em direção à Praça João Mendes (antigo Largo da Cadeia/Largo de São Gonçalo), com a demolição da quadra onde se situava a Igreja Nossa Senhora dos Remédios.

Quanto à ocupação, existem alguns edifícios contemporâneos à primeira ocupação da área, com a igreja de São Gonçalo (séc. XVIII) e a Capela dos

Av. Liberdade e Radial Leste Oeste, 1986.

Praça Carlos Gomes. 1984.



Aflitos (séc. XVIII) que pertencia ao antigo cemitério existente na área. O Externato São José, pertencente à Irmandade de Santa Casa, situa-se no mesmo local onde se localizava a primitiva Santa Casa de Misericórdia. A casa n.º 95 da Rua da Glória possívelmente também é remanescente de uma primeira ocupação.

A ocupação das quadras entre a Avenida 23 de Maio, Praça João Mendes e Avenida da Liberdade até o cruzamento desta com a Rua Rodrigo Silva, é de um segundo período, situado entre o fim do século passado e a década de 40, guardando interessante relação entre as edificações a nível de volumetria, principalmente nos entornos da Praça Carlos Gomes. No restante da área existem exemplares da segunda e terceira ocupação.

Os principais pontos de atração e referência da mancha são: a Igreja dos Enforcados, localizada no antigo Largo da Forca, hoje Praça da Liberdade, local de grande freqüência de fiéis às segundas-feiras; o Largo da Pólvora,com seu jardim japonês; a Praça da Liberdade com a estação do Metrô; Praça Carlos Gomes; Capela dos Aflitos, Igreja de São Gonçalo; Rua Tomás Gonzaga, onde se concentram os restaurantes e bares japoneses; o Viaduto Cidade de Osaka, sobre a Radial Leste, pela Galvão Bueno com o

Largo 7 de Setembro e Avenida da Liberdade. 1984

Avenida da Liberdade e Avenida 23 de Maio. 1976

''Torii'' e a Rua Galvão Bueno onde se concentra o comércio de artigos japoneses e chineses.

Os principais equipamentos culturais e institucionais existentes ainda são: templos de seitas religiosas, dois cinemas especializados em filmes japoneses (antigos Cine Jóia e Niterói), salão de danças (Paulistano da Glória), o Colégio São José e o Fórum João Mendes Junior.

A mancha Centro é permeada pelas manchas Galvão Bueno e Glória-Lavapés, que serão descritas adiante, por terem critérios diferentes de análise. Por sua vez, a mancha 23 de Maio-Vergueiro penetra lateralmente na mancha Centro.

O segundo núcleo de urbanização do bairro estrutura-se em torno da Praça Almeida Junior, prolongando-se pela Rua Conselheiro Furtado e Rua da Glória até a Rua Barão de Iguape e compreende também a Rua Tomas de Lima (trecho entre a Rua São Paulo — antiga Rua dos Ingleses — e Rua Barão de Iguape).

A área foi bastante mutilada pela abertura da Radial Leste que seccionou e quase fez desaparecer a Praça Almeida Junior, antigo Largo São Paulo, onde se situava o Teatro São Paulo, demolido para passagem da Avenida. Restam,

a Glória, Colégio São José. 1984 Rua da Glória n.º 95. 1984 74

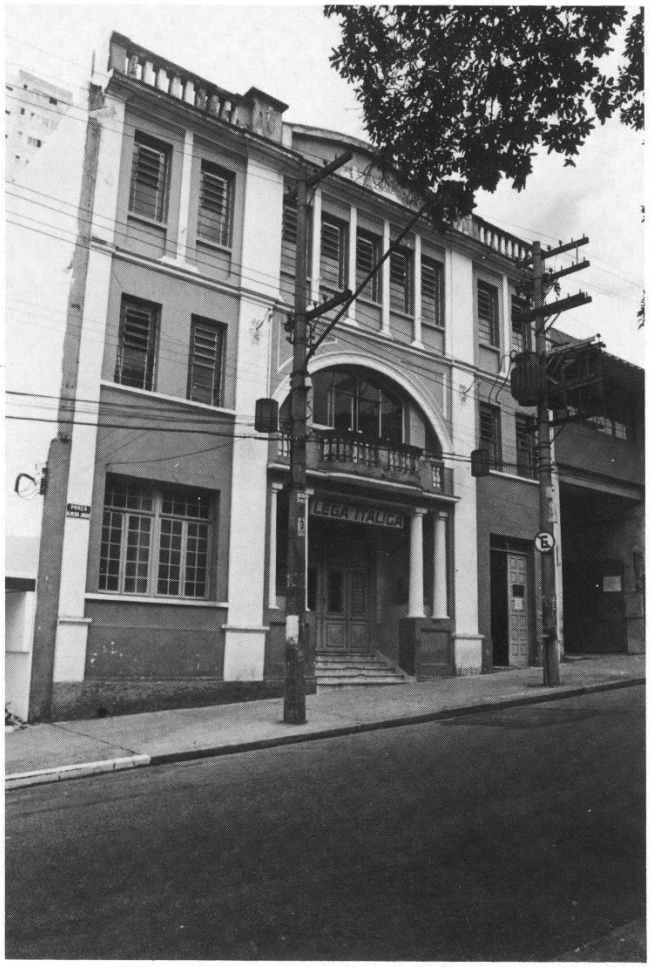
no entanto, parte dos fechamentos laterais da antiga praça, remanescentes de uma provável segunda ocupação.

O edifício pertencente à Secretaria de Segurança Pública, situado na esquina da Rua da Glória com a Rua Américo de Campos foi sede do governo paulista durante a gestão de Albuquerque Lins, Presidente do Estado.

A Rua Barão de Iguape conserva, em alguns trechos, seqüências de casas datadas do fim do século XIX,como também as Ruas Tomás de Lima e Conselheiro Furtado.

No trecho abaixo da Rua Conselheiro Furtado a mancha Centro confunde-se com a mancha Sarzedas/Barão de Iguape, descrita adiante.

Praça Almeida Júnior, "Circolo Italiano". 1984

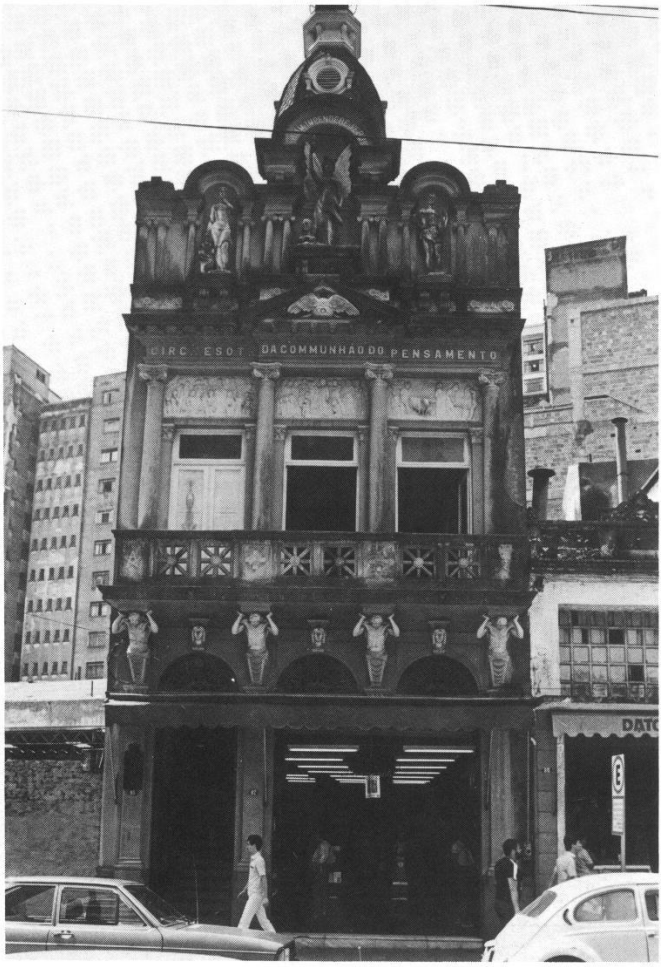


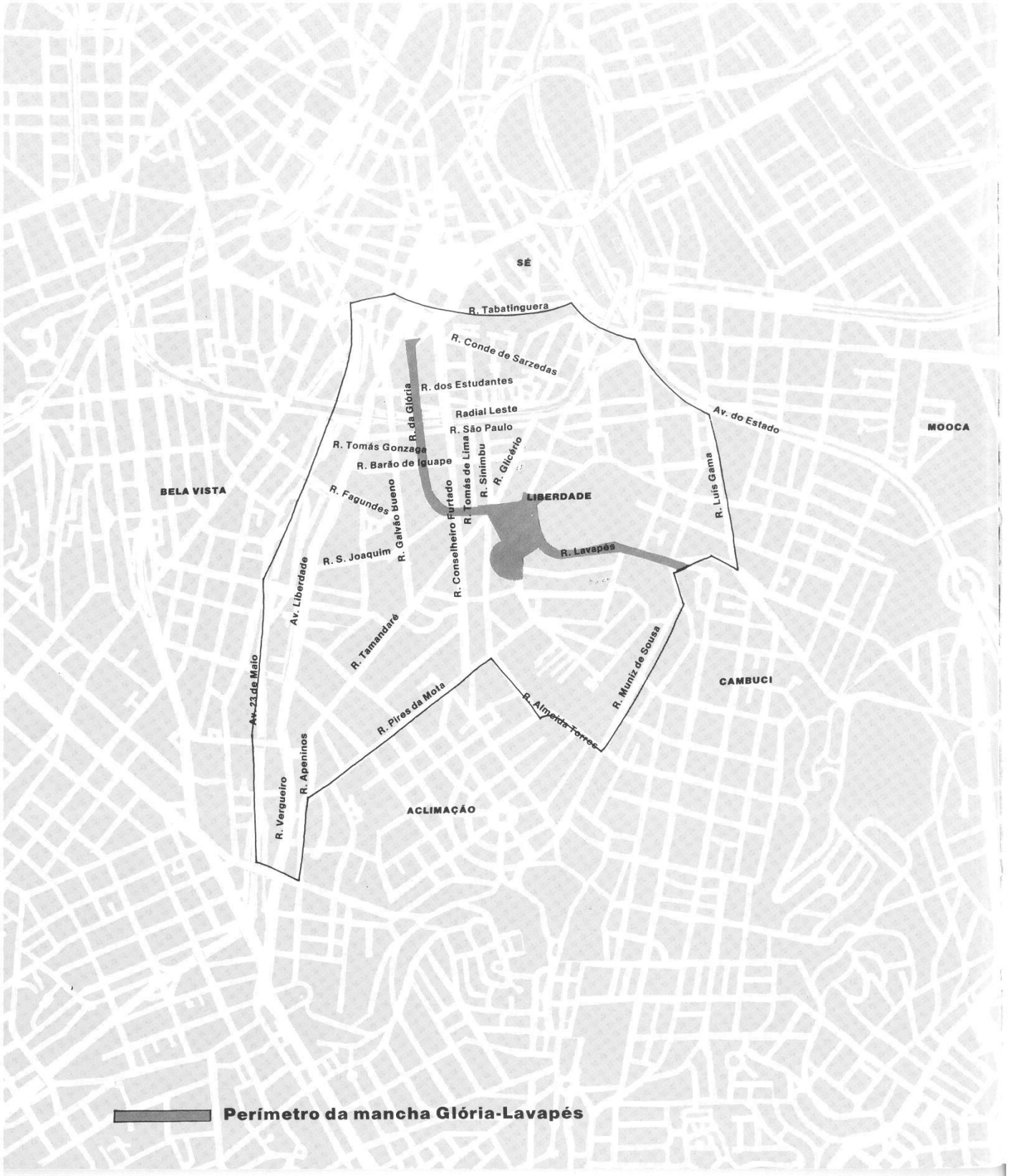
Rua Galvão Bueno, "Torii". 1984

Avenida e Praça da Liberdade. 1984

7 Avenida Liberdade, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. 1984
Imóvel à Rua Conselheiro Furtaro, 1984.

Rua Rodrigo Silva, 85/87




SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
Av. do Estado
MOOCA
BELA VISTA
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
LIBERDADE
R. Conselheiro Furtado
R. Luís Gama
R. Lavapés
R. S. Joaquim
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da mancha Glória-Lavapés

O traçado dessas duas vias sobrepôs-se ao antigo caminho para Santos (Estrada Velha) ou ''caminho do Lavapés'', já indicado nos mapas do início do século XIX. É um traçado bastante sinuoso, contornando, já na região da várzea, o Morro do Piolho.

A Rua da Glória, apesar de conservar inalterado o traçado do antigo caminho, está muito descaracterizada a nível das edificações. Em certos trechos chega a ser caótica, com edifícios altos convivendo com casas de um só pavimento, recuos díspares, péssimo estado de conservação das edificações e alto nível de poluição visual (letreiros, cartazes, ''out-doors'' e fiações aéreas). A única exceção é o trecho final, onde a permanência arquitetônica ameniza e recompõe a paisagem da rua. Sua seqüência, a Rua Lavapés, possui grande valor ambiental, tanto pela forte sinuosidade de seu traçado, como pela presença de edifícios e conjuntos arquitetônicos componentes de uma paisagem que se desenrola agradàvelmente entremeada de surpresas para quem a percorre.

A mancha Glória/Lavapés abrange, além dessas duas ruas, o Morro do Piolho, que determina a curvatura da Rua Lavapés, e a Rua Espírita, travessa do primeiro trecho da Lavapés que termina ao pé do Morro de Piolho. O topo

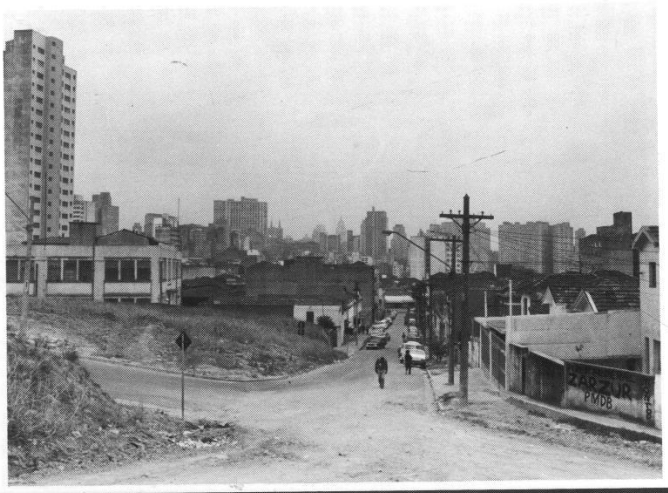
MANCHA GLÓRIA LAVAPÉS

Vista Geral da Baixada do Glicério. 1984

do Morro do Piolho é uma área livre de valor ambiental, com expressivas aberturas visuais sobre a Rua Lavapés, a várzea do Tamanduateí e o centro da cidade: A Rua Espírita, que converge para o morro, ainda conserva o casario baixo remanescente de sua primeira ocupação incluindo a pequena capela da Santa Cruz do Lavapés, local de devoção dos moradores do bairro. **A**lém de estar contida na subárea 1, a mancha Glória/Lavapés também atravessa as subáreas 3 e 4.

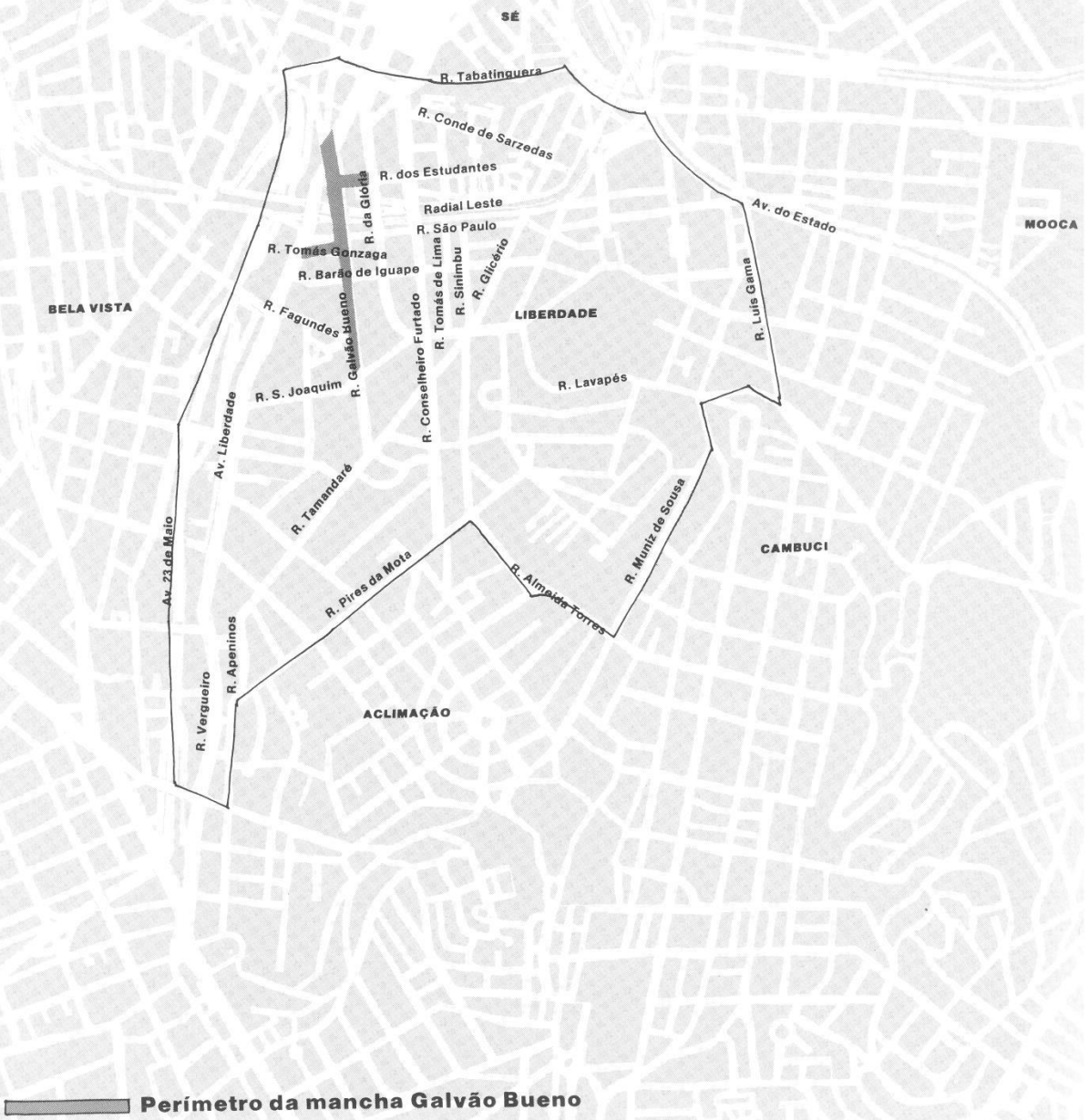
Vista Geral das Instalações da ELETROPAULO. 1984

Vista Geral da Baixa do Glicério e Radial Leste-Oeste. 1984
Rua Lavapés, conjunto de sobrados. 1984



Vista Geral Rua Espírita. 1984
Rua Lavapés, casa de taipa (demolida). 1984

33 Rua Espírita, Capela Santa Cruz do Lavapés. 1984
Vista Geral da Baixada do Glicério, ao fundo Radial Leste-Oeste. 1984

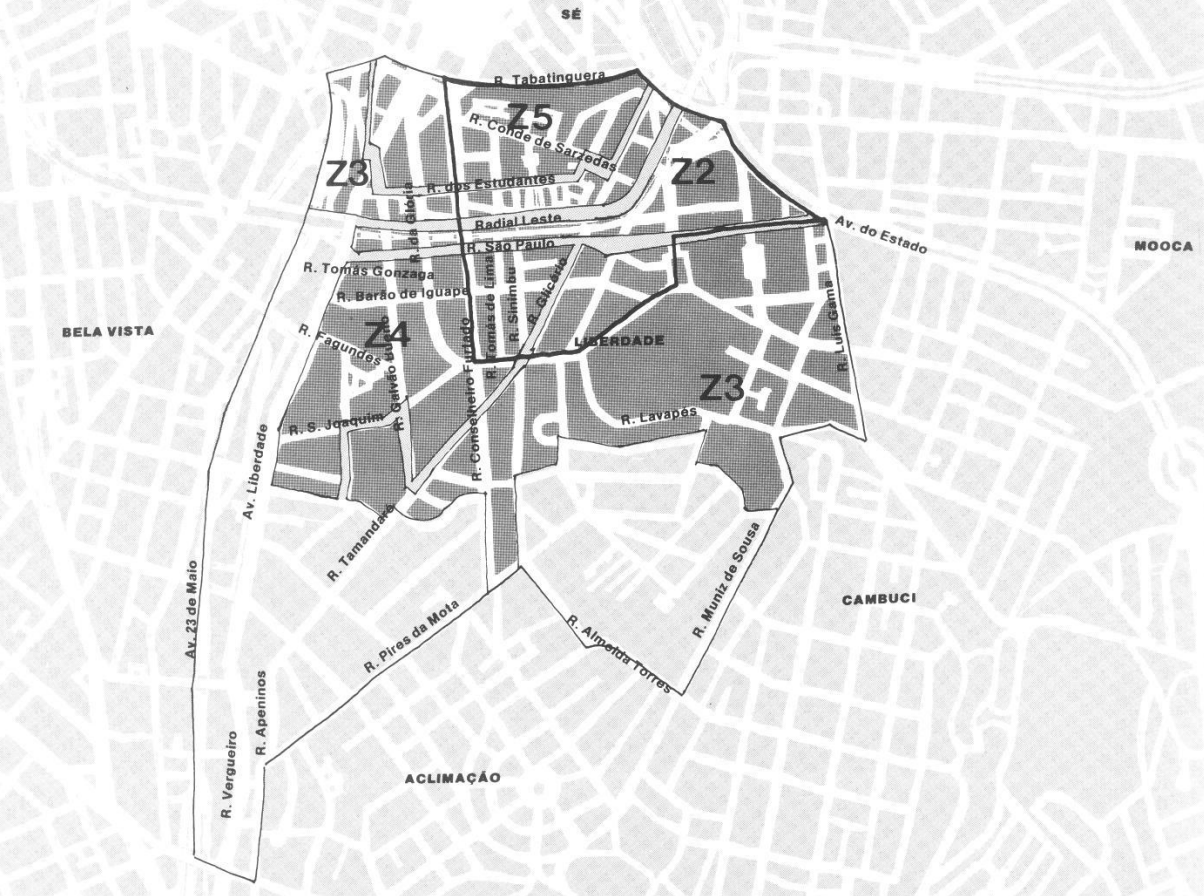

SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
MOOCA
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Glicério
R. Sinimbu
R. Tomás de Lima
R. Conselheiro Furtado
R. Galvão Bueno
R. Fagundes
BELA VISTA
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. S. Joaquim
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da mancha Galvão Bueno

A análise particular desta mancha, compreendida pela Rua Galvão Bueno até a Rua São Joaquim, incluindo as Ruas Tomás Gonzaga e dos Estudantes até a Rua da Glória, justifica-se em função de sua grande vitalidade, determinada pela presença maciça de comércio e serviços ligados à colônia oriental.
O nível de descaracterização dos edifícios da área é muito grande não havendo quase nenhum testemunho das feições originais de uso anterior à sua ocupação para fins comerciais.
A caracterização com motivos e letreiros orientais não chega a criar uma ambiência agradável. Exceção deve ser feita à Rua Tomás Gonzaga, onde os restaurantes e bares possuem fachadas e interiores nos moldes japoneses que configuram uma paisagem bastante expressiva. Também o viaduto sobre a Rua Galvão Bueno, Viaduto Cidade de Osaka, compõe com os jardins situados nas laterais da Radial uma ambiência interessante.
Os usos e caracterizações orientais existem no restante do bairro, porém, de maneira mais esparsa.

Rua Galvão Bueno, detalhe de anúncio de fachada. 1984

Rua Galvão Bueno, detalhe de fachadas de edifícios comerciais. 1984

37 Rua Galvão Bueno, jardim oriental. 1984


SÉ
R. Tabatinguera
Z5
R. Conde de Sarzedas
Z3
Z2
R. dos Estudantes
Radial Leste
Av. do Estado
MOOCA
R. São Paulo
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
BELA VISTA
Z4
R. Fagundes
LIBERDADE
Z3
R. Lavapés
R. S. Joaquim
Av. Liberdade
R. Tamandaré
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
Av. 23 de Maio
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da subárea 2
Zonas de uso

Esta subárea assemelha-se, em termos de zoneamento, à anterior. O zoneamento existente (Z3) incentiva um remembramento de lotes que está provocando a demolição de conjuntos inteiros e destruindo as possibilidades de documentação e de preservação de áreas de grande valor ambiental.
Esta subárea tem como característica básica a grande permanência arquitetônica. sem dúvida este quadro é decorrente da destinação destes imóveis, originalmente residenciais de classe média e operária, implantados nas proximidades e acompanhando a Rua Conselheiro Furtado ou Rua do Glicério, e que, com o tempo, foram dando lugar aos ''encortiçados''. O caráter de habitação ainda se mantém, prevalecendo, além dos ''encortiçados'', as moradias unifamiliares de aluguel barato. Uma região de comércio estritamente local e com poucos serviços, porém, próxima do Centro, o que, aliado ao baixo custo dos aluguéis, denota a tendência de estoque de terra, característica dos cinturões que contornam as áreas centrais das grandes cidades.
Com a abertura da Radial Leste, esta subárea ficou seccionada em duas partes,onde o processo de transformação fez surgir dois núcleos diferenciados.

Rua dos Estudantes, conjunto de casas. 1984

O núcleo polarizado pela Rua Conde de Sarzedas ficou configurado pelo seu isolamento, estabelecido pela barreira natural da Rua Tabatingüera (encosta) e pela nova avenida. É onde se concentravam as vilas operárias, localizadas ao longo da Rua dos Estudantes e Rua Conde de Sarzedas. Os quarteirões mais próximos da Rua Conselheiro Furtado já possuem outro tipo de lote e ocupação, assemelhando-se mais ao outro núcleo. Quanto ao uso, continua predominantemente residencial, unifamiliar ou cortiço. Na baixada do Glicério, numa pequena área definida pela Rua Conde de Sarzedas, Rua do Glicério, encosta da Rua Tabatingüera e Rua João de Carvalho, existe uma série de altos edifícios,com apartamentos pequenos, vulgarmente chamados os ''pombais'', com uma grande densidade demográfica, reforçando, portanto, a predominância residencial de uma população de baixa renda. Para a construção desses prédios, foram abertas as Ruas Oscar Cintra Gordinho e Helena Zerrener. Atualmente, a Rua Conde de Sarzedas é a de maior vitalidade, com a presença de serviços e comércio de caráter religioso, devido à concentração de numerosas seitas e igrejas evangélicas.

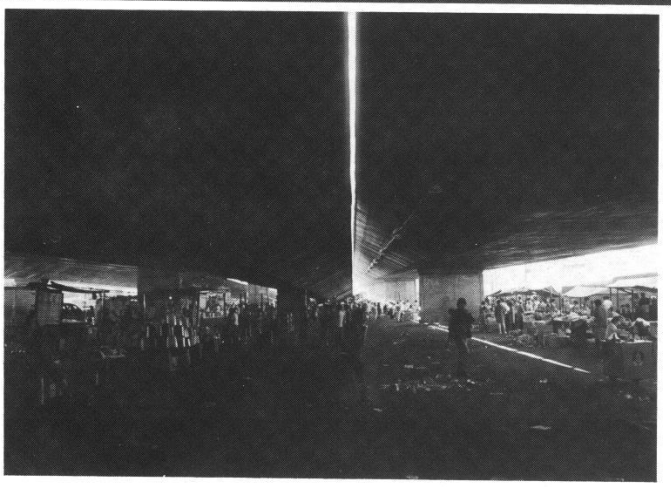
O outro núcleo, originário da abertura da Radial Leste, não sofreu o mesmo isolamento que o primeiro descrito, devido à sua vizinhança com a Rua

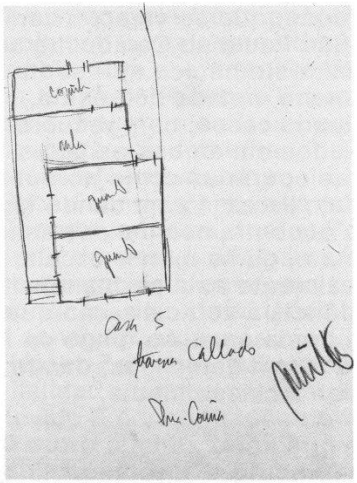
Rua Carolina Augusta. 1984

Glicério e Rua da Glória e Lavapés, que se caracterizam pelo intenso fluxo de veículos, ligando o centro de São Paulo ao Cambuci e ao Ipiranga. Predominantemente residencial, este núcleo apresenta uma permanência significativa de imóveis da primeira metade do século, sempre construídos no alinhamento das ruas e, em alguns casos, com recuo em uma das laterais; em geral são conjuntos geminados em ambos os lados. Os lotes nesta área são maiores e não existem vilas operárias como no outro núcleo. Os imóveis, originalmente residências unifamiliares, foram dando lugar aos ''encortiçados''. As ruas onde encontramos maior permanência arquitetônica são Sinimbu e a Tomás de Lima e, numa menor escala, a Rua Barão de Iguape e a Rua São Paulo. Atualmente esta permanência arquitetônica está ameaçada pela crescente tendência à verticalização que significa uma especulação sobre os imóveis desta área. Ao longo da Rua Barão de Iguape, por exemplo, algumas casas já foram demolidas, dando lugar à construção de edifícios residenciais destinados à classe média.

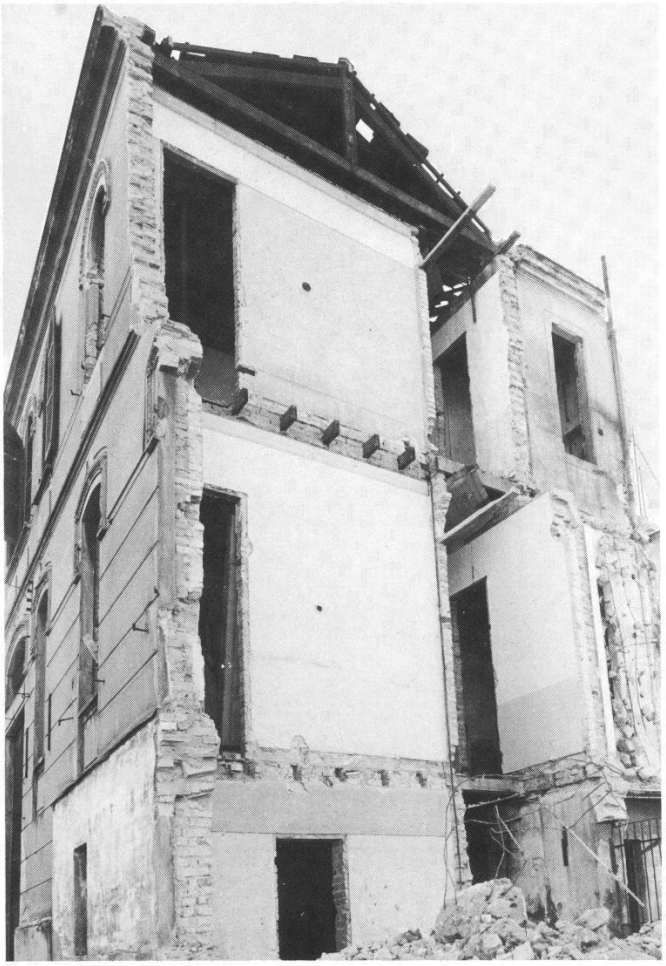
Vila Sarzedas. 1984

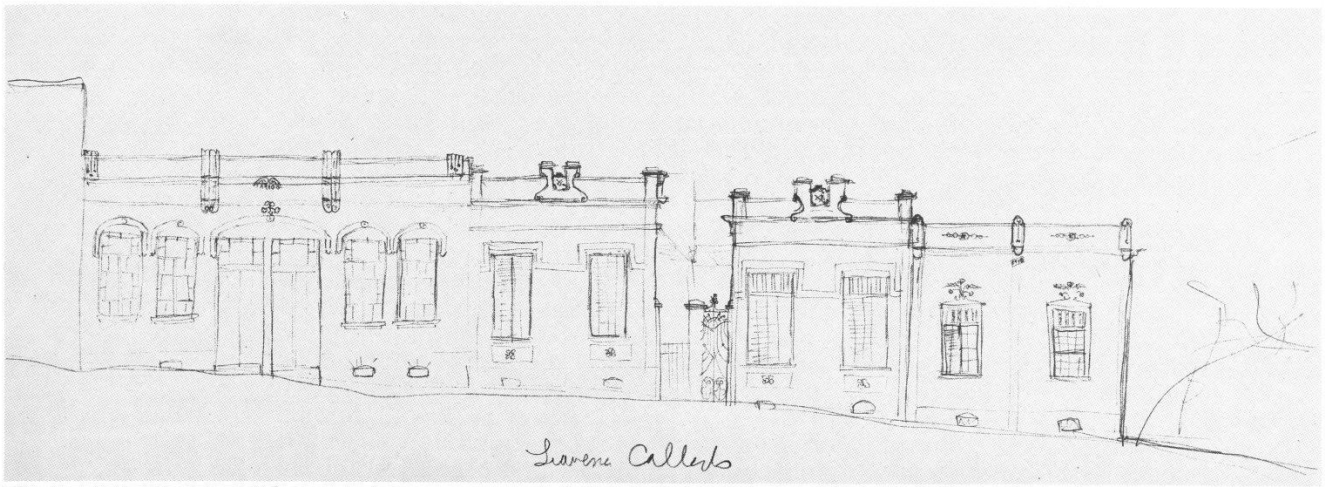
Radial Leste-Oeste, feira livre. 1984
Baixada do Glicério. Fotografia tomada em direção ao Centro. 1984





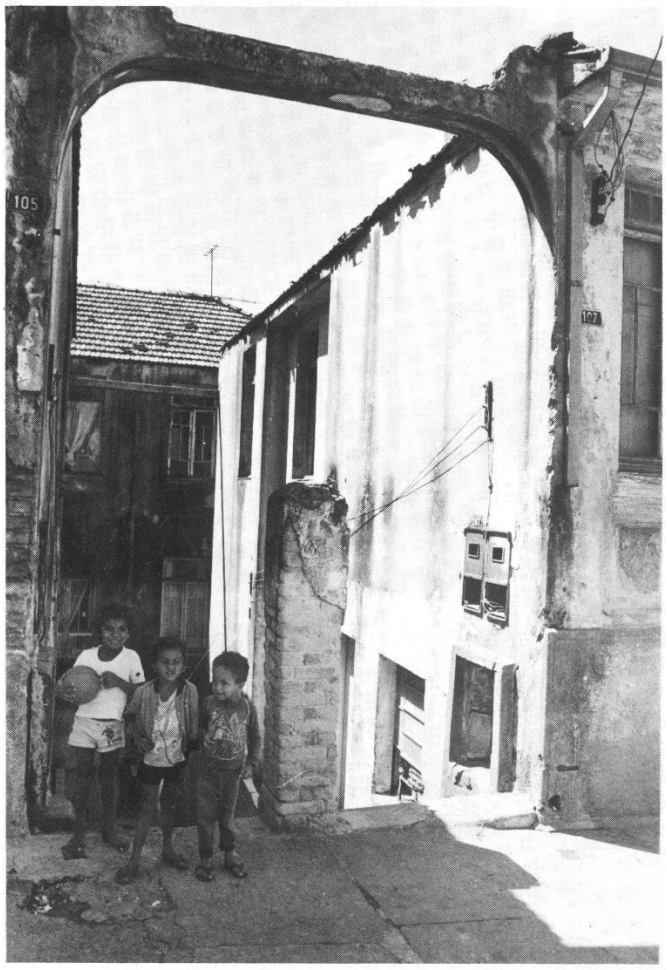
Rua Sinimbu, casas em demolição. 1982





13 Rua Sinimbu, esquina com Rua Barão de Iguape, casas em demolição. 1982

Rua Tomás de Lima, entrada de cortiço. 1984



SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
R. Conselheiro Furtado
LIBERDADE
Av. do Estado
R. Luís Gama
R. Lavapés
R. S. Joaquim
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
BELA VISTA
Perímetro da mancha Sarzedas e mancha Sinumbu-Barão de Iguape

Estas duas manchas são contíguas e complementares.
As duas manchas apresentam como ponto comum o alto grau de permanência dos edifícios remanescentes da primeira ocupação. É possível perceber, de maneira clara, o modo como se processou a ocupação do bairro, as setorizações que estabeleceram inicialmente as zonas residenciais operárias e as zonas residenciais de classe média, ocupando áreas bem definidas, os pequenos comércios de apoio e as indústrias, com habitações operárias próximas.
Estas habitações, sob forma de vilas operárias, vilas encravadas e cortiços, concentram-se próximas à Rua Conde de Sarzedas e nas imediações da várzea do Tamanduateí.
As habitações de classe média, que ocupam os lotes maiores, com arquitetura diferenciada, concentram-se junto às vias mais importantes como a Conde de Sarzedas, Rua Barão de Iguape, Rua São Paulo e próximas à Rua da Glória e Rua Conselheiro Furtado, que são acessos diretos ao centro da cidade.
As indústrias concentram-se na várzea, configurando, juntamente com indústrias da Mooca, um bolsão industrial, às margens do Tamanduateí.

Rua Sinimbu, casario. 1984

MANCHA SARZEDAS E MANCHA SINIMBU/BARÃO DE IGUAPE

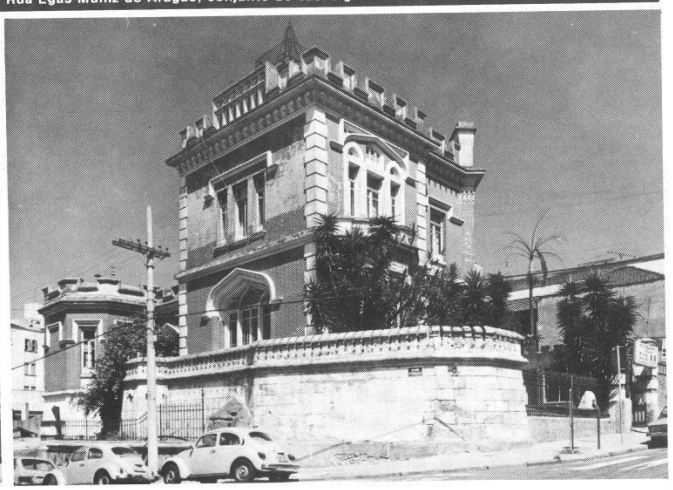
Rua Sinimbu, casario. 1984

DIVISÃO DE PRESERVAÇÃO
- Biblioteca de Apoio -

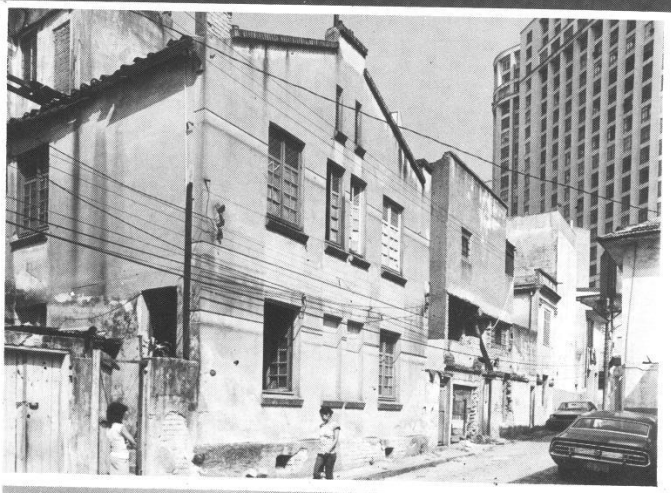
Na mancha Sinimbu/Barão de Iguape existe a predominância de conjuntos homogêneos de um e dois pavimentos do início do século, tendo como característica principal o grande pé-direito das edificações.
Estes conjuntos, de grande potencial ambiental, concentram-se nas ruas São Paulo e Sinimbu.
Existem poucos exemplares de casas operárias localizadas na Rua Teixeira Leite.
O tipo de ocupação próximo à Rua Conselheiro Furtado, casas unifamiliares de um e dois pavimentos e arquitetura com tratamento diferenciado de fachada, repete a tipologia encontrada na Mancha Sarzedas, próximo à mesma Conselheiro Furtado. Na área está sendo iniciado um processo de verticalização altamente descaracterizador.
São notáveis os conjuntos existentes na Sinimbu, de ambos os lados da rua; da Rua São Paulo, entre a Rua Sinimbu e Rua do Glicério, e da Rua Lavapés.
A Mancha Sinimbu/Barão de Iguape também está contida nas Subáreas 3 e 4.

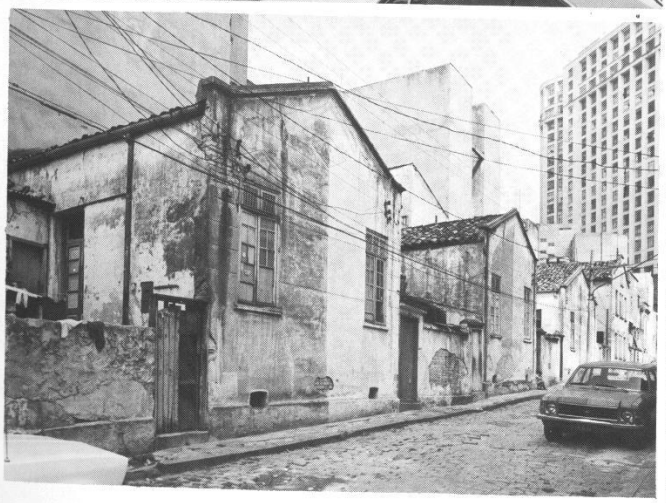
Rua Barão de Iguape, conjunto de casas. 1984
Rua dos Estudantes, antigo Galpão Industrial. 1984

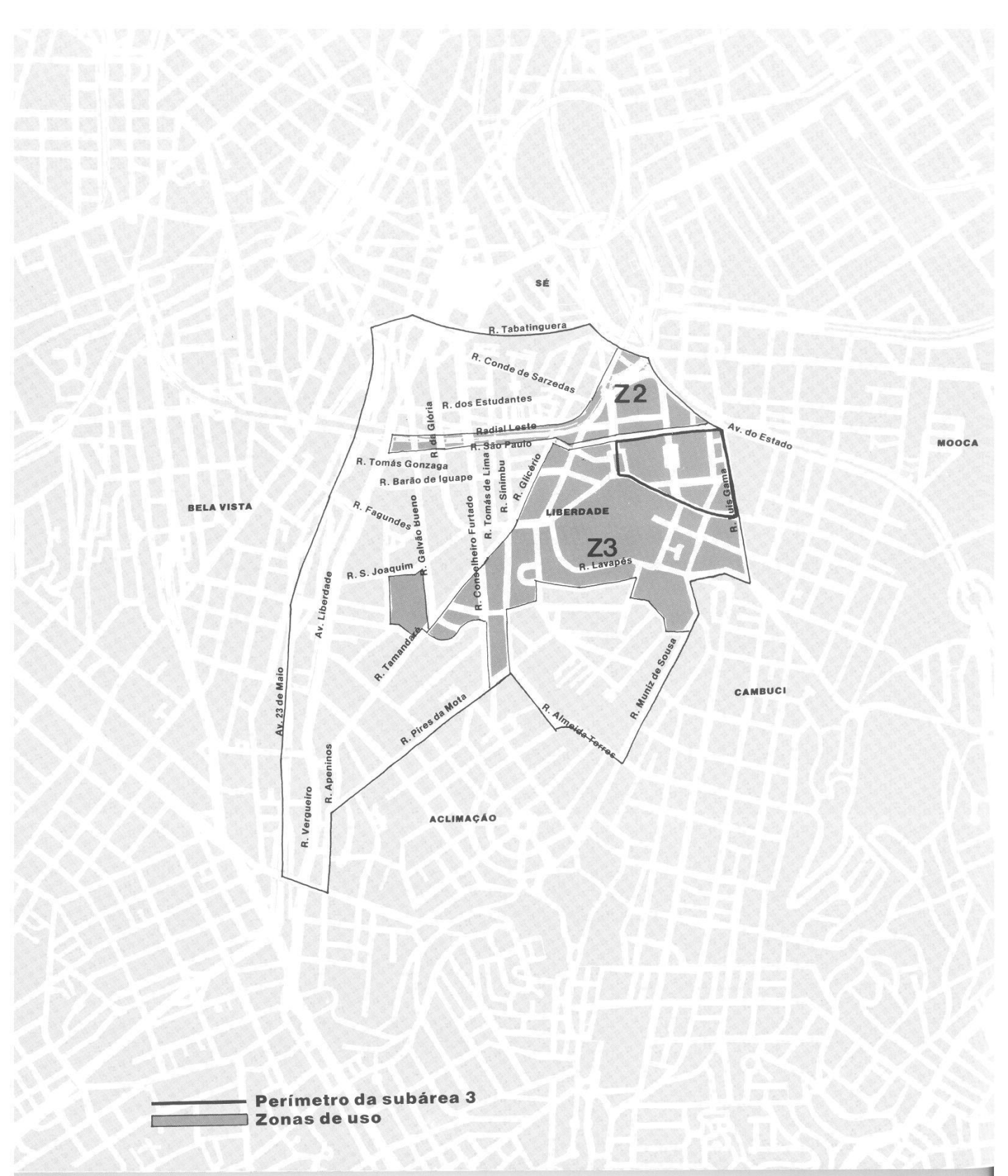
Imóvel à Rua Conde de Sarzedas, 1984.
Rua Egas Muniz de Aragão, conjunto de casas geminadas. 1984



97 Rua São Paulo, casario. 1984
Vila Sarzedas. 1984

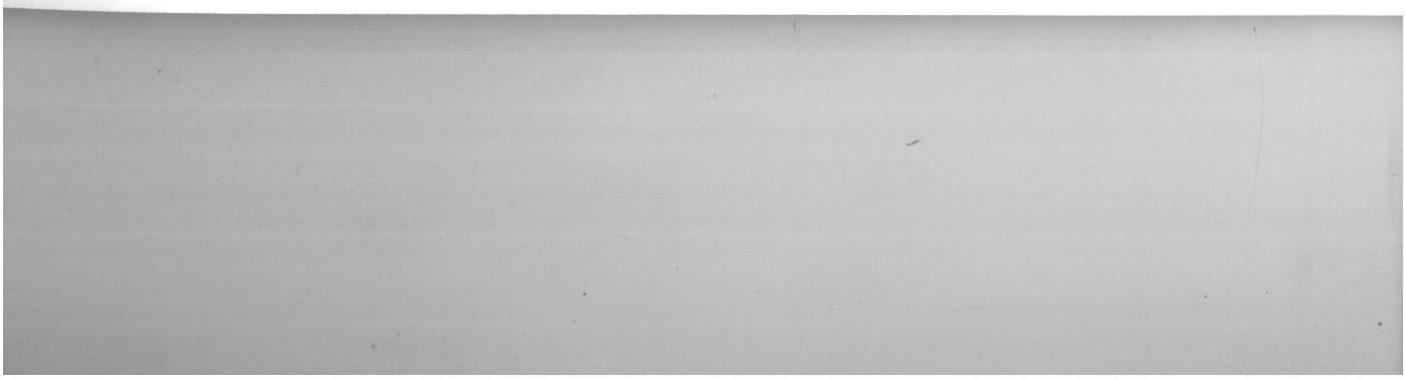


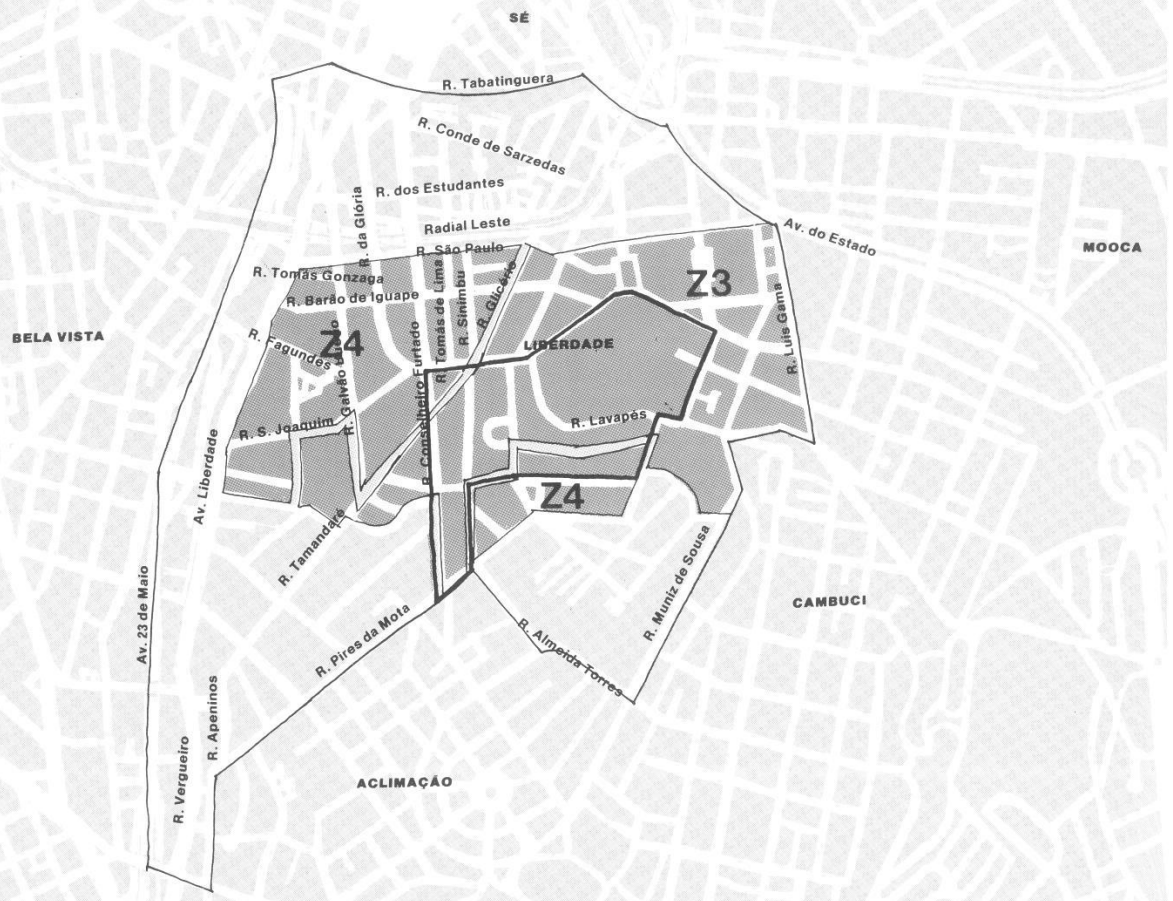



SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
Z2
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
MOOCA
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Glicério
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Conselheiro Furtado
R. Fagundes Bueno
R. Galvão Bueno
BELA VISTA
LIBERDADE
R. Luís Gama
Z3
R. Lavapés
R. S. Joaquim
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da subárea 3
Zonas de uso

O uso desta subárea é predominantemente residencial. Nela localizam-se edifícios próprios do poder público. O adensamento é facilitado e apesar da predominância residencial, permitem-se outras atividades de centro de bairro e indústrias de pequeno porte.
Deve-se notar uma edificação — hoje ocupada por uma Igreja Pentecostal — destinada originalmente à função industrial — Indústria Penteado — no começo do século.
Originalmente a área foi ocupada por indústrias, cujo testemunho não é apenas o edifício citado acima, mas também as permanências de habitações operárias da baixada do Glicério e na baixa Mooca.
Pode-se dizer que a Rua Lavapés determina o tipo de identidade deste setor. Apresenta características próprias quanto ao uso original e transformações. As alterações de ocupação são menores do lado direito, de quem vai em direção ao Cambuci. Permanece quase intacta a ocupação anterior a 1930, com graus variáveis de descaracterização.
Ao lado esquerdo da Rua Lavapés foi aberta uma rua, a Junqueira Freire, seccionando o casario. Também houve aumento das construções industriais invadindo até algumas áreas ocupadas anteriormente por residências. Como

neste setor ocorreu um incremento do uso industrial, apareceram serviços de suporte à industria; depósitos e comércio de equipamentos pesados. O uso residencial mais evidente é do tipo coletivo.
Uma outra área, em torno às ruas Espírita, Diogo Vaz, São João Batista e Scuvero teve ocupação de ordem diferente: houve adensamento de edificações, porém, permaneceu o caráter residencial, tanto unifamiliar como coletivo. Convivem de forma inusitada construções de épocas muito diversas. Está sendo iniciado um processo de verticalização na Rua dos Tapes, Rua Diogo Vaz e laterais do Largo do Redentor. O uso comercial e os pequenos serviços estão praticamente ausentes, o que confere à subárea um aspecto de estagnação. O ponto mais interessante a destacar é o Morro do Piolho, circundado pela Rua dos Tapes: trata-se de uma área não ocupada que oferece aberturas visuais de enorme interesse.
Nas imediações da Rua Conselheiro Furtado encontramos função e tipos de uso diferenciados convivendo com residências unifamiliares e coletivas, comércio variado, serviços, pequenas indústrias, sociedades, clubes e igrejas. A descaracterização é váriável já que permanecem edificações da ocupação original.
A mancha contida nesta subárea é a Glória/Lavapés já descrita anteriormente.





Perímetro da subárea 4
Zonas de uso

Semelhante à anterior, nela também comparecem edifícios próprios do poder público.

Quanto à legislação, diferencia-se da anterior por apresentar um edifício tombado e outro em processo de tombamento pelo Condephaat, respectivamente a residência de Ramos de Azevedo e o Colégio Campos Salles, cujos raios de proteção de 300 metros poderão influir na paisagem futuramente.

Caracterizada da mesma forma que a subárea 5, apresenta uma notável transformação urbana de caráter aleatório, saturando uma trama urbana que comportava um bairro residencial de classe média. Em outras palavras a tônica da área é a verticalização, ao longo da Tamandaré e Pires da Motta principalmente, e de forma esparsa, ao largo de toda a subárea. Porém, diversamente da subárea 5 esta conserva o arruamento antigo do bairro.

Assim, a Rua Tamandaré funciona como eixo vital para um grande setor. De fato, as transformações que sofre esta rua também ocorrem em todo o bairro. As demolições parecem concentradas ao longo das Ruas Tamandaré, Castro Alves, São Joaquim, Pires da Motta, Conselheiro Furtado e em menor escala, na Rua Apeninos. Em grande parte das vezes, cedem lugar à construção de

01 SUBÁREA 4

Rua Pirapitingui, residência de Ramos de Azevedo. 1984

grandes edifícios residenciais de alta taxa de ocupação. As áreas de ''miolo-de-quadra'' e os lotes que servem para estacionamentos concentram-se principalmente nas Ruas Tamandaré e Vergueiro direcionados para as inúmeras faculdades, colégios e hospitais da região. Encontram-se também pelas Ruas Galvão Bueno, Antonio Prudente e Pirapitingui. A função de estacionamento, quando não é duradoura, é um primeiro passo para transformar uma área vazia em área ocupada por construção de grande porte, a ''área de espera''. Uma outra possibilidade a registrar é a construção de postos de gasolina sobre essas áreas, em geral em posição favorável ao condutor e agressiva para o pedestre.

De uma maneira geral, permanece a configuração dos lotes mas o desmembramento e o remembramento aparecem em escala maior que em outras áreas estudadas. A ocupação original permanece de forma pontual e rarefeita.

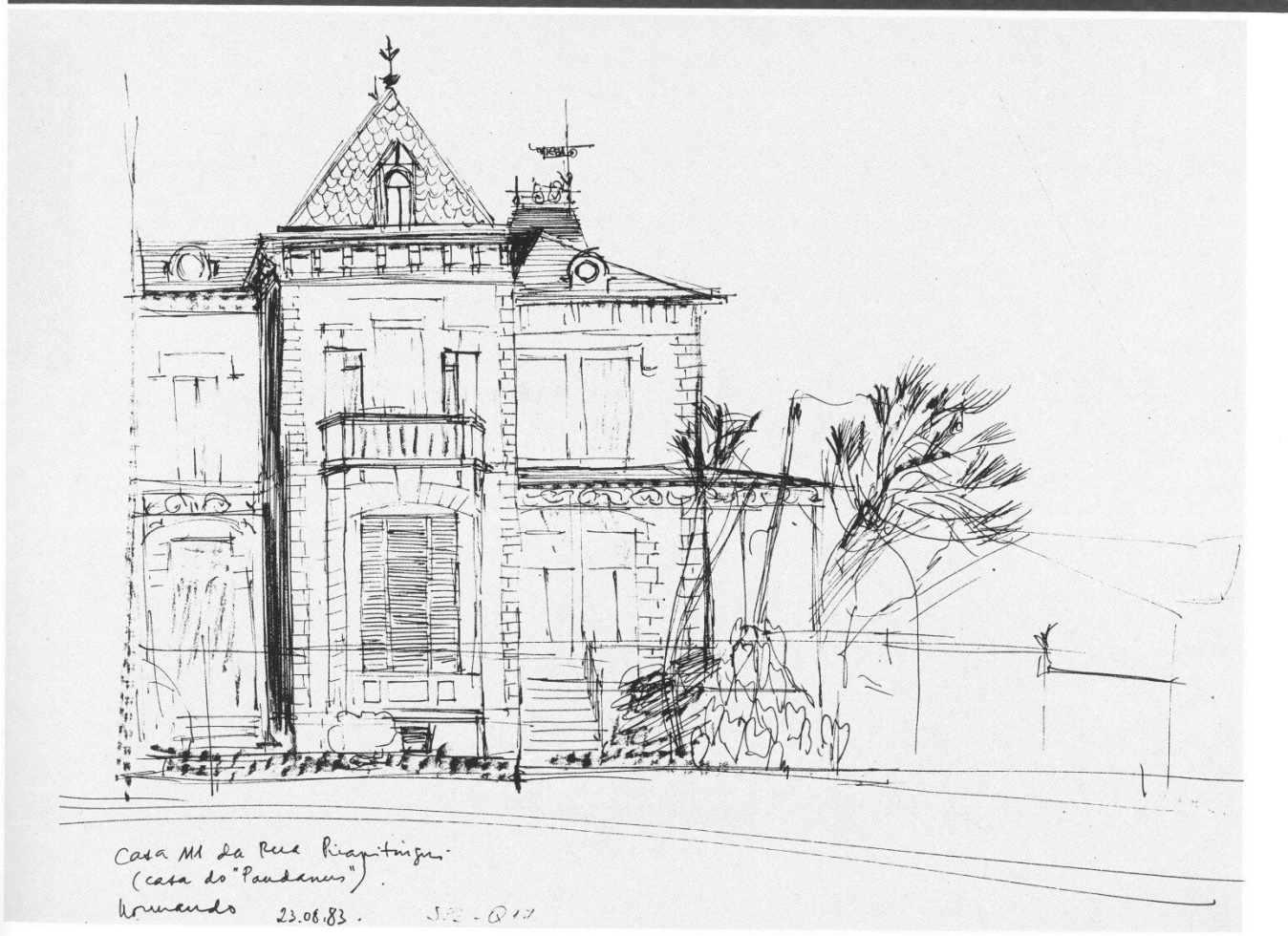
Nos imóveis mais antigos e representativos das primeiras décadas do século é alta a incidência de cortiços que embora não alterem as fachadas contribuem para sua deterioração pela altíssima taxa de ocupação em condições insalubres. Obviamente as alterações que são feitas no interior

Rua São Joaquim, Escola Estadual de Primeiro Grau Campos Sales. 1984 *102*

desses lotes compreendem acréscimos e improvisações, gerando espaços de toda ordem, com resultados por vezes criativos. Muitas vezes aproveitam declividades pronunciadíssimas construindo três ou quatro andares abaixo da cota da rua e mais um quintal. Por toda a subárea estão dispersos cortiços, excetuando-se a região mais próxima à Aclimação e nem todos são como tal reconhecíveis à primeira vista.

Quanto às residências de classe média propriamente, encontram-se por toda a subárea e para isto merecem ser destacadas algumas ruas: Apeninos, Dr. Félix, Conselheiro Furtado e as transversais São Joaquim e Tamandaré, e também a Rua Senador Felício dos Santos, fechada à passagem de tráfego pelo desnível do terreno por uma escadaria e ligada à Rua Antonio Prudente. Nas proximidades do bairro da Aclimação o caráter residencial torna-se evidente. Avizinhando-se à Rua Tamandaré outros usos passam a conviver com o residencial: pequenos serviços, oficinas, lojas, bares, clínicas, igrejas de vários cultos, sociedades culturais etc.

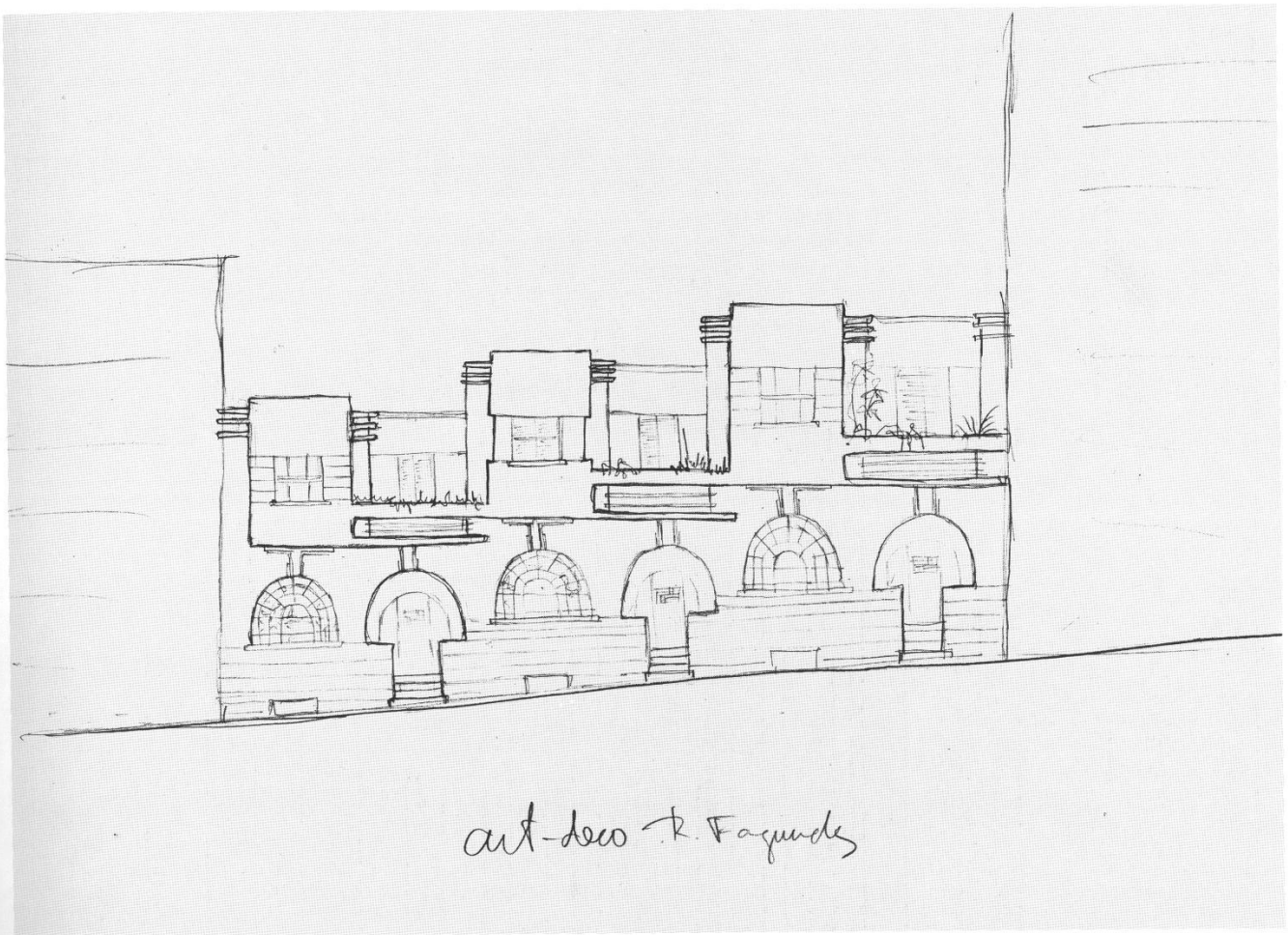
Dentre os vários imóveis de época que merecem atenção, destacam-se: a residência de Ramos de Azevedo, à Rua Pirapitingui n.º 111, de excepcional valor formando conjunto com a de n.º 141, com jardim de época e vegetação

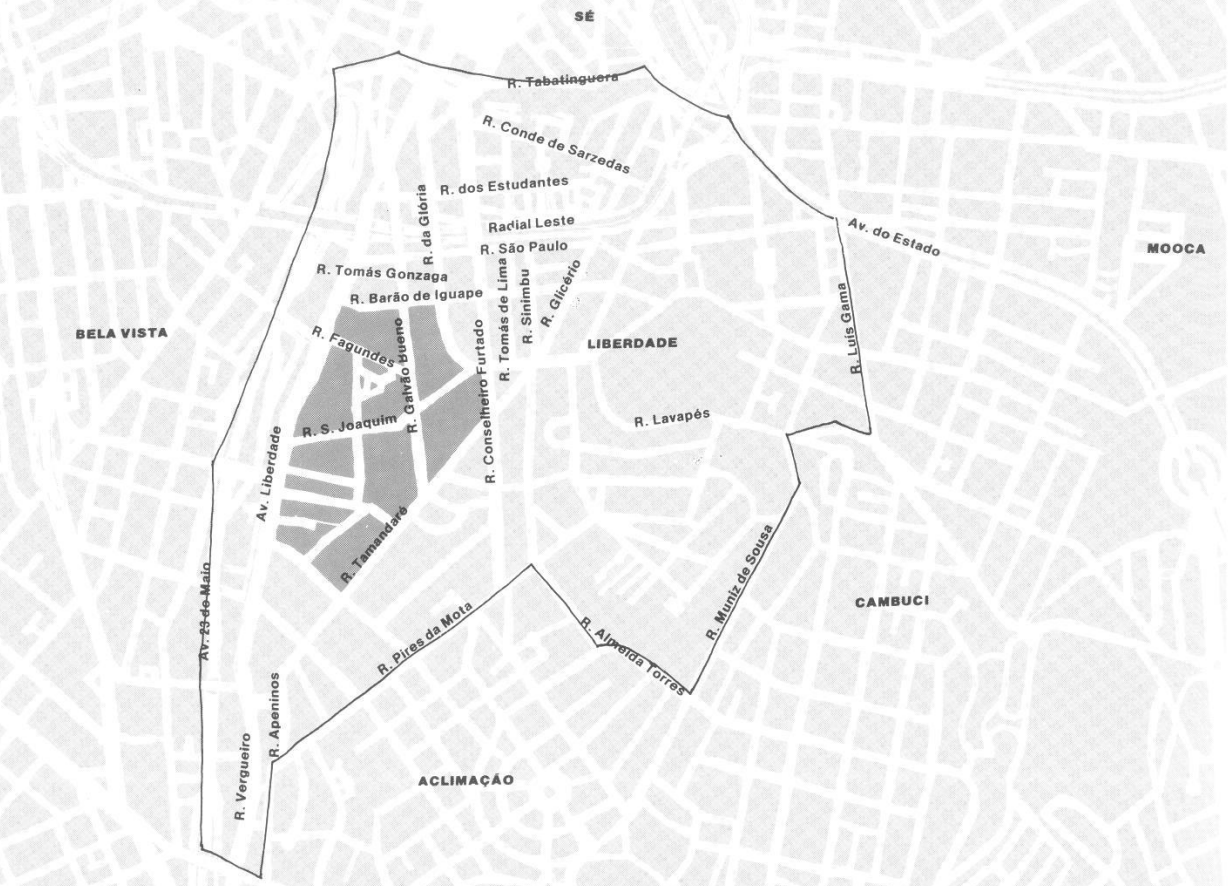


de porte, tipologia que recorda as residências dos barões do café da Avenida Paulista (sobre a rosa-dos-ventos figura a data de 1891); é um exemplar isolado dentro de um entorno desordenado. O Grupo Escolar ''Campos Salles'', à Rua São Joaquim n.º 288, é um surpreendente edifício ''art-noveau'' de pés-direitos duplos, muito bem dimensionado apesar do pequeno lote, e com grande riqueza plástica e arquitetônica.

Rua São Joaquim, Centro de Apresentação de Reservistas. 1984

5





Perímetro da mancha Taguá-São Joaquim

A tônica desta mancha está centrada nas formas de ocupação decorrentes de condicionantes de ordem topográfica. O terreno, bastante acidentado, induziu a configuração e tamanho de quadras, e determinou o traçado irregular das ruas. As quadras são grandes para os padrões da cidade, algumas delas organizadas em torno de grotas que, em alguns casos, ainda permanecem desocupadas.

O uso residencial estabeleceu-se, inicialmente, nesta área, de maneira natural, em função dessa especificidade.

Convivem, lado a lado, vilas de meio de quadras, pequenas vilas encravadas cortiços verticais aproveitando o desnível do terreno, cortiços horizontais, casas isoladas, algumas atualmente encortiçadas, conjunto de casas e também centros de quadras ainda não ocupados. Atualmente ainda existe permanência significativa dessas formas de ocupação. Grande parte do interesse apresentado pela mancha deve-se ao valor ambiental, além de existirem exemplares de excepcional valor arquitetônico.

O objetivo do estudo desta mancha está em documentar as diversas formas de habitação aí presentes e a maneira como se deu a ocupação do solo nesta área.

MANCHA TAGUÁ-SÃO JOAQUIM

Imóvel à Rua Fagundes, 1984.

A área sofre processo de verticalização atualmente, principalmente na Rua Tamandaré e Rua Vergueiro.
Além do uso residencial são notáveis, presentemente, o uso hospitalar e escolar (1.º Grau, 2.º Grau e Superior).
Devem ser destacados, na mancha estudada: o vazio de centro de quadra com acesso pela Rua Siqueira Campos, usado semanalmente como local de feira e diariamente como estacionamento, com grande potencial de uso; o conjunto de residências projetadas por Ramos de Azevedo para sua família, em parte ainda existente na Rua Pirapitingui, os jardins, da época, ainda estão perfeitamente conservados, além das edificações. Também significativa a vila de centro de quadra com acesso pelas Ruas Taguá e Fagundes. A Rua Taguá possui expressivo valor ambiental pela sua declividade e sinuosidade, pela permanência de edificações de gabarito condizente com a largura da vida e pela presença de áreas com vegetação significativa.
Os referenciais básicos da área são os Hospitais: do Câncer, Santa Helena, Sanatório São Lucas e também as escolas: o prédio principal das Faculdades Metropolitanas Unidas na Rua Taguá, o Colégio Roosevelt, E.E.P.G. Campos Salles e o Curso Anglo Latino.

Edifício na Rua Taguá, esquina com a Rua São Joaquim. 1984
Rua Siqueira Campos, feira livre no miolo da quadra. 1984

Imóvel à Rua Fagundes, 1984.
Edifício na Rua São Joaquim. 1984

O Centro de Apresentação de Reservistas da Rua São Joaquim e a Igreja Ortodoxa São Nicolau da Rua Tamandaré também são referenciais conhecidos, além da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e da estação São Joaquim do Metrô.

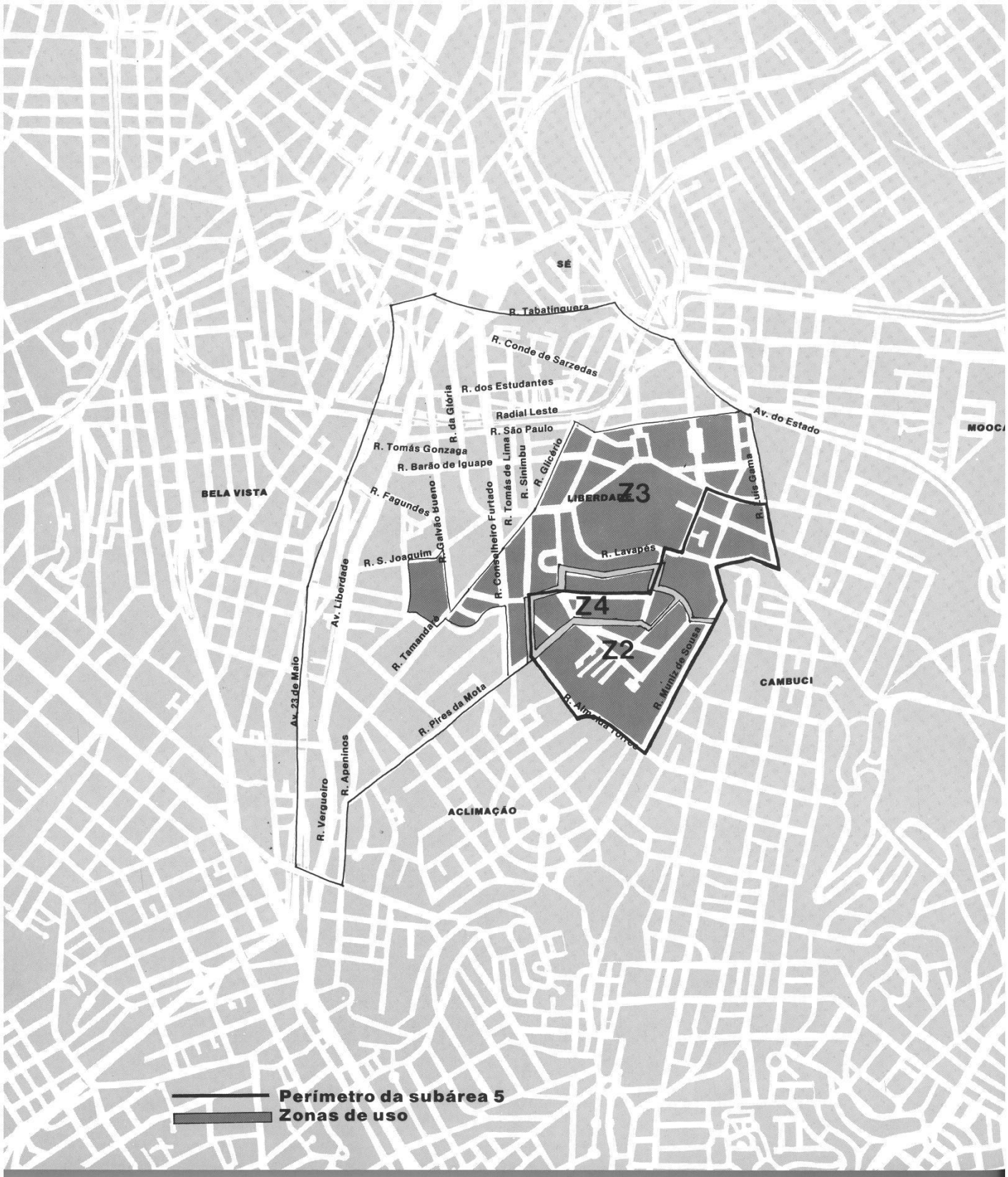
Rua Taguá, conjunto de casas geminadas. 1984
Rua Taguá, interior de quadra. 1984

Rua Taguá, interior de vila. 1984

SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Tomás de Lima
R. Simimbu
R. Glicério
BELA VISTA
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. S. Joaquim
R. Conselheiro Furtado
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Apeninos
R. Vergueiro
ACLIMAÇÃO
Perímetro da mancha Tamandaré

Esta pequena mancha, concentrada no cruzamento da Rua Tamandaré e Rua Antonio Prudente, documenta a ocupação típica da área por volta da década de 20; os grandes casarões da Rua Tamandaré e as casas de fachadas estreitas, com soluções formais mais simples e localizadas nas transversais. **A** Rua Tamandaré está profundamente transformada pela grande verticalização que vem sofrendo, existem pouquíssimos exemplares daquela ocupação que era sua característica.

Imóvel à Rua Tamandaré. 1984


SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Tomás de Lima
R. Sinimbu
R. Glicério
BELA VISTA
R. Fagundes
R. Galvão Bueno
LIBERDADE
Z3
R. Lavapés
R. S. Joaquim
R. Conselheiro Furtado
Z4
Z2
Av. Liberdade
R. Tamandaré
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da subárea 5
Zonas de uso

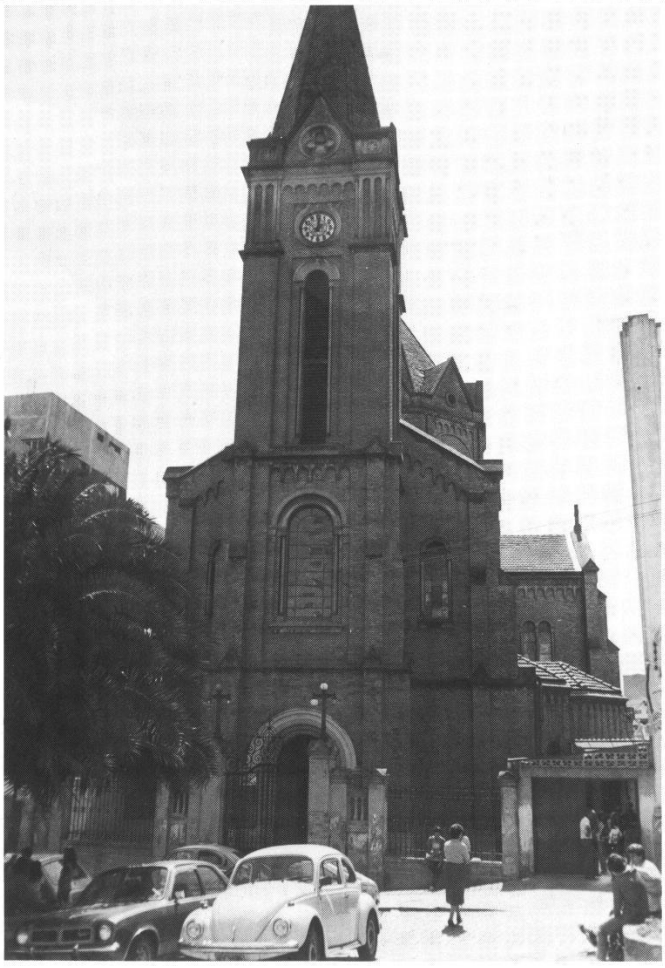
Esta Subárea ao longo da Avenida 23 de Maio era anteriormente de uso especial que deveria ter sido objeto de projeto específico. No entanto, teve seu zoneamento alterado para ''zona de uso predominantemente residencial de densidade demográfica média (Z12-002) e é mantido em outro trecho sem legislação, onde se localiza o Centro Cultural Sao Paulo, e que deveria receber o Plano de Urbanização da Vergueiro a cargo da EMURB. Na subárea há ainda trechos com uso especial (Z2 e Z8-031).

A Z2 e Z12, semelhante à Z3, são predominantemente residenciais de densidade demográfica baixa e média. Assim, apesar de margear a Avenida — via de alta velocidade — o uso da subárea é basicamente residencial, permitindo outras atividades em escala reduzida.

A característica peculiar que confere a esta área uma identidade legível é, a tranformação, que sob ponto de vista da paisagem toma muitos aspectos. A contribuir para a transformação — embora ela já ocorra desde épocas anteriores — a presença do Metrô e de importantes vias de tráfego intenso como a Avenida 23 de Maio e a Rua Vergueiro.

Estes três grandes eixos favorecem o adensamento urbano através das construções que ocupam áreas livres ou onde ocorrem demolições.

Igreja Santo Agostinho, 1984.



Concomitantemente, permanece um padrão residencial de média renda, muitas vezes servindo à ocupação por escritórios de serviços especializados com as ''reformas'' decorrentes. No caso da população de baixa renda é acusado o fenômeno de ''encortiçamento''.

Especificamente, o eixo do Metrô é favorável à instalação de instituições de ensino, além de favorecer as já existentes; também é causa indireta do adensamento urbano e de pequenos serviços ambulantes que se impõem, devolvendo de uma forma caótica uma antiga escala de serviços do bairro.

De fato, a incidência de instituições é uma tônica no setor: hospitais e sua zona de influência, o Centro Cultural São Paulo e vários colégios.

Quanto ao Centro Cultural São Paulo, estrategicamente situado ao longo do eixo do Metrô e servido pela Estação Vergueiro, é um pólo cultural importante de múltiplas funções — seu interesse, obviamente, não se limita apenas ao uso do bairro embora sirva também de praça para a comunidade. Do ponto de vista paisagístico, o projeto arquitetônico do Centro Cultural já definia uma integração ao vale da Avenida 23 de Maio, de modo que a volumetria do edifício não fere suas aberturas visuais.

Entre a Rua Vergueiro e a Rua Apeninos um ponto da paisagem merece

atenção: o Colégio Santo Agostinho forma um conjunto ambiental e paisagístico de valor, além de ponto de referência importante para o bairro, a igreja pode ser parcialmente vista da Rua Vergueiro e da Avenida 23 de Maio. Da Praça Santo Agostinho avista-se a Rua Vergueiro, a Avenida 23 de Maio, e, além, o volume de edifícios situados nas imediações da Pça. Oswaldo Cruz, que compõem o sky-line numa importante abertura visual. A comunicação entre a Praça e a Rua Vergueiro é feita por escadaria. Por não ser uma passagem de tráfego e devido a sua situação paisagística com gabaritos compatíveis com as aberturas visuais e com os edifícios dominantes, Colégio e Igreja Santo Agostinho, esta praça é de grande valor ambiental.

A Avenida 23 de Maio está assentada sobre um vale ocupado anteriormente por loteamentos. Embora a abertura viária tenha mutilado aquela antiga ocupação, o perfil topográfico manteve-se visível e as vias principais também foram recompostas: Rua João Julião (viaduto), a Rua Castro Alves, a Rua Pedroso e a Rua Condessa de São Joaquim. Visualmente ainda são legíveis antigos testemunhos da ocupação: a Rua Barão de Ijuí de interessante situação paisagística, vilas ao longo da Rua Vergueiro e a interessante Travessa Callado, com casario de ocupação do começo do século, isolado

Vista Rua Vergueiro, esquina com Rua Pedroso. 1970

das transformações mais vorazes da própria Avenida 23 de Maio. Do mesmo modo subsistem espaços em transição, isto é, marginalizados em função de demolições ou obras, em frente ao Hospital Municipal, à Rua Vergueiro.

No entanto, se o alargamento de ruas como a Vergueiro e a abertura da Avenida 23 de Maio não alteraram totalmente por si a trama urbana, ocorreram pelo menos dois fatores de alteração: o adensamento urbano junto ao Metrô e a escala urbana modificada que, até então adequada à vivência interna do bairro, tornou-se mais hostil ao usuário, flagrantemente enquanto pedestre.

SÉ
R. Tabatinguera
R. Conde de Sarzedas
R. dos Estudantes
R. da Glória
Radial Leste
R. São Paulo
Av. do Estado
R. Tomás Gonzaga
R. Barão de Iguape
R. Sinimbu
R. Glicério
BELA VISTA
R. Fagundes Bueno
R. Galvão Bueno
R. Conselheiro Furtado
R. Tomás de Lima
LIBERDADE
R. Luís Gama
R. S. Joaquim
R. Lavapés
Av. Liberdade
R. Tamandaré
Av. 23 de Maio
R. Pires da Mota
R. Almeida Torres
R. Muniz de Sousa
CAMBUCI
R. Vergueiro
R. Apeninos
ACLIMAÇÃO
Perímetro da mancha 23 de Maio-Vergueiro

Perímetro da mancha Apeninos

Esta pequena mancha estrutura-se em torno da Praça Santo Agostinho, espaço particularmente interessante por sua conformação incomum e sua localização; compreendendo também trecho da Rua Apeninos.
A Praça Santo Agostinho é espaço incluso, com acesso pela Rua Apeninos, fechado à passagem por três lados porém aberto visualmente para a Rua Vergueiro e para o vale da Avenida 23 de Maio. O fechamento é homogêneo com predominância de edificações de dois pavimentos e apresenta, pelo lado da Rua Apeninos, um casario interessante.
O espaço da praça em si, altamente sugestivo quanto à hipótese de uso, é atualmente ocupado por canteiro central e vias laterais que servem de estacionamento. A sua importância é aumentada pela inexistência de outras praças na região.

Praça Santo Agostinho. 1984

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

OBJETIVOS DA PROPOSTA

O escopo da proposta foram a preservação e a valorização do potencial ambiental do bairro, dos testemunhos de sua formação e expansão, de suas particularidades intrínsecas relativas à ocupação, considerando a unidade maior de estudo que é a cidade.

Metodologicamente, a área foi trabalhada como um todo, respeitando-se as especificidades detectadas que se fazem presentes no produto final.

DEFINIÇÃO DA ÁREA DA PROPOSTA E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

A escolha da área de intervenção recaiu dentro do perímetro resultante da sobreposição das manchas; foi efetivamente definida como área a receber proposta aquela que apresentou uma concentração maior de elementos listados.

Algumas áreas foram deliberadamente deixadas fora da área de intervenção por apresentarem tendência acentuada à verticalização. Assim, procurou-se definir de maneira clara quais áreas deverão receber controle mais rígido de transformação e quais deverão concentrar tendência à verticalização, que se encontra virtualmente disseminada. Algumas das vias dentro da área de intervenção com tendência à verticalização tiveram essa vocação respeitada através do uso de um artifício: a aplicação do artigo 80 do Decreto n.º 11.106/84, não como tolerância como está previsto na redação original, mas, neste caso, como obrigatoriedade.

Não receberam intervenção dentro da área da proposta as quadras que dificilmente sofrerão processo de transformação por já estarem nos limites máximos de ocupação previstos pelo zoneamento ou vias que por sua localização e situação estão articuladas com outras áreas que não a de objeto de estudo.

Alguns trechos de quadras não receberam nenhuma restrição por não apresentarem problemas maiores caso tenham sua ocupação alterada dentro do zoneamento vigente. Lotes que apresentam ocupação máxima também não sofreram restrições.

A proposta deve, além da preservação de edificações e de áreas livres, propiciar a preservação do traçado de algumas vias. Foram utilizados como instrumentos de intervenção:

- mudança de zoneamento;

PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

OBJETIVOS DA PROPOSTA

O escopo da proposta foram a preservação e a valorização do potencial ambiental do bairro, dos testemunhos de sua formação e expansão, de suas particularidades intrínsecas relativas à ocupação, considerando a unidade maior de estudo que é a cidade.

Metodologicamente, a área foi trabalhada como um todo, respeitando-se as especificidades detectadas que se fazem presentes no produto final.

DEFINIÇÃO DA ÁREA DA PROPOSTA E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO

A escolha da área de intervenção recaiu dentro do perímetro resultante da sobreposição das manchas; foi efetivamente definida como área a receber proposta aquela que apresentou uma concentração maior de elementos listados.

Algumas áreas foram deliberadamente deixadas fora da área de intervenção por apresentarem tendência acentuada à verticalização. Assim, procurou-se definir de maneira clara quais áreas deverão receber controle mais rígido de transformação e quais deverão concentrar tendência à verticalização, que se encontra virtualmente disseminada. Algumas das vias dentro da área de intervenção com tendência à verticalização tiveram essa vocação respeitada através do uso de um artifício: a aplicação do artigo 80 do Decreto n.º 11.106/84, não como tolerância como está previsto na redação original, mas, neste caso, como obrigatoriedade.

Não receberam intervenção dentro da área da proposta as quadras que dificilmente sofrerão processo de transformação por já estarem nos limites máximos de ocupação previstos pelo zoneamento ou vias que por sua localização e situação estão articuladas com outras áreas que não a de objeto de estudo.

Alguns trechos de quadras não receberam nenhuma restrição por não apresentarem problemas maiores caso tenham sua ocupação alterada dentro do zoneamento vigente. Lotes que apresentam ocupação máxima também não sofreram restrições.

A proposta deve, além da preservação de edificações e de áreas livres, propiciar a preservação do traçado de algumas vias. Foram utilizados como instrumentos de intervenção:

- mudança de zoneamento;

• aplicação do artigo 80 do Decreto n.º 11.106, de 28/6/74;
• introdução da obrigatoriedade de recuo;
• aplicação da Z8-200 para preservação e adequação de gabaritos;
• aplicação da Z8-200 para preservação integral do edifício — tanto externa como internamente, não sendo admitidas quaisquer intervenções físicas que o descaracterizem formalmente;
• aplicação da Z8-200 para preservação das feições externas do edifício — sendo admitidas quaisquer intervenções físicas nas dependências internas dos mesmos, desde que não descaracterizem suas fachadas;
• aplicação da Z8-200 para preservação da volumetria existente — ou restrições quanto ao gabarito para novas construções, sendo admitida a demolição.

Com relação às áreas não ocupadas por edificação e que apresentam valor ambiental, foram considerados dois níveis:
• Área Livre — proposta de preservação e recomendação de incorporação da área livre ao patrimônio público;
• Área Verde — proposta de preservação de área verde existente, pública ou particular.

DEFINIÇÃO DA PROPOSTA

A proposta de intervenção na área da Liberdade definiu-se a partir da interpretação das manchas identificadas e da consideração das possibilidades de transformação da área pelo zoneamento vigente.

A intervenção pretendida tem dois níveis de abordagem a serem considerados:
• No primeiro nível, que diz respeito à preservação propriamente dita, foram identificados edifícios, conjuntos e espaços que apresentam valor histórico, arquitetônico ou cultural e/ou qualidade ambiental;
• No segundo nível, diretamente ligado à qualidade ambiental, procurou-se detectar os espaços, áreas, conjuntos que possuem algum potencial ambiental, explícito ou não, para receberem proposta de intervenção física a nível de ordenação da paisagem, valorização, redefinição de seus limites ou proposição de usos compatíveis.

Por outro lado, em função das disparidades internas da área, a intervenção organiza-se em duas vertentes:

• Presença de elementos de polarização: existem na área de propostas elementos que por sua situação ou pelo vigor de sua representatividade necessitam de todo um tratamento nas áreas limítrofes para que o seu valor específico não se perca à medida que se transforma o seu entorno. É o caso da Praça Santo Agostinho, cuja ambiência envolve um trecho da Rua Apeninos, encostas e visuais da Avenida 23 de Maio, abrangendo a Rua Barão de Ijuí, Travessa Callado e Travessa Carneiro; visuais no Morro do Piolho que envolvem na sua valorização um trecho da Rua Lavapés e a Rua Espírita; características orientais da Rua Galvão Bueno, também presença forte em trecho da Rua dos Estudantes e Rua Tomás Gonzaga; conjunto de residências de Ramos de Azevedo ambientadas na Rua Pirapitingui; área de meio de quadra com grande potencial de uso para o bairro entre as Ruas Siqueira Campos, Tamandaré, Antonio Prudente e Vergueiro; Praça Carlos Gomes, que envolve na sua continuidade a Rua Rodrigo Silva, Capela e Beco dos Aflitos; Largo da Pólvora, Igreja dos Enforcados e seu entorno, a Praça da Liberdade.
• Áreas que apresentam homogeneidade: área como um todo, através do conjunto de seus elementos, que é o objeto de intervenção, sem elementos de destaque que centralizem as propostas. É o caso da Rua Fagundes, Rua Taguá, Rua Barão de Iguape, trecho da Rua São Joaquim entre Rua Taguá e Rua Galvão Bueno, Rua Lavapés, Praça Almeida Júnior e as manchas Sarzedas e Barão de Iguape.
• Existem ainda alguns conjuntos e imóveis isolados que não se inserem nos dois grupos acima, mas que são importantes na área porque permitem uma continuidade de leitura.

RECOMENDAÇÕES

A necessidade de se estabelecer uma lista de recomendações surgiu durante a elaboração deste trabalho, quando se evidenciou a importância de outros tipos de intervenções que estão fora das atribuições do Departamento do Patrimônio Histórico; tais recomendações foram agrupadas e especificadas para o devido encaminhamento aos órgãos competentes, a saber: quanto ao uso, quanto à ordenação visual, quanto ao tratamento paisagístico e quanto ao saneamento.

BIBLIOGRAFIA

Guimarães, Lais de Barros Monteiro — **Liberdade**. Série: História dos Bairros de São Paulo. Vol. 16. São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico. 1979
Handa, Tomoo — **Imim no seikatsu no rekishi** (História da Vida do Imigrante). São Paulo, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros — 1970 — Tradução do Capítulo XII gentilmente feita por Minoro Naruto (gravação).
Azevedo, Aroldo (coordenação) — **A Cidade de São Paulo**. Estudo de Geografia Urbana. Vol. III. São Paulo. Companhia Editora Nacional — 1958.
Freitas, Affonso A. de — **Tradições e Reminiscências paulistanas** — 2.ª Ed. São Paulo, Livraria Martins Editora S/A — 1955.
Bruno, Ernani Silva — **História e Tradições da Cidade de São Paulo**. 3 vols. Rio de Janeiro. Livraria José Olimpio Editora. 1954.
Nogueira, Arlinda Rocha — **A Imigração Japonesa para a Lavoura Cafeeira Paulista (1908-1922)** I.E.B. São Paulo. 1973.
COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO — **São Paulo Antigo. Plantas da Cidade** — São Paulo — 1954.
SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO — **Anuário Estatístico de São Paulo para 1905** — São Paulo — Typographia do "Diário Oficial" — 1907.
SECRETARIA DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SÃO PAULO — **Estatística Industrial do Estado de São Paulo Correspondente ao Anno de 1928**.
São Paulo, Tipografia Casa Garraux, 1930 — p. 101
Depoimentos:
Pedro Brasil Bandecchi — Morador no bairro desde 1917
Tomoo Handa — idem, aproximadamente desde 1920
Wiliam Kimura — redator do Diário Nippak Shimbun
Minoro Naruto — membro do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

GLOSSÁRIO

TESSITURA — tecido, traçado viário, trama determinada pela intersecção das ruas
ROCIO — cinturão de terras públicas que servia para abastecimento, cultivo e criação de gado para toda a população da vila
"XADREZ" — também chamado de "tabuleiro de Xadrez" ou ainda "traçado hipodâmico", corresponde ao traçado viário com ruas perpendiculares, configurando quadras de formato retangular ou quadrado.
GABARITO — altura de uma edificação
CONDEPHAAT — Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo
ESCALA — relação de proporção que estabelece harmonia entre o espaço e o homem.

Seção de Arquivo de Negativos da Divisão de Iconografia e Museus (D.P.H.)
Jorge Hirata
Créditos Fotográficos:

Lacy M. T. Andrade
Chefe da Seção Técnica de Divulgação e Publicações

Maria Regina Knoll
Projeto Gráfico

Eunice Tamashiro
Revisora

Este livro foi composto em
Helvética e Helvética Bold no corpo 11
Impresso em papel couché fosco 120g
e cartolina branca 290gr
em abril de 1987 na IMESP.
Tiragem 2.000 exemplares.

FOTOLITOS E IMPRESSÃO
IMPRENSA OFICIAL
DO ESTADO S.A. IMESP
Rua da Mooca, 1921 — Fone: 291-3344
Vendas, ramais: 257 e 325
Telex: 011-34557 — DOSP
Caixa Postal: 8231 — São Paulo
C.G.C. (M.F.) N.º 48.066.047/0001-84

GOVERNO QUÉRCIA